Diário de Lisboa

ANO 61.º N.º 20 590
Julho 1981
Quinta-feira
15$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Segundo jornal americano

Governo português pede aos EUA que não intervenham em Angola

Um gesto contra a Unita?

O jornal norte-americano «Christian Science Monitor» revela, na sua edição datada de hoje, que o Governo português se terá manifestado junto da administração Reagan contra a ingerência dos EUA nos assuntos internos da República Popular de Angola e contra a intenção republicana de desestabilizar a situação política e económica da ex-colónia portuguesa. Citando fontes bem informadas, o «Christian Science Monitor» escreve que o ministro português dos Negócios Estrangeiros, André Gonçalves Pereira, se terá manifestado junto do responsável americano pela Defesa, Caspar Weinberger, pela cessação do apoio à Unita. Como se sabe, os republicanos estão a envidar todos os esforços no sentido de verem definitivamente revogada a emenda Clark, que «impede» a CIA de trabalhar mais abertamente em Angola.

Empate eleitoral em Israel?

Begin deverá chefiar novo Governo

Segundo as últimas projecções dos resultados eleitorais, a vantagem dos trabalhistas sobre o likud é de tal forma escassa que ambos os blocos vão ter o mesmo número de deputados: 49. Perante este previsível empate, parece mais segura que nunca a continuação de Begin na chefia do governo judaico

Pág. 14

Ler/escrever

O nosso suplemento literário «Ler/Escrever» inclui hoje numerosa informação literária e editorial, incluindo a seguinte colaboração: «Tudo OK», de Ernesto Sampaio; «Os Monumentos pela Noite», de Pedro Alvim; «Entre Bardo e Bárbaro», de Armando Silva Carvalho; «Monólogo no País de Odin», de Kostas Valetas e «As Letras em Dia», de Luís Miranda Rocha. Ali se fala ainda de Johannes R. Becher, «Homem Político e Escritor», publicando-se além disso um poema inédito de J.H. Santos Barros.

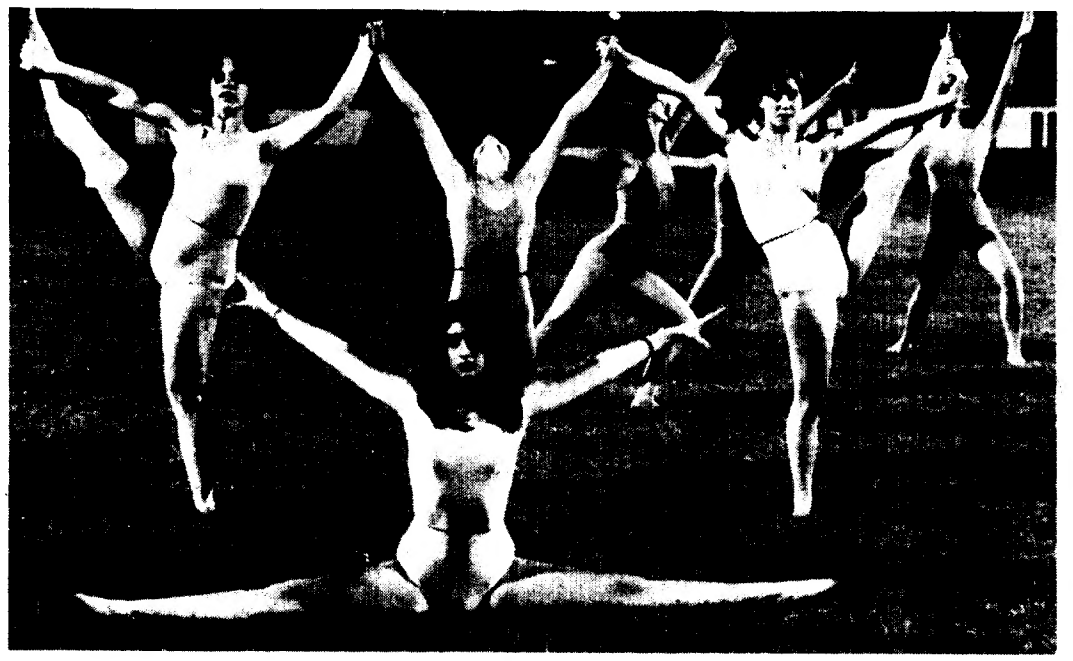
Partes cedo, amigo

«Finisterra» para Carlos de Oliveira. Ainda não tinha 60 anos. Foi hoje a sepultar no Cemitério dos Prazeres. Partes cedo, amigo! – eis a expressão que sobressai do longo adeus desta manhã. Ler «Política de A a Z» e breve nota sobre a sua figura e obra na página 7

Alvalade é diamante

O Sporting está a comemorar, com inusitado brilho e grande fé clubista, 75 anos de vida totalmente devotada à causa da Educação Física, como ficou patente na noite de ontem, quando o palco verde de Alvalade se encheu com milhares de praticantes das várias disciplinas que quotidianamente animam o solar verde-branco.

Pág. 19



Eanes recebeu filhos de Carlos Antunes

Isabel do Carmo anuncia que entrará em greve da fome no próximo dia 10

Um homem iniciou há 13 dias uma corrida de fundo que pode ter como meta, a vida ou a morte. É Carlos Antunes, o líder histórico do PRP-BR que escolheu a greve da fome como forma de luta para que sejam «cumpridas as leis portuguesas». Actualmente no Hospital-Prisão de Caxias, Carlos Antunes recebeu ontem a visita do «DL» (ver pág. 6). Enquanto isso, Isabel do Carmo anuncia a sua intenção, depois de Carlos Antunes e Rodarte de Almeida, de entrar em greve da fome no próximo dia 10 de Julho. Outra informação: o Presidente da República recebeu esta manhã os filhos de Carlos Antunes.

Concurso "DL"/81

Ainda pode concorrer

CONTINUA A REPETIÇÃO DOS CUPÕES DA 2.ª SÉRIE

Hoje n.ºs 2 e 3

Serviço Exclusivo **Le Monde** Diário de Lisboa

Um «manifesto-apelo» de cinquenta e dois Prémios Nobel

«Um holocausto sem precedentes cuja causa é política

Este apelo solene de cinquenta e dois prémios Nobel foi apresentado no dia 24 de Junho, no Senado, em Paris, na presença de Jean-Pierre Cot, ministro da cooperação, Jack Lang, ministro da cultura, e Maurice Schumann, vice-presidente do Senado. Em Genebra a aprresentação foi feita pelo secretário-geral da CNUCED, Korea.

«Dirigimos um apelo a todos os homens e a todas as mulheres de boa vontade, aos poderosos e aos humildes, todos eles com as suas responsabilidades próprias, para que sejam restituídos à vida dezenas de milhões de seres humanos que a fome e o subdesenvolvimento fazem agonizar, vítimas da desordem política e económica internacional reinante.

Um holocausto sem precedentes, cujo horror abrange num só ano todo o horror dos massacres que as nossas gerações conheceram na primeira metade deste século, está hoje em curso e vai aumentando a cada instante que passa o perímetro da barbárie e da morte, tanto no mundo como nas nossas consciências.

Todos aqueles que constatam, anunciam e combatem esse holocausto são unânimes em definir a causa dessa tragédia como sendo antes de mais política. (...)

É preciso que as maiores autoridades internacionais, que os Estados, que os povos – muitas vezes mantidos numa total ignorância da plena possibilidade de realização de uma política de vida e de salvação, tal como também a reclamam, angustiadas, algumas das mais altas autoridades espirituais da terra actuem, unindo-se ou estando unidas pela acção com objectivos pontuais precisos e apropriados, para que seja atacada, combatida e vencida, onde quer que exista, essa morte que ameaça, invade e condena uma grande parte da Humanidade.

É preciso que nos revoltemos contra esse falso realismo que incita as pessoas a resignarem-se como se se tratasse de uma fatalidade, àquilo que na verdade é uma consequência das responsabilidades da política e da «desordem estabelecida». É preciso lutar com realismo para que aquilo que é possível seja feito e não estragado – talvez para todo o sempre. É preciso que se convertam em algo de positivo tanto as modas e os movimentos de assistência que custam barato e dão boa consciência às pessoas mas não salvam aqueles a quem são destinados, como as utopias cruéis e inferiores que sacrificam os homens de hoje em nome de um projecto de homem, e a sociedade de hoje em nome de um projecto de sociedade.

Os nossos cidadãos e os dirigentes políticos devem escolher e votar, aos seus respectivos níveis eleitorais ou parlamentares, governamentais ou internacionais, novas leis, novos orçamentos, novos projectos e novas iniciativas que sejam imediatamente postos em acção para que milhares de milhões de homens sejam salvos (...).

É preciso que todos e cada um dêem valor de lei ao dever de salvar os vivos, de não matar e de não exterminar, mesmo que seja por simples inércia, omissão ou indiferença.

Se os poderosos da terra são os grandes responsáveis, o certo é que eles não são os únicos.

Se aqueles que não têm poder nem armas não se resignaram a ficar passivos, se proclamarem, cada vem em maior número, que obedecerão a uma única lei, a lei fundamental dos direitos dos homens e dos povos, lei essa que é antes de mais direito e direito à vida; se aqueles que não têm poder nem armas se organizarem utilizando as suas armas raras mas duráveis – a da democracia política e as grandes acções não violentas à maneira de Gandhi, – propondo e impondo a si próprios escolhas e objectivos sempre limitados e adequados: se isso acontecer, é certo e certamente possível a partir de hoje, que a nossa era não seja a da catástrofe. (...)

Se os meios de informação e os poderosos deste mundo, que quiseram honrar-nos através dos testemunhos de reconhecimento que nos foram atribuídos, consentirem em escutar e também em fazer escutar por esta ocasião, a nossa voz e a nossa obra tal como a de todos aqueles que durante estas semanas estão a trabalhar no mundo nesta mesma direcção, se as mulheres e os homens, se as pessoas, souberem, se forem informadas, não duvidamos de que o futuro possa vir a ser diferente daquele que nos ameaça e parece decidido para todos nós e no mundo inteiro.

Mas isto somente neste caso.

É preciso sem demora escolher, agir, criar e viver para fazer viver».

Assinaram este texto os prémios Nobel que se seguem:

DA PAZ: Norman Ernest Borlaug (1970), Mairead Corrigan (1976), Sean McBride (1974), Philip Noel-Baker (1959), Adolfo Perez-Esquivel (1980), Betty Williams (1976).

DE LITERATURA: Vincente Aleixandre (1977), Samuel Beckett (1969), Heinrich Böll (1972), Odysseus Elytis (1979), Cweslaw Milosz (1980), Eugenio Montale (1975), Patrick White (1973).

DE FÍSICA: Hennens Alfven (1970), Philip Anderson (1977), Owen Chamberlain (1959), Robert Hofstadter (1961), Brian Josephson (1973), Alfred Kastler (1966), Polykarp Kusch (1955), Nevill Mott (1977), Isidor Isaac Rabi (1944), Martin Ryle (1974), Abdus Salam (1979), Charles Townes (1967).

DE QUIMICA: Christian Aufinsen (1972), Ernest Otto Fischer (1973), Odd Hassel (1969, recentemente falecido), Gerhard Herzberg (1971), Ilya Prigogine (1977), Frederik Sanger (1958 e 1980).

DE MEDICINA: Julius Axelrod (1970), Baruj Benacerr (1980), André Courand (1956), Jean Dausset (1980), John Carew Eccles (1963), Roger Guillemin (1977), François Jacob (1965), Salvador Luria (1969), André Lwoff (1965), Daniel Nathans (1979), Rodney Robert Porter (1972), Albert Szent-Gyorgi (1937), Hugo Theorell (1955), Nikolaas Tinbergen (1973), Ulf von Euler (1970), George Wald (1967), James Dewey Watson (1962), Maurice Wilkins (1962).

DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS: Kenneth Arrow (1972), Gunnar Myrdal (1974), Jan Tinbergen (1969).

1981 concurso DL N.º

Boletim de identificação do concorrente

(preenchido com letra bem legível, indicar o nome como figura no seu bilhete de identidade)

NOME _____

MORADA _____

TELEF _____ LOCALIDADE _____

Vendedor ou estabelecimento onde adquiriu os jornais

NOME _____

MORADA _____

«—— NÃO CORTAR ——»

1981 concurso DL N.º

Talão recibo (deve ser igualmente preenchido)

Este talão serve apenas para informação do concorrente no que respeita ao número que lhe foi atribuído, não constituindo prova de que a colecção de cupões enviada esteja nas condições previstas no regulamento, o que só será apurado na altura do sorteio.

Selo de 8$50 para devolução

Prenda só por uma ponta

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

Envie as colecções até 20 de Agosto

Chegado o termo da publicação das duas séries do nosso concurso o leitor que nos tiver acompanhado, diariamente, terá em seu poder sessenta cupões, permitindo fazer duas colecções completas (cada uma tem de conter 30 cupões de qualquer das séries mas numeradas de 1 a 30). Foram, também, publicados vários boletins de identificação.

O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope. Pedimos-lhe que leia as indicações que a seguir fornecemos, esperamos que o concurso lhe tenha agradado, e desejamos-lhe boa sorte!

- **PARA SE HABILITAR AO SORTEIO** o leitor deverá juntar 30 cupões numerados de 1 a 30 (de qualquer das duas séries) recortados pelo tracejado e tendo anexo um boletim de identificação;
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;
- **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido (com a morada correctamente indicada), e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de juntar um selo de correio de 8$50. Se não enviar o selo, o leitor não deixa por isso de se habilitar ao sorteio: acontece apenas que não terá em seu poder a informação do número que lhe coube para o sorteio;
- **QUANTO AO ENVIO** o leitor pode enviar quantas colecções quiser, mas sempre só uma em cada envelope, e cada uma acompanhada de um boletim de identificação devidamente preenchido e de um selo de 8$50 no caso de desejar a devolução do talão recibo;
- **O PRAZO DE ENVIO** termina em 20 de Agosto de 1981 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA

- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;

CONCURSO DL

OS NÚMEROS ATRASADOS PODERÃO SER ADQUIRIDOS NA RUA LUZ SORIANO 17
HORÁRIO 09.30 ÀS 18.00
ABERTO À HORA DO ALMOÇO

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

5.ª, 6.ª, Sáb. às 21.30 h
Sáb. e Dom. às 16 h

PUB.

GUERRA?! NÃO OBRIGADO

Encenação:
FERNANDO GUSMÃO

Com:
Canto e Castro ☆ António Assunção ☆ Ema Paul ☆ Fernanda Montemor ☆ Teresa Gafeira ☆

50% desconto a estudantes

GRUPO DA CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE
Tel. 275 21 75

política de A a Z

Um operário das palavras

«UMA pátria é um **território cultural.** *E esse* **território cultural** *fica singularmente reduzido quando se cala uma voz como a de Carlos de Oliveira. A memória dessa voz que na sua obra persistirá é, sem dúvida alguma, um importante legado, mas a morte tem um efeito redutor. Fixa esse legado na obra produzida quando senhor de uma experiência e portador de um poder de criação, a vida alimentava a esperança de uma continuidade da obra de Carlos de Oliveira. Não calemos a surpresa de «Finisterra», nem esqueçamos que de um labor oficinal cada vez mais exigente as obras saíam mais depuradas, mais belas, à medida que o escritor dominava a sua arte e dela exigia mais e mais.*

Não se lerão as páginas de «O Aprendiz de Feiticeiro» sem tomarmos consciência do longo caminho que vai de «Casa na Duna» a «Finisterra». Carlos de Oliveira, falando do seu trabalho oficinal, diz-nos: «De quando em quando paro a medir a altura das estrelas e então, se quero seguir adiante, ordeno certas ideias em alíneas. Vamos a ver o que sai agora: a) o meu ponto de partida, como romancista e poeta, é a realidade que me cerca; tenho de equacioná-la em função do passado, do presente e do futuro; e, noutro plano, em função das suas características nacionais ou locais; b) o processo para transpor em termos literários está sujeito a um condicionamento semelhante ao dela e até ao condicionamento dela (em última análise, o processo faz parte da realidade); c) é essencial porém não esquecer estas duas coisas: a realidade cria em si mesma os germes da transformação; o processo consiste sobretudo em captá-los e desenvolvê-los num sentido autenticamente moderno; d) não concebo literatura intemporal, nem fora de certo espaço geográfico, social, linguístico; quer dizer, não a vejo inteiramente desligada das condições de tempo, de lugar; e quando digo inteiramente atendo já ao desenvolvimento específico da literatura; e) o processo, para ter alguma validez, necessita portanto de atender às circunstâncias da época e de país, precisa de ser actual e português; f) não pode ignorar, pelos vistos, os antecedentes que determinam esses atributos, devendo debruçar-se sobre a tradição literária, culta e popular, sobre os múltiplos materiais que a enformam, e procurar-lhe os caracteres dinâmicos para compreender melhor os de hoje; g) por outro lado, sempre se fez ao longo da história literária aquilo a que chamarei «transfusão cultural», isto é, emigração de ideias, homens, formas, estéticas, de país para país; porque iria deixar de fazer-se hoje que as trocas são mais fáceis e naturais?; indispensável, pois, que o processo leve em conta esse facto e não recuse o sangue alheio, tendo no entanto presente que a transformação se pratica como medida de emergência e que todo o bom organismo fabrica o seu sangue.»

Quisemos que do seu trabalho de oficina Carlos de Oliveira falasse. Entre o grande escritor e os leitores, o nosso dever é apagarmo-nos e dar a palavra a quem com palavras trabalhou e delas disse: «Nós, escritores, trabalhamos com palavras. Não nos é lícito ignorar que podem ser uma arma de força terrível ou terrivelmente frágeis. Podem apoucar as verdades ou revelar-lhes os gumes finos e luminosos. O nosso ofício consiste em escolher as palavras, utilizá-las no momento exacto, atenuá-las, engrandecê-las, dominá-las. E o que são as palavras? Língua, linguagem povo, oralidade, escrita, herança literária. A reestruturação da técnica narrativa ou poética tem de conhecer até ao pormenor a matéria de que se serve. Ou então a literatura é uma batata.»

Considerava as experiências alheias como suas, sabia que sem elas viveria «mais pobre», mas não aceitava a «mentalidade de colonizados pressuros» nem a tirania do passado. Escreveu: «Também não tenho a doença do passado nem vou de barbas para o Restelo malsinar os que partem.» Tinha a consciência de que: «vivemos, pela força das coisas, um duplo exílio: o do passado no presente, o do estrangeiro em Portugal.» E preconizava **uma resistência**, *que era cultural e também era política: «Devemos resistir à saudade excessiva dessas duas 'pátrias', à ideia do 'regresso' puro e simples a qualquer delas.» Repetia, como se fossem seus, como seus sentidos, os versos admiráveis de Afonso Duarte: «O tornar ao passado é sempre um resto/ou pior, uma falta de saúde.»*

Viveu em função do futuro. Com desesperada esperança. E nos seus versos soube dizê-lo: «Acusam-me de mágoa e desalento,/como se toda a pena dos meus versos/não fosse carne vossa, homens dispersos,/e a minha dor a tua, pensamento.»

E aos «homens dispersos», ao seu povo, prometia: «Hei-de cantar-vos a beleza um dia,/quando a luz que não nego abrir o escuro/da noite que nos cerca como um muro,/e chegares a teus reinos, alegria.»

Durante a noite que o cercou, que nos cercava, Carlos de Oliveira, escrevendo «pela noite dentro», numa vigília que era «longa e desumana», cantava: «doira-me os versos já a luz da aurora,/terra nova da pátria que nos chama.»

Quem o conheceu soube com que força íntima afirmara que: «Nunca o fogo dos fáscios nos cegou/e esta própria tristeza não é minha:/fi-la das lágrimas que Portugal chorou/para fazer maior a luz que se avizinha.»

Depois veio Abril, veio Maio, e sempre que o povo desceu à rua portador de esperanças e de cóleras, Carlos de Oliveira descia da oficina de operário das palavras e vinha vivê-las com a multidão. E nestes dias, reencontrada e amargurada a alegria que no silêncio das noites cerradas sempre sentira que se avizinhava, dele se apoderou: «Uma tristeza rubra como os cravos...»

Um dia, a uma estudante de literatura que lhe solicitara dados biográficos, Carlos de Oliveira respondeu: «Pensando bem, não tenho biografia. Melhor, todo o escritor português marginalizado sofre biograficamente do que posso denominar o complexo do iceberg: um terço visível, dois terços debaixo de água.»

Durante anos, durante uma grande parte da sua vida, Carlos de Oliveira, na oficina de escritor e na militância de cidadão, viveu, sonhou, secretamente. Impedido de expressar livremente o seu pensamento, obrigado a cuidados, para além dos literários, na escolha das palavras, Carlos de Oliveira teve que suportar a «travessia do deserto». A peça que projectou, «A Barragem» – e que não terá passado de um exercício oral – abolido o tempo histórico, falar-nos-ia de «símbolos da **resistência** *moral e política»: um Fernão Vasques, um Febo Moniz, um Manuelinho de Évora.*

Também ele, Carlos de Oliveira, na sua obra, ergue-se, sobranceiro ao tempo e aos homens, como um símbolo de resistência moral e política.

Os capitães de Abril

Instalações do Monte Sobral, em Alcáçovas, Évora, local onde os «Capitães de Abril» se reuniram pela primeira vez em 9 de Setembro de 1973, foram ontem ocupadas por um grupo de agrários «numa clara atitude de revanchismo político», como afirmou ao «DL», uma fonte militar, aludindo ao rendeiro expulso, Celestino Garcia, que naquele ano cedera o monte aos militares para a reunião clandestina que seria um dos primeiros passos para o derrube da ditadura. «Diário de Lisboa» de 23.6.81

Herculano Gomes

Uma corrente política, numericamente mais expressiva à direita e ao centro, teria preferido que os capitães de Abril se houvessem limitado, em 1974, a executar o golpe militar, entregando depois a construção da nova ordem à chamada classe política.

Esta corrente, cada vez mais activa, tem, desde então até hoje, procurado reconduzir os capitães de Abril aos quartéis ou à prisão, reduzindo-os à situação de enucos políticos ou expulsando-os da corporação militar.

Dentro de pouco tempo, com a prevista extinção do Conselho da Revolução, vão ser eliminados os últimos vestígios institucionais que mantinham viva a presença dos capitães de Abril na cena política portuguesa. Essa será a última pazada de terra que a direita e o centro, com a ingénua conivência duma certa esquerda, lançam, com indisfarçável alegria, sobre esse grupo de homens a quem devemos a derrota do fascismo português. O sabor **revanchista** com que a direita e o centro festejam já, mais ou menos ostensivamente, essa vitória, é o sinal mais evidente de que as sete cabeças da hidra fascista ainda não foram totalmente decepadas. Será sobre esta sepultura rasa e avil-tante que se irá erguer o edifício da democracia portuguesa?

Poderão objectar-me, mais ou menos melifluamente, que a missão dos capitães chegou, naturalmente, ao seu termo. Simplesmnte, vindas daqueles que nunca reconheceram essa missão, tais palavras não passam dum argumento cínico.

– Os Capitães de Abril não passam dum mito – haverá quem diga. E é mesmo natural que entre eles houvesse apenas uma coisa verdadeiramente comum: o projecto de derrubar o regime que oprimia o País. Quanto ao resto, não se poderá dizer que estivessem de antemão divididos. Eles tinham um programa à volta do qual podiam ter-se mantido unidos até à institucionalização da democracia. Politicamente inexperientes, acabaram por ser absorvidos e enquadrados pelas forças partidárias que, a partir de 1974, começaram a povoar a cena política portuguesa. Ingenuamente, os partidos faziam gala de exibir, dentro das suas fileiras, como mascote, um capitão de Abril. E as culpas disto não vão só para os Capitães, por terem, ao contrário de Ulisses, escutado a voz das sereias, mas também para as forças políticas que publicitariamente os utilizaram.

Longe de nós a ideia de que todos os Capitães de Abril constituíram modelos de abnegação cívica, de isenção, de desinteresse. Quem não sabe como alguns deles se deixaram arrastar para os caminhos do aventureirismo, do oportunismo, do carreirismo... Por culpa própria, uns; outros, por artes dos próprios inimigos de Abril, que porfiaram em atraí-los às mais engenhosas emboscadas.

Era o programa do Movimento das Forças Armadas vago e incompleto? Talvez. Mas nisso residia precisamente a sua maior força. Nem lhe competia fornecer mais do que os parâmetros dentro dos quais deveria ser construída a democracia portuguesa. Parâmetros, aliás, suficintemente amplos para que dentro do seu âmbito se pudesse desenvolver um regime à medida dos nossos tempos, tempos que são, precisamente, os da transição do capitalismo para o socialismo, ou, se quiserem, os duma fase do capitalismo em que este já não dispõe de soluções próprias para resolver as contradições que gerou.

O grande erro dos Capitães de Abril consistiu em terem entregue a dinâmica do processo político aos partidos antes de terem assegurado o cumprimento do seu programa. Teriam eles o direito de fazê-lo? Mais do que a

Continua na pág. 4

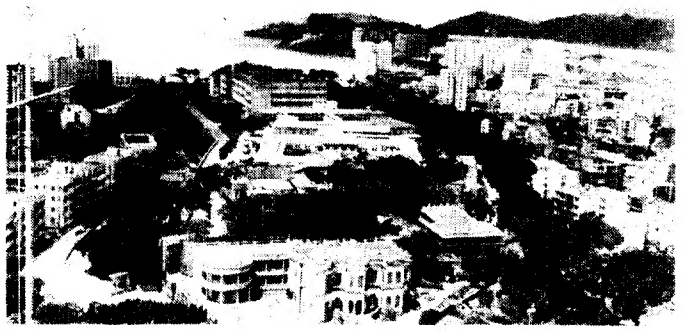
Ponto a ponto

● Uma sessão-debate sobre os projectos de revisão constitucional vai ser organizada pelo **PCP (Lisboa)** no próximo dia 8, no Pavilhão dos Desportos. «O início do processo de revisão constitucional» – lê-se numa nota do PCP – «coloca na ordem do dia a necessidade de um vasto esclarecimento sobre as diferenças entre os projectos que foram apresentados, os planos de subversão constitucional por parte da AD e ainda quanto aos perigos da FRS ceder às pressões da direita para entendimentos que desfigurem a lei fundamental em contradição com a vontade do povo português.» O debate público dos projectos de revisão constitucional é ainda necessário, segundo o PCP, porque «os partidos da direita impuseram que grande parte da discussão parlamentar não seja do conhecimento público». A sessão comunista tem como orador principal Abílio Martins, do Comité Central e intervenções de Carlos Brito, Veiga de Oliveira, Vital Moreira, Lino Lima e José Magalhães.

● Dois sindicatos de Angra do Heroísmo manifestaram a sua solidariedade para com os militantes do PRP em greve de fome. Em telegrama enviado à Comissão de Solidariedade aos Presos Antifascistas, divulgado em Angra do Heroísmo, os Sindicatos locais dos Transportes e Turismo e das Indústrias de Alimentação e Bebidas consideram que aqueles presos lutam «contra a justiça reaccionária» e pela aplicação da Lei da Amnistia. O documento acrescenta que a luta desencadeada por aqueles elementos «com o apoio dos trabalhadores fará ceder a AD e o poder reaccionário».

● Os médicos policlínicos do quinto ano exigiram em Coimbra a aplicação da Lei da Amnistia aos presos do PRP. Em comunicado, os médicos exigem também a «imediata anulação dos julgamentos» daqueles militantes de esquerda e o «julgamento dos membros da Polícia Judiciária culpados de sevícias». Responsabilizam o Governo e os tribunais por «eventuais mortes ou lesões irreversíveis dos actuais grevistas da fome».

● O tenente-coronel Vítor Alves enviou ontem um telegrama de felicitações ao presidente da Assembleia Regional pela passagem de mais um aniversário da descoberta da Madeira. Vítor Alves lembrou o que considerou de memoráveis comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, que este ano decorreram no Funchal.

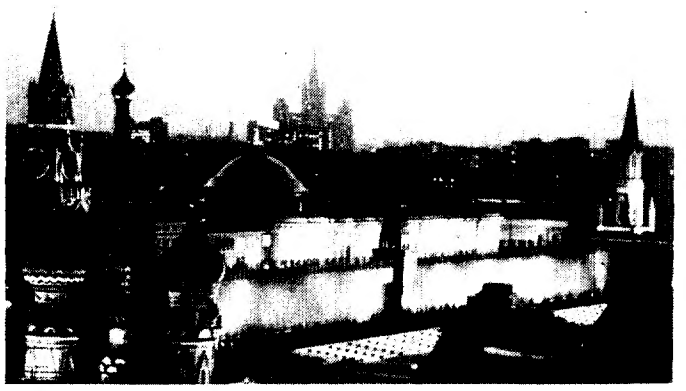


● O novo governador de **Macau**, comandante Almeida e Costa, chegou ao princípio desta tarde àquele território, onde foi recebido pelas autoridades locais e por uma guarda de honra formada por elementos das forças de segurança. De passagem por Hong-Kong, Almeida Costa e a mulher assistiram a uma recepção na residência governamental, dada pelo governador em exercício, «sir» Jack Carter, em que estiveram também presentes o cônsul-geral de Portugal, Pedro Catarino, e representantes de Macau.

● Arqueólogos do Centro de História da Universidade de Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica), do Centro de Antropologia das Sociedades Rurais (CNRS – Toulouse) e um grupo de amadores locais iniciaram **trabalhos de escavação** numa anta do concelho do Crato. O monumento megalítico, conhecido pelo nome de Penedos de S. Miguel, reveste-se de particular importância por se presumir em excelente estado de conservação. Com efeito, a estrutura da mamoa recobre ainda integralmente a câmara e a quase totalidade do corredor, não havendo sinais aparentes de qualquer violação.

A equipa, dirigida pelo dr. Vítor Gonçalves e pelo prof. Jean Guilaine, integra, para além de estudantes universitários e outros colaboradores, as dr.ªs Ana Margarida Arruda e Françoise Treinen Claustre.

● A ex-primeira-ministra Lourdes Pintasilgo, o jornalista António Mega Ferreira e o sociólogo Serras Gago participam **amanhã,** em Lisboa, num debate sobre as eleições francesas. A iniciativa é do Centro de Estudos Socialistas (CES) e da Base-Frente Unitária de Trabalhadores (Base-FUT).



● Uma delegação do PCP visitou **a União Soviética** de 23 a 30 de Junho «no quadro das tradicionais relações de amizade e cooperação existentes entre o PCP e o PCUS», anunciou hoje o PCP. A delegação comunista portuguesa era composta por Carlos Carvalhas, suplente do Comité Central, Octávio Teixeira, membro da Comissão para os Assuntos Económicos junto do Comité Central, Pina Moura e José de Castro. Uma nota do partido indica que no decurso da visita a delegação do PCP «teve oportunidade de se informar sobre as diversas questões de planeamento e do desenvolvimento económico na União Soviética, da integração económica socialista e das relações económicas da URSS e da comunidade socialista com os outros países do Mundo.»

Bolsa de valores do Porto

Bens nacionalizados em leilão...

PORTO, 2 – Um volume significativo dos acções de diversas empresas nortenhas que se encontrava em poder da Banca nacionalizada, nomeadamente do BPA, integrando portanto o sector público, foi ontem arrematado na Bolsa de valores do Porto, por baixo preço. por capitalistas e banqueiros do antes do 25 de Abril. Nestas operações sobressaíram ontem os nomes de Artur Cupertino de Miranda e António Brandão Miranda, que assim retomam posição de relevo no sector económico através da compra, praticamente, pelo preço da base de licitação, de bens pertencentes ao sector público e que irão pagar com os títulos de indemnizações oferecidos pelo Estado. Grande parte dessas acções foram alienadas pelo Banco Português do Atlântico e dizem respeito, nomeadamente, às empresas de construção «Novagaia» (comprada por Cupertino de Miranda e João Sobral Meireles) de metalomecânica «Oliveira e Ferreirinha», do Porto (alienado 31 por cento do capital), «Vilatêxtil», de Lousado (30 por cento do capital social). Artur Cupertino de Miranda despendeu ontem cerca de 38 mil contos em compras de acções.

Exigência da APU no Porto

Demissão da Câmara e novas eleições

● PS e PSD novas faltas em Loures

A APU exigiu ontem, no Porto, a demissão do executivo da Câmara local e a realização de eleições intercalares.

Em conferência de Imprensa, a APU defendeu a demissão da edilidade como «solução capaz de abrir uma nova política que, servindo os interesses dos portuenses, una todos aqueles que não querem continuar a ver a degradação da cidade».

«O descrédito com que a população vê os órgãos autárquicos, a falta de confiança que lhe inspiram não é propícia ao fortalecimento do Poder Local» – afirmaram os representantes da APU.

«Esta política não pode continuar. Há que exigir uma nova política que sirva o povo e a cidade e que decisivamente se vire para a resolução dos problemas existentes» – acrescentaram.

Os membros da APU consideraram que o ano e meio de mandato da AD nos órgãos autárquicos do concelho do Porto se caracteriza «pela não resolução dos principais problemas da população, a corrupção, o compadrio, as ilegalidades e o impedimento do funcionamento de muitos órgãos».

«O plano de actividades e o orçamento para 1981, apresentados com mais de meio ano de atraso, não têm quaisquer iniciativas, contendo inúmeros aspectos negativos» – disseram.

«Não apresentam quaisquer medidas de fundo no campo da habitação, das infra-estruturas do saneamento básico, da rede viária, dos lixos, de uma política educativa, cultural e desportiva virada para a infância, a juventude e a terceira idade», frisaram.

Consideraram também a não apresentação do relatório e contas da gerência de 1980 como «uma autêntica acusação à incompetência e incúria da Câmara AD».

Os dirigentes da APU do Porto criticam a Assembleia Municipal «por não cumprir as competências que a lei lhe confere» e ser «o eco da Câmara Municipal».

Loures: A APU está confiante

A Câmara Municipal de Loures reuniu-se ontem verificando-se, uma vez mais, a ausência dos vereadores do PS e do PSD. Tratava-se de uma reunião ordinária, na qual os vereadores da APU, sob a presidência de Severiano Falcão, deram andamento aos vários assuntos agendados.

Entretanto, a campanha que a direita vem desenvolvendo na tentativa de provocar a queda do executivo de Loures não está a obter os frutos desejados. Imperturbáveis perante as intrigas e cabalas que certos jornais vão tecendo, os membros da APU em que a população confiou nas últimas eleições, permanecem confiantes nos respectivos postos, não deixando de corresponder, em actos, às necessidades mais prementes do concelho.

Por outro lado, ainda em relação à hipótese do PS se aliar ao PSD e mesmo ao CDS (com reduzidíssima implantação em Loures), Jaime Gama (do PS) acaba de declarar à ANOP que «até agora só há declarações pessoais, sem cobertura da direcção do partido». O Partido Socialista garantiu também, em recente comunicado, que «não tinha dirigido aos sociais-democratas qualquer proposta com incidência nas eleições autárquicas». «Deixamos ao PSD inteira liberdade para prosseguir a política suicida de capitulação perante as pressões do CDS» – acrescenta o mesmo comunicado.

MDP manifesta a Eanes preocupações com a situação política e social

José Manuel Tengarrinha, «leader» do MDP/CDE manifestou ontem ao Presidente da República, no decorrer de uma audiência que lhe havia solicitado, a apreensão do seu partido sobre a actual situação política e económica O presidente do MDP/CDE era acompanhado pela deputada Helena Cidade Moura, vice-presidente, e Silveira Ramos, do secretariado nacional.

A delegação do MDP/CDE entre outros aspectos referiu ao Presidente da República factos como o estabelecimento pelo Governo de um valor de 16 por cento como meta do custo de vida, quando no mês de Maio o aumento ascendia já a 18,2 por cento, o baixo índice de crescimento industrial, com um valor médio de quatro por cento, a «preocupante» taxa de desemprego, «a situação cada vez mais grave dos pequenos e médios agricultores» e a apreensão quanto a aspectos relativos com o ingresso de Portugal na CEE.

Tengarrinha declarou também no final da audiência que «o MDP/CDE considera um fracasso a política económica e social do Governo» e sublinhou que «neste momento a AD não tem projecto definido».

Quanto à actuação do Presidente da República, José Manuel Tengarrinha considerou como aspecto fundamental o do objectivo, que tem conseguido, do equilíbrio dos órgãos de soberania, mas «assume particular relevo a sua responsabilidade que, de acordo com as suas competências constitucionais, que lhe permitem uma intervenção na vida política que é aconselhável quando o Governo põe em risco a estabilidade social e democrática».

No decorrer da audiência, que durou cerca de duas horas, foi oferecido ao general Ramalho Eanes um exemplar do livro que reúne a documentação e as resoluções do último Congresso do MDP/CDE.

Vila Franca de Xira

3·4·5 JULHO 81

COLETE ENCARNADO

✻ SEXTA-FEIRA, 3

As 19.00 h — NO LARGO 5 DE OUTUBRO Largada de Toiros
As 21.00 h — Abertura de Tertúlias ao público
As 22.00 h — NA AVENIDA PEDRO VICTOR Baile popular

✻ SÁBADO, 4

As 16.30 h — NA PRAÇA AFONSO DE ALBUQUERQUE
Concentração de Campinos
Homenagem do Município ao Campino
As 18.15 h — NAS RUAS DA VILA
ESPERA DE TOIROS seguida de LARGADA.

NOITE DA SARDINHA ASSADA

As 21.30 h — NA A. PEDRO VICTOR E MÁRTIR SANTO
Arraial Popular com folclore e Fado
Rancho Folclórico «AVIEIROS de Vila Franca de Xira» (Adulto e Infantil)
— Grupo Folclórico Bretão «SKLAERIGEN AR MINTIN» DE Villejuif, França
— Grupo de Flamengo de Badajoz
— Coros e Danças «RENASCER» de Badajoz, Espanha
— Fado

As 02.00 h — (DA MADRUGADA) NA PRAÇA DE TOIROS PALHA BLANCO
Festival Tauromático

✻ DOMINGO, 5

As 10.30 h — NAS RUAS DA VILA
ESPERA DE TOIROS seguida de LARGADA.
As 17.30 h — NA PRAÇA DE TOIROS «PALHA BLANCO»
Grandiosa corrida
As 21.30 h — NA AV. PEDRO VICTOR E MÁRTIR SANTO FOLCLORE

ORGANIZAÇÃO: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Capitães de Abril

Continuação da pág. 3

legitimidade revolucionária, eles tiveram, a partir de Maio de 1974, o direito de invocar a legitimidade popular, claramente expressa através das maiores manifestações cívicas que até hoje se realizaram neste País. Por que não quiseram usar dessa legitimidade? Diz-se, de Aníbal, que sabia vencer mas não sabia explorar as suas vitórias. Dos Capitães de Abril se poderá dizer que tiveram a coragem suficiente para enfrentar e destruir a ordem fascista, mas não tiveram a determinação necessária para impor uma nova ordem democrática em que a democracia ficasse verdadeiramente protegida contra aqueles que não hesitam em servir-se dela para destruí-la.

E assim o regresso dos últimos Capitães aos quartéis corre o risco de verificar-se sob a forte assuada dos remanescentes dum fascismo que eles não tiveram a coragem de extirpar até às últimas raízes. Iremos consentir-lo? Iremos consentir que ao fim de sete anos venha a saldar-se por uma espécie de castigo a dívida que os portugueses têm para com os Capitães de Abril

Referindo-se à prevista extinção do Conselho da Revolução, comentava há dias um salazarista recentemente restituído ao gozo parasitário dos seus rendimentos e privilégios:

– O espectáculo está a chegar ao fim. Enquadrado pelas «chocas», o toiro vai finalmente regressar ao curro, depois de devidamente castigado...

Sabemos que graçolas deste nível e «façanhas» como a do recente assalto a Monte Sobral em nada podem alterar o saldo largamente positivo que o 25 de Abril representa no apuramento das nossas contas históricas. Só uma minoria intelectualmente acéfala e economicamente parasitária poderá pensar o contrário. E só a arrogância própria dos presunçosos permite a essa minoria cultivar a ilusão de que é capaz de equacionar e resolver correctamente os problemas deste País. Nós já sabemos de que espécie de equacionamentos e de soluções essa minoria é capaz. Os portugueses estão fartos de soluções que servem apenas a alguns, precisamente aos autores dessas graçolas e dessas «façanhas».

Mas os fascistas e os falsos democratas que os caucionam esperam afinal por uma coisa impossível quando pensam que o Exército português voltará a ser reduzido à condição de touro politicamente castrado. Se a experiência dos sete últimos anos vacinou as Forças Armadas Portuguesas contra a doença militar da partidarização, não lhes tirou a consciência da sua responsabilidade cívica e política. Se não compete às Forças Armadas envolver-se na dinâmica dos antagonismos sociais, compete-lhe assegurar as condições necessárias para que essa dinâmica se processe democraticamente. Foi esse o papel que elas escolheram ao fazerem o 25 de Abril. É garantindo a dignidade do seu povo que o Exército garante a sua própria dignidade.

AINDA NÃO DECIDIU AS SUAS FÉRIAS?

Então procure-nos.
Seleccionámos especialmente para si viagens a:

	PARTIDAS
CHECOSLOVÁQUIA	5 e 12/8
BULGÁRIA	6 e 20/8, 3 e 17/9
POLÓNIA	1/8

MELHORES PREÇOS

MELHORES CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

CONSULTE-NOS:

GITUS GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL

Av da Liberdade, 73-3º Dto 1200 Lisboa • Tel 320070-320556-364303
Rua Santa Catarina, 922-1º 4000 Porto • Tel 313496
Rua António Granjo, 6 3000 Coimbra • Tel 29938

Mantém-se contestação a João Goulão

Questão do MAP dá origem a informações desencontradas no PSD

As questões relacionadas com o Ministério da Agricultura e Pescas, cuja equipa dirigente e, nomeadamente, o secretário de Estado João Goulão, está a ser alvo de intensa contestação no seio do PSD, foram motivo para um enorme imbróglio informativo que ainda está por deslindar.

O PSD reuniu ontem a sua Comissão Política Nacional, alargada aos ministros sociais-demOcratas e a diversos membros de comissões parlamentares. Na reunião não estiveram presentes nem o Primeiro-Ministro, nem o ministro da Agricultura e Pescas, Cardoso e Cunha.

À saída da reunião, o vice-presidente do partido, Carlos Macedo, declarou que a ausência daqueles dois governantes fizera adiar para o próximo dia 6 a discussão de questões relacionadas com o MAP, embora tivessem sido abordados outros problemas que dizem respeito a outros departamentos governamentais e à articulação da actividade do partido no Governo e na Assembleia da República.

Disse também, referindo-se às questões que estiveram na origem da reunião, que «a Comissão Política Nacional do PSD entendera estabelecer reuniões periódicas, de que esta foi a primeira, em termos de contacto com elementos do partido que fazem parte do Governo e deputados sociais-democratas de comissões parlamentares especializadas».

Carlos Macedo garantiu ainda que não há «guerra no PSD contra João Goulão, secretário de Estado da Produção do MAP» e que «isso é fruto de especulações acerca das quais não tem comentários a fazer».

Revelou ainda que um dos problemas que se poderia ter discutido na reunião, se o MAP estivesse presente, era o pedido de autorização legislativa a formular pelo Governo à Assembleia da República para legislar sobre a EPAC, na sequência da declaração de inconstitucionalidade de um diploma do Governo sobre o comércio de cereais decidida pelo Conselho da Revolução. E este ponto seria a justificação para a presença na reunião de deputados como Francisco Sousa Tavares, que, no entanto, foi um dos elementos que se solidarizou com as acusações da Comissão Política Distrital de Évora do PSD contra João Goulão.

Entretanto, esta informação de Carlos Macedo foi contestada por fontes do MAP citadas pela ANOP. Estas referem que o secretário de Estado da Produção, João Goulão, esteve presente numa reunião do PSD ontem realizada e que, segundo o MAP, fora solicitada pelo próprio ministério para discutir os processos e a contestação surgida contra o MAP. Segundo estas mesmas fontes, o ministro Cardoso e Cunha, quando teVe conhecimento da não participação de Pinto Balsemão na reunião decidiu também não comparecer, enviando como seu representante o próprio João Goulão, não se tendo realizado uma «reunião propriamente dita».

Responsáveis do PSD ouvidos esta manhã pelo «DL» voltaram a assegurar que João Goulão, que não é membro do PSD, não participou na reunião da Comissão Política Nacional com os ministros e deputados, ao mesmo tempo que reafirmavam que a reunião fora convocada pela Comissão Política do partido e não a solicitação do MAP.

Estas informações, aparentemente díspares, poderão no entanto, ser perfeitamente compatíveis. Isto porque poderão ter-se realizado ontem não uma, mas duas reuniões envolvendo responsáveis do MAP e do PSD.

Assim, à noite, ter-se-ia realizado a reunião da Comissão Política Nacional do PSD, a que se reportam as declarações de Carlos Macedo e, na qual, com efeito, não terá participado nenhum responsável pelo MAP.

Mas ontem à tarde, tal como o «DL» anunciou em primeira «mão», esteve prevista a realização de uma outra reunião, destinada exclusivamente à apreciação da actividade do MAP e que juntaria membros do Governo ligados ao sector e a demissionária Comissão Política Distrital de Évora do PSD.

A esta reunião, ao contrário do que se esperava, não compareceram Pinto Balsemão e Cardoso e Cunha, tendo este enviado João Goulão em sua substituição. A este encontro é que se refeririam as informações veiculadas pela Anop e divulgadas pelo MAP.

No entanto, ao fim da manhã de hoje, o PSD não confirmou sequer que esta reunião estivesse preparada, revelando que ninguém tinha conhecimento dela. Apesar de o «DL» ter ontem à tarde divulgado que a sua realização estava prevista.

As questões do MAP continuam, aliás, como se vê, a motivarem debates quentes no PSD. Principalmente porque muitos sociais-democratas não pretendem pactuar mais com alegadas ilegalidades cometidas pelo secretário de Estado João Goulão.

O secretário-geral da CAP, José Manuel Casqueiro, reuniu-se ontem com o Primeiro-Ministro, de manhã. Embora não se saiba o que se passou na reunião, a questão do MAP não terá deixado de ser abordada, até porque a CAP é actualmente o principal sustentáculo de João Goulão. Depois de se encontrar com Casqueiro, Balsemão não participou em nenhuma das reuniões previstas. Mas segundo informações divulgadas pelo seu Gabinete, isso deveu-se apenas a compromissos assumidos pelo Chefe do Governo.

Mário Soares considera "normal" aumentos dos deputados

Mário Soares, que anda pelo distrito de Coimbra em contactos e reuniões com vista ao próximo Congresso desta Federação Distrital do PS, declarou ontem à ANOP que a recente vitória eleitoral do Partido Socialista Francês e a inclusão de comunistas no Governo daquele país não irá criar dinâmicas de unidade popular na Europa mediterrânica.

Para o secretário-geral do PS a vitória de Mitterrand (conseguida com os votos dos comunistas e de um modo geral de toda a esquerda) foi «uma espantosa viragem favorável ao socialismo democrático» e «uma estrondosa derrota do PCF».

Soares disse que os resultados das eleições francesas já tiveram consequências positivas em Itália e em Israel e espera que as venha a ter também em Portugal e na Grécia, ao mesmo tempo que se mostra convencido de que o seu partido vencerá as próximas eleições, porque «a AD está cada vez mais a ser um projecto de direita».

O «leader» do PS acusou o PSD e o seu presidente, Pinto Balsemão, de capitulação à direita e o Governo AD de incapacidade para resolver os problemas do povo português, principalmente o aumento do custo de vida.

O secretário-geral do PS considerou «normal» o recente aumento dos vencimentos dos deputados, porque, na sua opinião «as funções públicas devem ser remuneradas condignamente».

Afirmou que aqueles aumentos surgem na sequência de outros atribuídos aos presidentes das Câmaras Municipais, ministros e Presidente da República.

Depois de afirmar que um deputado ganhava menos que um operário qualificado, Soares considerou «natural» que Álvaro Cunhal esteja contra «pois consegue viver com 7500 escudos por mês...»

PS critica Balsemão

O semanário «Acção Socialista», critica duramente o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, a quem acusa de vir cedendo às pressões dos sectores de extrema-direita e de capitular perante o CDS.

«Não possuindo ideias próprias sobre a política governamental a seguir – escreve o semanário do PS – incapaz de assegurar uma liderança nítida no Governo e no PSD, Balsemão foi sendo cercado pelo CDS, tendo finalmente capitulado perante todas as suas teses.»

Entretanto, num comunicado ontem distribuído, o PS «repudia energicamente as afirmações produzidas no Porto pelo ultraconservaor» secretário-geral do CDS, Rui Oliveira, a propósito da actividade do PS na Região Autónoma dos Açores».

Considera «ignóbil» a afirmação de que o PS no arquipélago preconiza a «marxização da sociedade local» e constitui «o refúgio dos comunistas» e diz que ela se destrói a si própria pelo «ridículo», mas revela «em toda a sua clareza e gravidade, o obscurantismo monolítico que actualmente predomina no CDS e nos sectores mais retrógrados que comandam a AD».

A nota do PS termina afirmando que a incapacidade do CDS nacional para compreender a temática da autonomia regional, «incapacidade aliás também revelada pelo PCP», é responsável pela fraca expressão eleitoral dos centristas nos Açores e por isso «retira ao secretário-geral do CDS, Rui Oliveira, autoridade para se pronunciar sobre matérias e situações que em absoluto ignora».

DATSUN
SOMA E SEGUE...

Mais uma vitória, de
SANTINHO MENDES/FILIPE LOPES
em **DATSUN** no
campeonato Nacional de Ralis de 1981

Depois das vitórias nos Ralis Internacionais da
FIGUEIRA DA FOZ
FUTEBOL CLUBE DO PORTO
ROTA DO SOL

AGORA, VITÓRIA ABSOLUTA NO
RALI DE S. MIGUEL - AÇORES

DATSUN CAMPEÃO NACIONAL DE RALIS — 1980
DATSUN CAMPEÃO DO "RALI DO DIA-A-DIA"
DATSUN CAMPEÃO DA QUALIDADE

DCS PUBLICIDADE

ENTREPOSTO
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

NISSAN
DATSUN

Confirma-se

Agentes da PJ do Porto torturaram presos do PRP

Durante meses, os presos do PRP afirmaram-se alvo de sevícias por parte de agentes da Polícia Judiciária. Poucos foram os que neles acreditaram. Finalmente, a verdade veio à tona: ao fim desta manhã estava completamente pronto para ser entregue no Tribunal de São João Novo (correccionais) o processo da Procuradoria-Geral da República relativo a sevícias cometidas por agentes da PJ (Porto) sobre elementos do PRP que estiveram detidos há cerca de três anos nos calabouços daquela Polícia.

São sete os agentes acusados no libelo, sabendo-se que há indícios suficientes para o juiz que ficar encarregado do caso receber a acusação. Com efeito, os exames médicos feitos na Faculdade de Medicina aos presos atingidos são comprovativos das torturas sofridas.

Refira-se a propósito que foram precisamente estes exames que demoraram o processo. A Faculdade de Medicina do Porto demorou cerca de um ano para os enviar.

Apesar de ser entregue hoje, o processo nunca poderá ser julgado antes de Outubro, devido às férias judiciais de Agosto e Setembro. Por outro lado, de acordo com uma nova disposição legal, os julgamentos só podem ser marcados com um mínimo de vinte dias úteis de antecedência, para dar tempo aos arguidos de organizarem a sua defesa.

Admite-se, todavia, que na próxima semana o juiz que ficar com o processo marque a data do julgamento para Outubro.

Entretanto, centenas de trabalhadores e estudantes têm enviado documentos ao PR, CR, Primeiro-Ministro, AR e do Supremo Tribunal de Justiça, reclamando que sejam tomadas medidas que possam evitar a tragédia que constitui no seu entender a morte iminente de Carlos Antunes e de outros presos do PRP. «É inadmissível – dizem – que no Portugal de Abril as pessoas tenham que arriscar a vida pela simples aplicação das leis e pela liberdade.»

Também a delegação do Porto do Centro «O Trabalho» se manifestou contra a situação que levou Carlos Antunes e Rodarte de Almeida a entrarem em greve, considerando que «é inadmissível que presos políticos, militantes antifascistas, tenham de jogar a vida, sete anos depois de Abril, pela simples e correcta aplicação das leis, enquanto os seus torcionários continuam impunes e os 'pides' e bombistas se encontram em liberdade.»

entrevista

Carlos Antunes ontem à tarde ao "DL":

"Se cair em coma não quero assistência"...

À esquerda, os filhos de Carlos Antunes, Paulo e Cristina; à direita dois visitantes: Maria Belo e Manuel Alegre

«Se cair em coma, não quero assistência...» Ainda disponho da lucidez necessária para me dar conta que, num aspecto, estamos de acordo. O Governo não quer ceder. Nós também não. Na parte que me toca, a minha determinação em não ceder é tal que exijo publicamente o respeito pela minha vontade, ou seja: não quero que me prestem qualquer assistência clínica no caso de entrar em estado de coma...» – estas palavras, brutais e chocantes na sua simplicidade, ouviu-as ontem à tarde o «DL», no Hospital-Prisão de Caxias, da boca de **Carlos Antunes**, o dirigente histórico do PRP-BR que há treze dias iniciou uma greve da fome para obter a satisfação dos seus direitos – do Homem e constitucionais.

Na minha frente, numa célula individual – 4 por 3,5 metros, uma cama, um lavatório, uma janela com grades, duas cadeiras... –, um homem que em tempos não muito recuados foi figura temida e odiada por uns, querida e adulada por outros. Para a PIDE/DGS, antes do 25 de Abril, constituiu um autêntico pesadelo. Mais tarde, durante aquele período de «brasa» que ficou gravado nos nossos anais sob o nome de PREC, foi a voz que frequentemente se ergueu para clamar em sutstância que «a Revolução só será possível quando cada braço válido empunhar a arma que apeará para todo o sempre a burguesia do poder».

A morte não é o fim do combate

Este «apóstolo» da «insurreição armada» opta hoje, para alcançar os seus objectivos, não pelo erguer de braços (armados) mas, antes pelo contrário, pelo que poderá parecer um baixar de braços, uma entrega à incerta «boa vontade» do «inimigo», por uma forma de luta considerada, com ou sem razão, como «passiva». Não haverá contradição?...

Carlos Antunes, alimentado há treze dias por 3,5 litros de água diários e por não sabe quantos maços de «SG-Gigante», com duas úlceras, uma no estômago, outra no duodeno, de pijama e roupão, ar exausto, mas olhos e espírito sempre alerta, diz-nos «que não».

«Nunca pensei, diz-nos, que a morte fosse o fim do combate. A morte de um dirigente não é grave. Por vezes a morte do «pai», o «dirigente», até é positiva – faz com que os «filhos» se assumam. Diga-se, aliás, que o conceito de liderança é um conceito burguês. Dito isto, não estou em contradição – os meus objectivos mantêm-se intactos: a insurreição armada é a única táctica possível para o povo trabalhador tomar o poder. No entanto, aqui e agora, a única arma de que me posso servir para enfrentar a burguesia, a injustiça, é a da greve da fome». E acrescenta: «Lembro, porém, que nunca exerci a violência sem amor e que sempre respeitei a dignidade dos meus inimigos. O que não acontece com eles em relação a mim...»

Venham elas de onde vierem...

Perguntamos-lhe porquê. A resposta não tarda. «O comunicado do ministro da Justiça oferece uma resposta cabal àquilo que acabo de afirmar. O ministro quer-me alimentar à força. Não tem mentalidade cristã, já que não deixa as pessoas viver em paz, nem as deixa, pelo menos, morrer em paz e de acordo com os seus desejos...»

Aqui, da nossa parte, um pequeno esclarecimento. Constatámos «in loco», que nenhum dos médicos do Hospital-Prisão de Caxias parece disposto a alimentar Carlos Antunes à força. Venham as ordens de onde vierem. Ouvimos, inclusivamente, um médico afirmar: «Se o senhor ministro quer alimentá-lo à força, que seja ele a fazê-lo. A não ser, que você entre em estado de coma e não haja nenhum documento seu que ateste a sua vontade de não receber cuidados clínicos...»

Enquanto falamos com Carlos Antunes, entram os seus filhos mais pequenos para o visitar. Um menino, com menos de 4 anos, e uma menina com pouco mais de 7. O pequenino – Sérgio, filho de Isabel do Carmo e de Carlos Antunes, uma criança que viveu com a mãe encerrado nas quatro paredes de uma célula durante os dois primeiros anos da sua existência, transporta consigo os estigmas de uma infância «diferente». Logo que vê o pai, os olhos inundam-se de lágrimas. Alguém lhe disse que o pai ia morrer. Momento particularmente difícil para todos e que Carlos Antunes tenta solucionar da melhor maneira: «Então filhote? O pai não está doente...» Levanta-se e pergunta-lhe se quer jogar ao «futebol», se quer fazer «ginástica» com ele. O menino acalma-se aparentemente, mas sente-se que o «número» do pai não o convenceu. O vírus das lágrimas iniciais daquela criança loura – loura como as espigas de trigo –, atingiram os olhos dos presentes. Carlos Antunes será o único, ele que há treze dias está a água... sem pão, a levantar o ânimo das hostes: «talvez não acreditem mas sofro muito mais quando vejo outros em greve da fome, quando os meus amigos se deixam abater, sofrem pelo que me está a acontecer. Que não é nada de especial afinal...»

Lei da Amnistia

Perguntamos-lhe «porquê continuar?», se a Comissão Constitucional e o Conselho da Revolução já se pronunciaram pela «ilegalidade» dos veredictos contra eles (Carlos Antunes, Isabel do Carmo, Fernanda Fráguas, Rodarte e outros...), pronunciados.

«Confesso, por mim teria acabado. Sofre-se muito, sabes?» – afirma-nos e questiona-nos simultaneamente Carlos Antunes. E prossegue:

«Mas agora a luta é também outra. Queremos que a Lei da Amnistia nos seja aplicada. Vera Lagoa beneficiou dela. Os separatistas – os quais mesmo em termos burgueses não são patriotas... – também dela beneficiaram. Nós que o somos (patriotas) porque é que não havemos de beneficiar?...»

Não cabe ao jornalista dar conselhos. Cabe ao jornalista por vezes a «ingrata» tarefa, e esta é uma delas..., de fazer perguntas que esclareçam quem as faz e, sobretudo, a opinião pública. Daí, duas derradeiras perguntas, outras tantas respostas.

«Como te sentes, como tens sido tratado?» – **uma**. «Cá vou indo. Fome? Não tenho! A única vez que a senti, foi no dia em que o Conselho da Revolução se pronunciou contra a «ilegalidade» do julgamento a que fomos sujeitos. Como tenho sido tratado? Ainda ninguém me apalpou desde que estou aqui. Os médicos vêm cá, é verdade, mas nunca me falam de medicina. Falam disto, daquilo, daqueloutro, mas de medicina nunca. Um deles, conhecido por «Sheltox», porque, segundo parece, mata que se farta..., nunca me viu, nem eu a ele. No entanto, afirma que me encontro em estado «estacionário». Estacionado em Caxias talvez, estacionário não sei... O que sei é que a «guerrilha» que me move o Governo me aumenta o ritmo cardíaco, me coloca em situação de «stress». À parte isso, tudo bem...»

A onda de solidariedade que te tem assolado também inclui aqueles que, na tua ausência e da Isabel do Carmo, se apoderaram da direcção do teu partido? – **outra**

«Tentaram, tentaram colar-se ao movimento. Mas repudiámos essa pretensa e hipócrita solidariedade. Sempre foram chulos, e de gente dessa laia estamos fartos...».

Despedi-me. Ao sair cruzo-me com Cristina, 22 anos, e Paulo, 21, os filhos de Carlos Antunes que pouco antes tinham chegado de Paris, onde vivem, para, como disseram, ajudar a salvar a vida do pai. Também Manuel Alegre e Maria Belo se preparavam para visitar um amigo que embora siga actualmente um rumo por eles considerado errado, não deixa de o ser (amigo) e de merecer toda a sua solidariedade.

Rumo a Lisboa dei-me conta de que um homem sobre quem não pesa nenhuma acusação de homicídio, vai sendo vela consumida pela chama de uma luta até às últimas consequências, luta travada para obter aquilo a que, afinal, tem direito – justiça. Mesmo se se trata de «justiça burguesa»...

Manuel Anta

Ridículo

Ridículo. Francamente ridículo! Chega-se ao Hospital-Prisão de Caxias e, quase diríamos, entra quem quiser. É-se familiar ou amigo, mostra-se o Bilhete de Identidade, passa-se o exame «prévio» do detector de metais, as portas abrem-se. Mas se se é jornalista, se se pretende exercer declaradamente a missão de informar, o caso fia mais fino. As portas fecham-se, as ordens e contra-ordens surgem. Quatro jornalistas ontem à tarde em Caxias para chegarem à fala com Carlos Antunes. Três redactores, um repórter-fotográfico. Todos se assumem como tal. Mas, para conseguirem os seus objectivos, só como «amigos» os três redactores o puderam fazer. O repórter-fotográfico, cujo instrumento de trabalho não é a caneta mas sim a máquina do «clic-clac», mais volumosa, esse não pode entrar. A liberdade de Informação em Portugal continua a ser «letra morta» nos meandros de certas mentalidades obtusas. Chegou-se ao ponto de «amigo» ter mais direitos do que «jornalista». Até quando minha gente?

M.A.

PRÉDIO VENDE-SE

3 andares, local central, capacidade para supermercado, pronto a vestir ou centro comercial, contra andares ou prédio com capacidade de 20 gabinetes e três salões.
Resposta a este Jornal ao N.º 1071

Carlos de Oliveira foi a sepultar

Muitos foram os nomes da nossa vida cultural presentes no funeral. Alguns: Augusto Abelaira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Judite de Carvalho, Mário Dionísio, Fernando Piteira Santos (em cujo jazigo de família o corpo ficou depositado), Fernando Namora, Orlando Costa, Rogério Fernandes e Artur Ramos (estes três últimos pela APE), Fernando Assis Pacheco, Armando Bacelar, Nelson de Matos, Fiama Hasse Pais Brandão, Alexandre Pinheiro Torres, Carlos Coutinho, José Ribeiro dos Santos, Carlos Porto, Aboim Inglês, Manuel Gusmão, Joaquim Namorado, José Fernandes Fafe, António Borges Coelho, Mário Castrim, Isabel da Nóbrega, José Carlos de Vasconcelos, Maria Barroso, Rui Grácio, Joel Serrão, Natália Nunes, Manuel de Azevedo, etc., etc

Foi esta manhã a sepultar no Cemitério dos Prazeres, por entre o respeito de todos quantos prezam a dignidade e o génio, o escritor Carlos de Oliveira, falecido na madrugada de ontem. Avesso a homenagens, recusando com amabilidade a vã glória dos títulos em caixa alta, Carlos de Oliveira, como se salienta na secção «Política de A a Z», foi um operário das palavras em prol de um melhor entendimento entre os homens.

Na verdade, quem, livro a livro, acompanhou a sua obra, ora pela prosa, ora pela poesia, foi descobrindo ao longo do tempo uma rigorosa elaboração interpretativa do mundo em que estamos inseridos. Sem cairmos em pieguices, em lugares comuns, em palavras de circunstância, Carlos de Oliveira, sem menosprezar o lugar em que estava, o espaço em que se movimentava, o País de que era, soube sempre contar tudo de forma a que nos sentíssemos situados no Universo. E é isso precisamente que torna a sua escrita tão presente, viva, como um corpo que, periodicamente, cumprisse uma rotação em torno de nós, seus humildes e encantados leitores.

Na sua função de escritor, Carlos de Oliveira soube despir-se de todos os adornos, de todas as palavras supérfluas – e, assim, a sua escrita, a uma atenção menos avisada, poderá parecer nua, fria, seca. Mas não: essa economia de termos, a constante exigência na simplicidade da construção, só o preciso e mais nada, antes revelam um grande amor e respeito pelas coisas e pelos homens. Não se dispersa inutilmente: é pouco nas expressões pelo simples motivo do muito que sabe dizer. Tal como quem, em suma, pronuncia o nome de uma pessoa. Que pode ser Ângela, que pode ser o nosso – e sempre tudo «entre duas memórias», encarando sempre as duas partes da vida, e de ambas tirando uma lição que nos sirva de norte por entre a poeira do mundo.

Define-se um escritor muitas vezes até por um simples título. E quando, depois de muito trabalho, se sintetiza um romance pela expressão «Uma abelha na chuva», o leitor dá-se conta de uma imagem que resume toda uma situação e toda uma compreensão estruturada em pequenos gestos, escassos nadas, palavras poucas. Eis então que esse título se transforma num ponto de referência, quase que numa equação matemática, num dois e dois são quatro. E não raro vivendo uma situação idêntica o leitor dirá muito para si, contemplando-se ou contemplando outros: «Enfim, uma abelha na chuva...»

Não nos magoamos nas páginas dos «Pequenos burgueses», embora seja um dos romances mais cruéis da nossa literatura. E não nos magoamos porque precisamente toda a sua construção, ora aparentemente precipitada, ora aparentemente perdida por hiatos, nos leva a ver o pântano em que, muitas vezes, os homens vivem ou uma sociedade sobrenada. Temos então esse livro por uma aviso, por um alerta, por um grito, pelo que subitamente desviamos o rosto para o lado e nos pomos a pensar em outras formas de vida. Ah, pois – diremos –, há outras coisas...

Só se sente perdido em «Micropaisagem» quem nunca soube somar o mundo. Estes poemas, tão medidos, tão sonetos em ritmos vários, colocam o leitor (encantados e humildes) perante as muitas fracções de que tudo é feito. Aí, Carlos de Oliveira soube desmontar, palavra a palavra, a escondida máquina do mundo, da existência, da sensibilidade humana. «Micropaisagem», para além de um livro de grande poesia, é também uma lição de como se pode atingir as coisas na grande simplicidade que as reveste e integrá-las na nossa compreensão. É o que fica para além de todos os subjectivismos – e, porque tão concreta, tão objectiva, tão contínua e descontínua, é que «Micropaisagem» nos prende nas linhas multiformes da emoção...

Finalmente, e passando por outros títulos que antecederam ou se situaram entre os atrás mencionados, o leitor tem o itinerário demorado de «Finisterra», ponto alto das nossas Letras, onde os movimentos da acção, pelo tempo e pelo espaço, e sempre pela atenção que observa um e outro, nos vão dispersando, dispersando, e, por fim, nos conduzem à apreensão do que flui e do que, fuindo, fica na memória: Carlos de Oliveira, por exemplo.

P.A.

Para construção de centros de saúde

Mais 365 mil contos de empréstimo dos EUA a Portugal

Um empréstimo no valor de 365 mil contos foi ontem entregue pelo embaixador dos Estados Unidos em Lisboa ao ministro português dos Assuntos Sociais, Carlos Macedo. O empréstimo servirá para prosseguimento da construção de 14 centros de saúde, e trata-se de parte apenas dum total de um milhão de contos que os EUA vão emprestar a Portugal, segundo acordo feito em 1977. Ao abrigo deste empréstimo já foram construídos alguns centros de saúde, o de Oeiras, por exemplo. Foi neste centro, aliás, que ontem se realizou o acto de entrega.

Na ocasião, o ministro Carlos Macedo afirmou que a decisão de Portugal de utilizar o empréstimo na construção de centros de saúde representa «um investimento na área dos serviços extra-hospitalares». No dizer do responsável pelo sector da Saúde a nível ministerial, o problema financeiro neste sector é, hoje, «grande preocupação para qualquer Governo, e torna-se necessário fazer força nos serviços extra-hospitalares, que estão aptos a resolver grande parte das situações».

Portugal é um país com «cuidados de saúde bastante bons em algumas áreas» e o problema principal é a «descoordenação» deles.

No seu discurso, o embaixador Richard Bloomfield afirmou que o sistema de saúde português se encontra em fase de transição, o que, em seu dizer, acontece em muitos países, incluindo os Estados Unidos.

O embaixador referiu-se também aos encargos financeiros neste sector, acrescentando que é hoje tarefa que se impõe a qualquer Governo «fazer mais com menos, ou seja, aumentar a eficácia, reduzindo as despesas».

Richard Bloomfield recordou ainda que, à excepção do Centro de Oeiras, os restantes centros construídos ou a construir ao abrigo deste empréstimo são todos em pontos no interior do País.

alteração de prefixos na central de ALCOCHETE

234
234
2340
2340

A partir de 4/7/81, vai ser alterado o prefixo dos números de telefone pertencentes à Central de Alcochete.

O prefixo 2340 substitui o 234.

Ex: o número 234 211 passa para **2340** 211

Estamos empenhados em criar condições para responder com maior eficácia às solicitações do Público e do País.

A NOSSA APOSTA É SERVIR CADA VEZ MELHOR!

TELEFONES DE LISBOA E PORTO
DIRECÇÃO DE LISBOA

MOLDES DE BORRACHA

Executo moldes de borracha sintética e de latex, para estatuária e outros fins. Também executo vitrais artificiais.
Resposta a este jornal ao n.º 2072

top tours

eficiencia rapidez segurança ao serviço do Turismo

FÉRIAS NA PRAIA 81

Algarve	Desde	300$00
Torremolinos	»	365$00
Benidorm	»	560$00
Funchal	»	10 970$00
Palma Maiorca	»	15 750$00
Ibisa	»	18 980$00
Canárias	»	18 800$00
Tânger	»	10 190$00
Jugoslávia	»	29 800$00
Bulgária	»	32 700$00
Roménia	»	25 900$00

RESERVAS E INFORMAÇÕES

AGRADECIMENTO

A Família de *Hermínia Aurora de Sá Dias Ferreira*, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram comparecer ao funeral, e cerimónias fúnebres, ou que por outro modo lhe testemunharam o seu pesar, vem por este meio expressar a sua mais profunda gratidão.

António Joaquim de Sá Dias Ferreira
(Presidente)
Maria de Lourdes

● O Conselho de Informação para a ANOP decidiu constituir uma Comissão de Inquérito, integrada por um representante de cada partido com assento no CI, para analisar o diferendo surgido entre a Comissão de Trabalhadores e a Direcção de Informação da agência relativo à não divulgação de notícias daquela estrutura de trabalhadores

● No momento em que estão retomadas diligências para resolução definitiva dos problemas que têm envolvido o matutino «Correio do Minho», de Braga, registou-se a cessação de funções do anterior titular da sua direcção. Assim, e por isso, e até que sejam preenchidas as condições legais exigíveis ao preenchimento daquele cargo, o referido jornal não pode publicar-se, esperando-se que tal situação venha a ser ultrapassada dentro de alguns dias.

Rádio e TV em França

Socialistas propõem Comissão Especial para independência das transmissões

O novo Governo socialista francês tenciona abdicar do controlo directo dos órgãos de radiodifusão, há 23 anos ao serviço de sucessivos Governos conservadores – anunciou o ministro das Comunicações, Georges Fillioud.

Fillioud declarou numa reunião do Conselho de Ministros que será criada uma comissão especial destinada a estudar a forma de garantir a independência das transmissões e assegurar o acesso aos órgãos de Informação de todas as correntes políticas de opinião. Um projecto de lei nesse sentido deverá ser submetido ao Parlamento no Outono.

Os órgãos de radiodifusão têm sido criticados, sobretudo pela anterior oposição de esquerda, que os acusava de não passarem de uma arma de propaganda do Governo.

Todos os directores e responsáveis da Rádio e das cadeias de Televisão eram nomeados por Giscard d'Estaing que também tinha enorme influência na selecção dos jornalistas.

Aliás, um dos «slogans» mais ouvidos durante Maio de 68 exortava a população «a fechar a Televisão e a abrir os olhos».

Os socialistas, agora no Poder, afirmam que não farão qualquer tipo de «caça às bruxas», limitando-se neste momento a criar condições para que possa ser alterada a política dos anteriores Governos no tocante à Informação.

A Lei de Radiodifusão que será apresentada no Outono deverá apelar para a criação de um corpo independente de supervisão possivelmente composto por representantes do Governo, da oposição, dos trabalhadores e dos ouvintes (isto é, da opinião pública). Fillioud apontou como principal objectivo do Governo a libertação dos órgãos de Informação tanto das pressões políticas como financeiras – e sugeriu que esse organismo de supervisão passaria a nomear os directores da Rádio e da Televisão.

«Osservatore Romano»

«L'Osservatore Romano» festejou ontem o 120.º aniversário da sua fundação.

Esta ficou a dever-se, em 1 de Julho de 1861, a dois jornalistas católicos, Nicola Zanchini e Giuseppe Bastia.

Assinalando a efeméride, o director do jornal oficial do Vaticano afirma, em editorial, que o «Osservatore» conseguiu atingir os seus objectivos: «Transformar-se em instrumento da mensagem universal da Fé, combater pela Verdade e pela Paz, pela Caridade e pela defesa dos Direitos do Homem...» E ainda: «Este jornal não é apenas uma testemunha, mas também um actor da História.»

RDP: o suave milagre

(A poção Panoramix — Freitas)

A Comissão Administrativa da RDP já atingiu uma craveira milagreira: usando e cultivando a sua doce impunidade, gozando de uma protecção que lhe permite limitar e cercear descansadamente a liberdade de informação e de expressão dos portugueses, a CA da RDP não multiplicará ainda, infelizmente, os pães. Mas animem-se: consegue multiplicar as notícias! De um só facto, de um só acontecimento político de natureza partidária, devidamente seleccionado, arredondando-o; alterando-o, inovando-o, mas repetindo-o sempre de mil ângulos diferentes e iguais, a RDP lá consegue criar matéria para 15 – quinze – noticiários principais da Antena I, (das 8, 13, 19.30 e 23.30 horas), durante seis dias, durante quase uma semana! Um só acontecimento e 189 linhas de prosa dactilografada! Um só facto e cerca de 8 páginas de noticiário! É obra! Tem palmas, e um dia terá palmadas!

Anucia-se o acontecimento...

A **27.2.81**, no noticiário das **19.30**, pela primeira vez – que saibamos – é anunciada a aproximação do feliz evento!

«No próximo domingo» (ainda estamos em 6.ª feira) **«parte para Bruxelas o presidente do CDS. Prof. Freitas do Amaral, que ali vai participar da reunião do «bureau» (sic) político da União Europeia das Democracias Cristãs. Reunião onde Freitas do Amaral se candidata à presidência da Organização».**

Dia **28.2**, a notícia volta logo às **8 da manhã: «Entretanto, foi anunciado que o líder do CDS, Freitas do Amaral, parte amanhã para Bruxelas a fim de participar na reunião da União Europeia das Democracias Cristãs, na qual deverá ser eleito presidente».**

Às **13 horas**, a notícia repete-se: **«O presidente do CDS – Prof. Freitas do Amaral – parte amanhã para Bruxelas, aonde assistirá à reunião do «bureau» (sic) político da União Europeia das Democracias Cristãs (UEDC).**

Durante a sessão proceder-se-á à eleição do novo presidente da UEDC. Freitas do Amaral é um dos candidatos ao lugar.

– Recorde-se que há cerca de duas semanas, o presidente do CDS esteve reunido com responsáveis da UEDC e terá ficado definido que Freitas do Amaral seria o novo presidente da União Europeia das Democracias Cristãs».

Dia 1 de Março, o acontecimento rompe de novo logo às **8 da manhã: «Segue hoje para Bruxelas», etc. etc.»** Única novidade em 12 linhas de texto: **«A posse do novo presidente realiza-se na 3.ª feira, 3 do corrente, com a presença de figuras do CDS, como Basílio Horta, Lucas Pires, Rui de Oliveira, Azevedo Coutinho e Paulo Marques, devendo todos regressar a Lisboa na próxima 5.ª feira».**

Ainda nem partiram, e já lhes anunciam o regresso! Nem isso poupam!

Às **13 horas,** mais 12 linhas: **«O dirigente centrista Freitas do Amaral parte dentro de momentos para Bruxelas, etc, etc.»** Leve alteração na ordem por que são citados os acompanhantes centristas. Agora a ordem mudou: **«Freitas do Amaral, que nesta deslocação à capital belga se faz acompanhar de Azevedo Coutinho, Lucas Pires, Rui de Oliveira, Basílio Horta** (só no quarto lugar!) **e Paulo Marques** (...)». Quererá isto dizer alguma coisa?

Às **19.30 horas** lá vem, triunfalmente, o anúncio:

«A nível partidário (sic, reconhece-se enfim...) **há a realçar que 3.ª feira Diogo Freitas do Amaral deverá ser eleito»**, etc. etc.

«A RDP esteve no aeroporto da Portela, esta tarde, no momento em que o líder do CDS se preparava para deixar Lisboa. Sobre o cargo que a nível europeu vai desempenhar, eis o que nos disse Freitas do Amaral» (segue-se uma longa gravação).

«O dirigente centrista considerou ainda que os democratas cristãos são a maior força política do Ocidente que detêm a maioria no Parlamento Europeu».

A **2 de Março,** logo cedinho, às **8 horas,** tudo volta à carga... De novo, só se fica a saber que, afinal, houve atrasos de partida: **«Para Bruxelas seguem hoje os dirigentes do CDS, Lucas Pires e Basílio Horta, para se juntarem a outros membros do partido,»** etc, etc. Mais 11 linhas... Às **13 horas,** vira o disco e toca a mesma.. São outras (ou as mesmas...) 17 linhas. Destaque-se, entretanto:

«Em declarações feitas à partida de Lisboa, o presidente do CDS considerou que a sua eleição traduz o óbvio reconhecimento do papel que o seu partido desenvolve em Portuga, no sentido do estabelecimento de uma democracia europeia, tipo ocidental (!)».

E agora pasme-se com a cultura histórica da RDP: **«De notar que pela primeira vez um dirigente partidário português assume a presidência de um organismo político internacional, posição que, segundo o próprio Freitas do Amaral, proporciona uma grande capacidade de intervenção, a nível europeu e mundial».**

Santa RDP, santa ignorância! Até já nem se conhece, ou já se apaga, o papel presidencial de Afonso Costa na Sociedade das Nações! Até se redige a notícia de modo a poder escamotear (referência a **«dirigente partidário»**) o facto de Maria de Lourdes Pintassilgo afinal apenas ter sido impedida de exercer o cargo de Presidente da Comissão dos Direitos do Homem, ligada à UNESCO, para que internacionalmete fora eleita, por medidas descriminatórias do próprio Freitas do Amaral! Ai, inveja, inveja! Será que já não és pecado mortal?

Às **19.30** do mesmo dia, incansavelmente, a RDP retoma pela 9.ª (nona) vez (!), em noticiários principais, a sua sabida, segura, repetida e insistente previsão: **«Realiza-se amanhã em Bruxelas a eleição para a presidência da União Europeia das Democracias Cristãs, cargo que** (...)», etc, etc... São mais 16 linhas de repetição! Por que se terá convertido Freitas do Amaral num sério percurso, ou continuador, nos noticiários da RDP, dos Armazéns do Chiado? Se a publicidade política não tivesse riscos nem contras...

A **3 de Março, às 13 horas,** lá vêm mais 8 linhas do anúncio-previsão: **«Freitas do Amaral é eleito hoje Presidente da União Europeia das Democracias Cristãs,** (...)»

Finalmente! Já não era sem tempo! Quase desesperávamos...

O acontecimento dá-se!.

Dia **3 de Março,** no noticiário das **19.30,** o acontecimento nasce, e passa de realejo a facto real. São agora 36 linhas de «notícia» (por assim dizer), que foram, como se viu, bem preparadas e bem merecidas, coroadas por uma breve história da **«democrcia cristã»,** não esquecendo o Centro Académico de Democracia Cristã (CADC) de Coimbra, **«de Salazar e de dez dos seus ministros»...**

Às **23.30,** mais seis linhas presidenciais...

Dia **4 de Março,** o dia «residencial» começa às **8 horas:** são 6 modestas linhas... O CDS, inesperadamente, claro, **«classificou a eleição de muito importante para Portugal»...**

Às **13 horas,** as linhas voltam a crescer: já são 24, e 24 que em pluralismo, em objectividade, não são quaisquer umas.

«A nível de política social, Portugal acaba de se aproximar do centro das grandes questões internacionais e de ser reconhecido, uma vez mais, como uma democracia estabilizada.

É isto, no fundo, o que se pode resumir globalmente com a eleição por unanimidade de Freitas do Amaral para o cargo de Presidente da União Europeia das Democracias Cristãs (UEDC), (...)», etc, etc.

«O líder do CDS foi efectivamente eleito ontem em Bruxelas, por unanimidade, eleição decorrente principalmente de equilíbrio assumido pelo CDS (sic) **entre as duas principais tendências da democracia cristã europeia.**

Para este seu cargo, Freitas do Amaral tem dois objectivos que incidem principalmente no incremento da influência da UEDC na cena política mundial e numa maior projecção da organização nos meios de comunicação de massas, seguindo o exemplo da Internacional Socialista.

O cargo de presidente da UEDC permitirá a Freitas do Amaral interceder a favor dos interesses portugueses, designadamente no âmbito da adesão à CEE (...)»

No **«Jornal da noite»,** transmitido às 20.55, o acontecimento ainda é notícia: **«Regressa amanhã a Lisboa, vindo de Bruxelas (...)».**

Afinal qualquer viagem, quando completa, tem uma preparação, uma ida, uma estadia e um regresso... Agora já vamos no regresso. É rápido: são dez linhas...

E assim se fazem as coisas... E assim se fala das coisas... E assim se publicitam os partidos que são governo e a direita que tem o poder político... E assim se condiciona e falseia a opinião pública que escolhe e acata os governantes! E assim se viola a legislação democrática, designadamente o art.º 39.º da Constituição (meios de comunicação social) e a Lei 78/77, que no seu art.º 4.º estabelece **«uma orientação geral que respeite o pluralismo ideológico, possibilite a expressão e o confronto das diversas correntes de opinião, garanta o rigor e a objectividade de informação».**

E assim se ataca, sapa, intriga, contra o Estado democrático, contra uma das suas bases que é a opinião democrática.

Até quando? Até quando?

De facto, apenas enquanto a democracia e o povo, que são o seu sangue e o seu coração, a parte viva do seu corpo e do seu cérebro, o suportarem, o consentirem.

Beja Santos

Pedro Ramos de Almeida

THE BRITISH COUNCIL
INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL

CURSO ELEMENTAR DE LÍNGUA INGLESA

Curso de Verão super intensivo
de 6 a 31 de Julho
60 horas
de Segunda a Sexta
3 horas diárias
das 10 às 13

Curso de Verão intensivo
de 6 a 31 de Julho
30 horas
de Segunda a Sexta
1 30 horas diárias
das 10 às 11 30 ou
das 17 30 às 19 ou
das 19 às 20 30

INSCRIÇÕES-TESTES DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS
DE 29 DE JUNHO A 4 DE JULHO

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTE-NOS:
RUA LUIS FERNANDES, 3 (esquina Rua de S. Marçal).
Telefs.: 36 92 08 36 92 09 32 01 73 32 87 50

Crianças saaruís em Portugal

Três semanas de paz para os filhos da guerra

Durante três semanas, a partir do próximo dia 9, quatro dezenas de crianças do Sara Ocidental irão conviver com portugueses e com Portugal.

Vêm de uma região interior, onde não há vegetação, a poeira sopra constantemente, as habitações são tendas de campanha, a água e os víveres chegam de fora. Em suma, vêm de um deserto onde as condições de sobrevivência são mínimas.

As próprias crianças são filhas do deserto. Porém, a terra que as viu nascer não é aquela que agora as acolne provisoriamente.

Expulsos de uma pátria ocupada pelas tropas marroquinas, os sarauis viram-se obrigados a procurar guarida no sudoeste argelino (junto à fronteira com o seu país) depois de os aviões de Hassan II terem bombardeado com «napalm» os seus acampamentos nómadas.

Só que, a parcela de deserto que constituiu o seu último refúgio não possui as mesmas características da terra natal – é mais inóspita, mais seca, mais quente. Não serve sequer para a pastorícia e a agricultura temporária que eram fundamentais no sistema de vida dos sarauís.

Deste modo, enquanto os combatentes da Frente Polisário lutam no interior do Sara Ocidental pela independência do país, mais de 100 mil refugiados saraúis vivem exilados nos limites da sobrevivência. É certo que, sob a direcção da Frente Polisário e com as campanhas de solidarieadade internacional, algumas dificuldades foram minoradas. Mas nem por isso a terra onde vivem deixa de ser deserto.

E é precisamente daqui que chegam as crianças saraúis, para quem, verdadeiramente, estas serão as primeiras férias na vida.

A sua viagem integra-se ca campanha de solidariedade para com o povo sarauí levada a cabo pelo Comité Português de Apoio à Frente Polisário e pelo CIDAC. É uma campanha internacional, que não conhece barreiras ideológicas ou geográficas. Idêntico apoio às crianças saruís já foi prestado por outros países como a Espanha, a França e a Suíça.

Portugal está em condições de bem compreender a importância desta acção até porque um grupo de pescadores portugueses já experimentou a hospitalidade do povo do Sara Ocidental, justamente considerado um dos mais hospitaleiros do mundo. Todos recordamos que esses pescadores, do barco «Rio Vouga», foram aprisionados por terem violado as águas territoriais sarauís, mas que logo a Frente Polisário os considerou como hóspedes e com eles repartiu o que tinham.

A vinda de 40 crianças saraúis é uma ocasião para acolhermos condignamente os pequenos representantes de um povo que luta, contribuindo sem dúvida para reforçar os laços de solidariedade entre os nossos povos. Entretanto foi ontem inaugurada, na SNBA, uma exposição sobre a questão do Sara Ocidental, que inclui uma notável mostra de fotografias do nosso amigo e colaborador Carlos Gil.

A rosa da areia

Há um ano, José Cardoso Pires esteve presente nas comemorações oficiais da fundação da República Árabe Democrática Sarauí, em representação do Movimento Mundial da Paz.

Antes das cerimónias oficiais, permaneceu alguns dias no deserto em contacto com o povo armado sarauí. É dessa convivência que resulta fundamentalmente este depoimento.

Em substância, não creio que possa acrescentar agora alguma coisa às entrevistas que dei à Rádio e ao «Diário de Lisboa» na altura em que regressei do Sara. A estadia foi relativamente breve e o deserto é imenso e palpitante de realidades ocultas.

Isto não quer dizer que a razão e a luta do povo sarauí, não sejam acessíveis, mesmo de longe a qualquer cidadão de consciência: a leitura política da carta do Sara não é aquela análise complexa nem aquele entrecruzar de meridianos contraditórios que os cartógrafos dos nómadas transacionais apregoam como tarefa superior dos políticos que os servem. Pelo contrário. Penso que é coisa flagrante e evidente e a prova está na clareza com que as decisões da ONU reconhecem os direitos saraúis e no desespero histérico dos países que se lhe opõem.

Questões como a do apoio argelino a esta guerra de independência e os acordos que ele possa desenvolver no futuro (acesso ao Atlântico, desbloqueamento do Mediterrâneo, cooperação técnico-industrial, etc), tudo isto é matérial real, sem dúvida, tudo isso faz parte indiscutivelmente da agenda de progresso da República Democrática Sarauí, mas incomoda, e ensombra e desafia a arrogância neocolonialista. Daí a mentira, a especulação.

Mas além da carta política do Sara, há a das riquezas naturais que os programadores das reservas capitalistas escondiam ciosamente. Fosfatos, petróleo, gás natural, as pescas – sim, tudo isso. E há finalmente a carta derradeira, o mapa dos «direitos» históricos que é aquele por onde se guiam os colonialistas desesperados para dominar o Sara.

Hassan do Marrocos é o último dos mercadores a exibir esse mapa. Emoldurou-o em glórias e em mentiras e, acenando com ele, atirou para o deserto um exército de esfomeados e de comandantes gordos, numa marcha sonhada em verde que em breve se tingiu de sangue e que hoje é negra, de luto.

Falei com prisioneiros marroquinos: camponeses na maioria (alguns na casa dos 50 anos). Jovens sem emprego que se alistaram na «Marcha Verde», indígenas recrutados das cabildas, oficiais da média burguesia. Centenas e centenas de expedicionários de um califado corrupto caídos às mãos de um povo jovem, armado e com vontade política: ali, prisioneiros duma aventura, assistiam, confusos, à derrota da mentira de Sua Majestade.

No deserto sente-se, é uma evidência permanente, a consciência com que mulheres e homens fazem a guerra e organizam a vida civil. Como são íntimos da vastidão das areias e como sabem prová-lo, construindo escolas e dispensários, abrindo poços, pequenas hortas, maternidades (muitas maternidades: há uma nação a fazer). Construindo e organizando para ficar – e isso demonstra a total confiança com que avaliam o inimigo, triunfando sobre ele, operação após operação.

Aliás, nas conversas com os quadros superiores do Exército a nota dominante é a preocupação do futuro, o após-guerra. Sabem como é difícil e incomensurável o seu espaço natural mas é ali que têm de realizar, que estão realizando, o sonho do mártir Quali, numa perspectiva socialista ajustada às características do povo. Assentes numa economia primitiva e com um passado acentuadamente nómada (alheio às formas burguesas da propriedade e da hierarquia) sem indústria, sem concentração religiosa, os sarauís optaram naturalmente por um socialismo de base que está longe de se identificar com o modelo maoista. Aqui a politização é prática e decorre espontaneamente das exigências da guerra e do dia-a-dia em comunidade. Nada do exibicionismo ideológico mesmo nos quadros mais responsáveis, nada de fanatização heróica que fazem as longas marchas culturais.

Por outro lado, e pelo que me foi dado observar em tão curta permanência, não se antevê aqui a pressão religiosa que leve a ler Marx segundo Mahomed ou a traduzir Revolução por Khomenização. O estatuto da mulher sarauí é um sinal bem significativo desse distanciamento: quando as via ombrear com os homens na responsabilidade dos cargos era nisso que pensava. Mas era sobretudo no trato, na maneira directa de olhar e no lugar participante que ocupavam na vida social, que se percebia que o harém religioso estava longe e que jamais poderia voltar.

Foi uma mulher sarauí que me ofereceu em Tindouf uma rosa de areia calcinada. «Rosa do Deserto», assim chamada nas boutiques de Argel. Penso em ambas, na mulher e na rosa. Elas dizem-me que alguma coisa de grande e de belo se guardava na aridez do passado e que um novo país acaba de nascer dele, duma flor de areia.

José Cardoso Pires

ensino

Superior Politécnico

Carreiras docentes já têm estatuto

O estatuto da carreira docente do Ensino Superior Politécnico foi publicada no «Diário da República».

O diploma estabelece que a carreira do pessoal docente daquele grau de ensino compreende as categorias de assistente, professor adjunto e professor-coordenador.

Os professores-coordenadores com agregação receberão um vencimento correspondente à letra A do funcionalismo público, os professores adjuntos ganharão pela letra D, os assistentes do 2.º triénio auferem pela E e os do 1.º triénio pela letra H.

Entre outros aspectos, o diploma define o conteúdo funcional das categorias, o recrutamento dos assistentes e o acesso às diferentes categorias.

As regras a que terão de obedecer os concursos e o regime de prestação de provas, bem como a apreciação das mesmas são também estipulados no documento.

No seu preâmbulo, o diploma refere a sua importância para o arranque do Ensino Superior Politécnico, sublinhando que as carreiras criadas «oferecem condições que se julgam aptas à consagração de um adequado equilíbrio entre a competência técnica e profissional dos docentes».

Prós-Graduação em Economia

Tendo por objectivo a aquisição de conhecimentos a nível avançado no domínio da Economia, vai realizar-se, con início em Outubro, um curso de pós-graduação na Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa.

O início do curso é no dia 15 daquele mês, e as inscrições estão abertas durante todo o mês de Julho, naquele estabelecimento, ao Campo Grande, 185, em Lisboa.

O curso, que atribuirá graus de mestrado ou doutoramento, envolve um conjunto de disciplinas semestrais terá a duração de três semestres (o de mestrado) e quatro (o de doutoramento).

As aulas serão de segunda a sexta-feira, das 17 às 20 horas. Haverá um semestre preliminar, integrando matérias consideradas indispensáveis aos cursos.

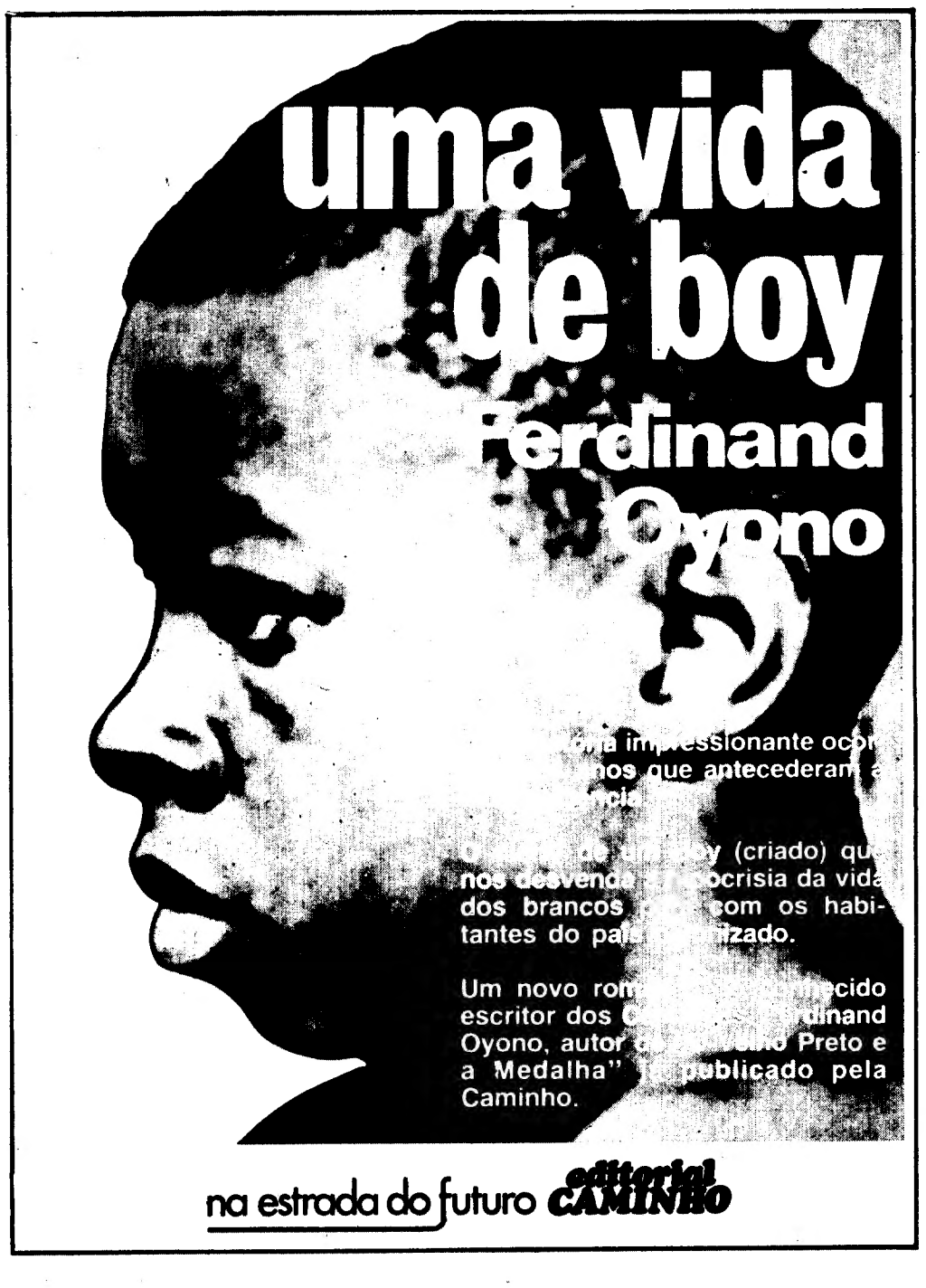
Ex-regentes vão subir uma «letra»

Os ex-regentes escolares habilitados com o curso especial, os professores eventuais e chefes de posto das ex-colónias vão ser aumentados no equivalente a uma letra do funcionalismo público.

De acordo com uma nota do Ministério da Educação divulgada hoje, os docentes da primeira fase passam a vencer pela letra L, os da segunda fase pela letra K, os da terceira fase pela letra J e os da quarta fase pela letra L.

Outra nota do MEC anuncia ter sido constituído um grupo de trabalho interministerial para apreciar o regime de transportes escolares.

Segundo o Ministério da Educação, pretende-se estudar a forma de generalizar o acesso gratuito no domínio da escolaridade obrigatória.



de ontem para hoje

Mutilados de guerra da Guiné/Bissau

Portugal vai suportar as despesas da assistência aos diminuídos de guerra guineenses que combateram no Exército Português, segundo refere um acordo celebrado com a Guiné-Bissau ontem publicado na folha oficial. Pelo acordo, Portugal compromete-se a suportar as despesas da assistência com o fornecimento de próteses e ortoteses, nomeadamente de rodas, muletas, canadianas, próteses oculares e auditivas. O financiamento será concedido após apreciação, caso a caso, do tipo e grau de mutilação sofrida, «bem como do tipo, qualidade e custo da prótese ou ortotese fornecida». A contribuição do Estado português não poderá – nos termos do acordo – exceder o limite máximo de dois mil contos anuais. O acordo, assinado em Lisboa em 13 de Maio de 1980, prevê também que Portugal poderá intervir na implantação de esquemas de formação profissional e apoio técnico aos mutilados fisicamente reabilitados quando solicitado pelo Governo da Guiné-Bissau e em condições a acordar entre os dois países. O acordo tem duração indeterminada e será revisto dentro de um ano a partir da sua entrada em vigor «com base na experiência entretanto adquirida».

Em luta por «preços justos»: agricultores de Trancoso contra Governo Balsemão

Agricultores do concelho de Trancoso, no distrito da Guarda, vão concentrar-se no próximo domingo naquela vila numa manifestação de protesto contra algumas resoluções do Governo Balsemão, exigindo «preços justos» para a batata da nova campanha, novo preço para o gado de abate, actualização do preço do leite e revogação dos restantes aumentos dos adubos, rações e sementes. A concentração tem igualmente por fim eleger uma comissão que se encarregará da entrega de um documento reivindicativo da lavoura da região ao presidente da Câmara de Trancoso, Governo Civil e Serviços Regionais do Ministério da Agricultura.

Acusada de pescar ilegalmente: traineira «Zebral» aprisionada em Marrocos

A traineira portuguesa «Zebral», do porto de Olhão, soube-se ontem, encontra-se apresada em Agadir. A embarcação, de 25 metros de comprimento e com dez tripulantes, foi apresada na última sexta-feira pelas autoridades marítimas de Marrocos, quando os seus elementos procediam ao primeiro lance da faina. Apesar de a tripulação ser acusada de pescar ilegalmente, as autoridades não confiscaram as artes nem o pescado da traineira.

Presídio Militar de Caxias: fuga durou apenas meia hora

Um recluso do Presídio Militar de Caxias evadiu-se ontem à tarde tendo sido recapturado pouco tempo depois. O recluso – o soldado António José Mendes Farinha – foi recapturado, já na praia de Caxias, cerca de meia hora depois de ter fugido.

Protecção civil em tempo de paz: regras para o apoio das Forças Armadas

O EMGFA acaba de definir pela primeira vez regras para o apoio das Forças Armadas à protecção civil em tempo de paz. De acordo com a directriz do general Melo Egídio, soube-se hoje, compete às Forças Armadas colaborarem, a pedido do Serviço Nacional de Protecção Civil, durante qualquer situação de crise ou catástrofe e dentro das suas capacidades, nos esforços e acções tendentes a minorar ou resolver essas situações e cumprindo uma das missões consagradas na Constituição – reconstrução nacional. A mesma directiva estabelece ainda que o EMGFA e os Estados-Maiores dos três ramos fornecerão o pessoal e os meios necessários à colaboração pedida, promovendo ainda regularmente o treino e instrução que habilite o pessoal a uma actuação eficiente. Definindo ainda o tipo de apoio que pode ser programado, de acordo com os planos de emergência e controlado pelo Centro Operacional de Protecção Civil ou inopinado, de âmbito local e sob controlo das unidades militares regionais.

Prevenção rodoviária em Espanha: campanha para sensibilização dos emigrantes portugueses

A Prevenção Rodoviária Portuguesa e a Direcção-Geral de Viação, em colaboração com a Direcção-Geral de Tráfico de Espanha, iniciaram ontem uma campanha que visa a sensibilização dos emigrantes portugueses para os diversos factores que podem originar o acidente, durante as longas deslocações que efectuam nos períodos de férias. Neste sentido, funcionários portugueses e espanhóis estarão presentes durante 24 horas em postos de informação devidamente sinalizados em território espanhol, a fim de prestarem a assistência e os esclarecimentos necessários, ao mesmo tempo que recolhem alguns dados estatísticos por forma a ter-se um melhor conhecimento do volume e qualidade do tráfico rodoviário dos emigrantes. A campanha abrangerá três períodos de tempo (30 de Junho a 5 de Julho, 11 de Julho a 17 de Julho e 30 de Julho a 5 de Agosto), situando-se os postos à saída de Burgos, na Estrada n.º 620 ao km 2,4, e em Tordesilhas a caminho de Salamanca, na mesma via, ao km 154.

Ainda vamos no 2.º dia de Julho

Morreram já 54 pessoas nas praias portuguesas

Morreram já 54 pessoas nas praias, rios e albufeiras portuguesas, a despeito de ainda irmos no segundo dia de Julho, mês tradicionalmente escolhido por muitos banhistas para gozarem as suas férias. Julho é, antes de Agosto, o que lhe fica a seguir na captação de clientela banhista.

Uma curiosidade e, ao mesmo tempo, coincidência: metade deles morreram no litoral português, enquanto a outra metade perdeu a vida em rios, barragens e albufeiras. Dos 27 que faleceram no litoral, dois casos houve em que isso aconteceu nos Açores. Significativo é o facto de metade terem morrido em rios, barragens e albufeiras, segundo o subdirector do Instituto de Socorros a Náufragos, que também referiu o facto do número de mortos no litoral se situar dentro das previsões gerais.

O Instituto de Socorros a Náufragos comemora domingo o Dia Mundial do Salvamento com diversas manifestações nas praias do litoral e do interior, lembrando que há mais de um mês que retomou a sua actividade balnear de socorros, como todos os anos acontece em 1 de Junho. Esse Dia Mundial visa a divulgação dos meios e processos do salvamento existentes nas praias portuguesas com a finalidade de conseguir que os banhistas que eventualmente venham a encontrar-se em situação difícil, não percam a cabeça e se mantenham calmos enquanto aguardam que lhes seja prestado socorro.

A divulgação consiste em demonstrações de utilização dos meios de salvação existentes na praia, tanto na água como em terra, reboque dos acidentados para terra, sua reanimação no local (com aplicação de respiração artificial) e massagem cardíaca e evacuação para o hospital. Será também explicado aos assistentes qual a situação que se vai simular e o processo de socorros.

Na praia da Costa da Caparica, a secção dos Bombeiros Voluntários de Cacilhas leva a cabo três demonstrações no Dia Mundial do Salvamento.

Em 1979, a Federação Internacional de Salvamento (Federation Internacional de Sauvetage et des Sports Utilitaires) sugeriu à Sociedade Mundial de Salvamento (World Life Saving) a criação do Dia Mundial de Salvamento e propôs a sua aceleração no primeiro domingo do mês de Julho, no hemisfério Norte. Simultaneamente fez proposição semelhante aos organismos mundiais seus filiados, entre os quais o Instituto de Socorros a Náufragos, que lhe deram o seu acordo.

de vibora na mão

A Comissão Permanente detestou

Com Silva Graça é que foi pior

A propósito das críticas de que foi alvo pela Comissão Permanente do seu partido por ter dado uma conferência de Imprensa conjunta com Silva Graça, da APU, diz Aquilino Ribeiro Machado, do PS, antigo presidente da Câmara de Lisboa:

«Tendo a Comissão Permanente do Partido Socialista, no comunicado correspondente à reunião efectuada no dia 30 do passado mês, lamentado a minha participação numa conferência de Imprensa que refere ter sido dada em conjunto com a APU e largamente publicitada no «Diário», cabe-me esclarecer:

«1 – Não ter dado nenhuma conferência com a APU, mas apenas com o sr. vereador Silva Graça, o que é substancialmente diferente. De facto, tanto eu como ele salientámos o carácter individual da nossa iniciativa, que tinha por objectivo fazer o ponto da gestão AD no Município de Lisboa, agora que está a ser completada a primeira parte do seu mandato. Como era de prever, o assunto foi abordado por qualquer de nós segundo a respectiva óptica pessoal, que não é necessariamente convergente em muitas coisas, atendendo a que o que sobretudo nos identifica é a firme oposição à desastrosa administração AD da cidade.

«Iniciativa semelhante fora, de resto, tomada, não há muito tempo ainda, pelos vereadores socialistas da Câmara Municipal do Porto, sem que tal facto houvesse suscitado qualquer reparo da direcção do Partido.

«2 – Nada ter, como é óbvio, a ver com a publicidade feita pelo «Diário», nem considerar que uma simples troca de impressões com a Imprensa, feita em simultâneo com um vereador da APU – e os representantes da APU ainda não têm lepra, que se saiba, circunscrita a aspectos concretos da actuação AD em Lisboa, possa, alguma vez, ser interpretada como decorrente de compromissos ou alianças políticas de qualquer género.»

A.M. de Sintra reclama Parque Nacional na Serra

A Assembleia Municipal de Sintra reivindicou ontem, por consenso de todas as forças políticas que a integram, a criação de um parque nacional na zona florestal da vila, designadamente a serra.

A Assembleia Municipal reclama também, além de um «rigoroso inquérito» às causas dos incêndios este mês ali ocorridos, medidas de ordenamento que salvaguardem o perímetro florestal até à criação do parque, com impedimento da construção clandestina.

O presidente da edilidade reiterou não ter conhecimento de quaisquer projectos de urbanização ou construções na serra entrados na Câmara Municipal, como já foi aventado na imprensa.

As referidas medidas de defesa da serra de Sintra constavam de propostas apresentadas pela AD,PS e APU, as três formações com representação na assembleia.

Após uma discussão iniciada segunda-feira à noite e terminada a meio da madrugada de ontem, a assembleia aprovou os três documentos, coincidentes entre si quanto ao fundo.

Finanças Locais

Guarda "defraudada" em 210 milhões

A Câmara da Guarda foi este ano defraudada em 210 milhões de escudos no âmbito da Lei das Finanças Locais – segundo Abílio Curto, presidente do município.

Esta afirmação foi feita no decorrer da sessão ordinária da Assembleia Municipal desta cidade que reuniu sob a presidência de Almeida Santos, do Partido Socialista.

Abílio Curto afirmou que a situação do município no campo financeiro é embaraçosa, frisando serem insuficientes e inadequadas as distribuições mensais de duodécimos.

Esta distribuição não permite a execução de qualquer obra – frisou o autarca.

Reclamou a definição da lei das competências para que os municípios saibam aquilo que têm ou não que executar.

Referindo as carências com que se debate o concelho da Guarda, Abílio Curto disse haver cerca de 50 por cento das aldeias sem água domiciliária, enquanto para electrificações a câmara necessita de cerca de 50 milhões de escudos.

Criticou, por outro lado, «a Insularidade da Madeira e a Zona de Calmia (Calamidade) pela seca do Algarve, estabelecidas pelo Governo, enquanto no interior as carências se avolumam e as calamidades aumentam».

Lamentou ainda que a edilidade não tivesse sido recebida pelo Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, apesar de várias vezes «ter sido solicitada uma audiência para expormos os nossos problemas».

As finanças dos bombeiros

A Lei das Finanças Locais vai ser revista no que se refere aos bombeiros – anunciou em Almeida, (Guarda), o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses.

Manuel Manta falava no decorrer da reunião plenária da federação dos bombeiros voluntários do distrito da Guarda, durante a qual foram debatidas as carências dos bombeiros e planos de actuação futuros.

O presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses referiu que muitas autarquias lutam ou estão impossibilitadas de conceder auxílio aos bombeiros em virtude de lhes «ter sido retirado dinheiro que no âmbito da Lei das Finanças Locais lhes cabia».

Referindo que a revisão da lei está prevista para Outubro Manuel Manta considerou, que a construção e pagamento de quartéis dos bombeiros pelas autarquias deve ser cuidadosamente estudado.

Material técvnico de fogo e assistência sanitária, subsídios e ajudas oficiais, foram as principais carências referidas nesta reunião, pelas corporações de bombeiros do distrito da Guarda.

justiça

Má "vizinhança" no Cacém

Casal de septuagenários sem vida tranquila

No Cacém, mais precisamente no Bairro das Lopas, um casal de septuagenários vive com alguma angústia e não poucas apreensões o seu dia-a-dia. E tudo pela estranha maneira como para ele se comporta um determinado «vizinho»...

Há já mais de 16 anos que Elisa Calheiros Fontoura de Araújo Costa e seu marido, José da Costa Júnior, ali residentes na Vivenda Costa, à estrada das Lopas, n.°s 53 e 55, venderam a um funcionário dos CTT, residente na Rua dos Sapateiros, em Lisboa, um determinado terreno anexo à referida vivenda, terreno esse onde o comprador faria edificar dentro de algum tempo um imóvel de três pisos, que traz arrendado a outras tantas famílias.

Acontece que, logo a seguir à celebração da respectiva escritura de compra e venda, o referido funcionário se lembrou, partindo de uns dizeres um tanto lacónicos da mesma escritura, de se intitular dono, também, de uma determinada faixa de terreno que, continuando a pertencer (como pertence) à já mencionada Vivenda Costa, nunca lhe poderia ter sido vendida na mencionada escritura. O problema tem sido objecto de diversos processos judiciais, nos quais, porém, nunca foi possível, pela forma enredada como se apresentam diversos elementos relativos a tal questão, descortinar a verdade real do caso e aplicar, em consequência, a justiça que se impõe. Presentemente, está em curso uma acção de demarcação, pendente no Tribunal de Sintra.

Entretanto, porém, qual o comportamento que tem vindo a ser adoptado contra aqueles septuagenários por parte do referido funcionário? O seguinte (e há mais de doze anos):

Destruição de toda a espécie de plantas, árvores e sementeiras que encontra na referida faixa de terreno; demolição de muros ou de qualquer outro tipo de vedação com que o casal Costa pretende isolar, da via pública, a mencionada faixa; penetração no dito terreno e numa arrecadação que nele se levanta, com destruição de materiais aí guardados; projecção para a via pública desses mesmos materiais; suspensão em arames, sobre a referida faixa de terreno, de destroços vários resultantes dessas destruições; encaminhamento de despejos para a vivenda; insultos e ameaças de morte, etc.

Como viver com tranquilidade nestas condições? Acresce que o casal Costa (doente) habita completamente só. Já por diversas vezes, mulher e marido chamaram a GNR em seu auxílio para contar os ímpetos do dito «vizinho». Para quando uma decisão judicial que esclareça a questão e faça reinar a paz no Bairro das Lopas, no Cacém...?

Segundo o Sindicato dos Magistrados

Falta de vontade política dá "crise dos tribunais"

O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público (SMMP) atribuiu a denominada «crise dos tribunais» à falta de vontade política de vários Governos constitucionais em aplicarem as Leis de Organização Judiciária de 1977 e 1978.

Depois de considerarem que a «crise», caracterizada fundamentalmente pela acumulação de processos e atrasos na sua decisão – «já era evidente em 1972» – e que entre 1974 e 1978 se verificou um aumento de 120 por cento do número de litígios, os dirigentes do SAMMP afirmaram que o Centro de Estudos Judiciais demorou mais de dois anos a entrar em funcionamento, não se encontrando ainda em condições de desempenhar a totalidade das suas funções.

Referiram que a Magistratura Judicial integra actualmente 733 elementos enquanto a magistratura do Ministério Público possui apenas 504 e citaram as conclusões de um relatório de um membro da Comissão de Reforma Judiciária, segundo as quais em Fevereiro de 1981 faltavam 144 juízes e 108 magistrados do MP, sendo a percentagem de vagas de 12,4 por cento no primeiro sector e de 21,4 no segundo.

Além de várias reivindicações relacionadas com o acesso ao Supremo Tribunal de Justiça e com a Lei Orgânica dos Tribunais Administrativos e Fiscais, sectores onde se consideram vítimas de discriminação, os magistrados do MP exigiram ao ministro da Justiça um aumento salarial de 22 por cento – que afirmam apenas repor o poder de compra de 1979 – entre outras cláusulas sobre diuturnidades.

Os vencimentos do sector oscilam entre os 30 e os 60 mil escudos e os magistrados têm várias regalias sobre transportes, habitação e outras.

Conferência de Imprensa na Luís Braille

"Temos vergonha de viver" o quotidiano dos deficientes

A ONU declarou 1981 o «Ano Internacional do Deficiente», mas «ele é apenas um relâmpago que passa e o deficiente fica» – afirmou ontem o secretário da direcção da Associação Luís Braille falando em conferência de Imprensa da actividade externa dos organismos de deficientes visuais. Pereira Mau acrescentou: «lamentamos que seja necessário um ano para pensarmos no problema dos deficientes, tanto mais que este ano tem sido aproveitado mais para dividir os deficientes do que para os unir».

«O nosso País, é um País em que podemos dizer que temos vergonha de viver, se atentarmos na vida quotidiana dos deficientes», disse Pereira Mau, ele próprio deficiente visual.

«A maior parte de nós tem de viver na indigência – num momento em que Portugal pretende aderir à CEE – com pensões que não ultrapassam os dois mil escudos por mês, sem trabalho, sem habitação, sem apoio ou ajudas do Estado».

O Orçamento Geral do Estado não prevê qualquer verba para os deficientes e as associações têm de viver, escandalosamente, de sorteios que andam pelas ruas a conspurcar a nossa dignidade».

Com um vigor crítico muito incisivo, Pereira Mau referiu a injustiça de ter de entregar a entidades nomeadas pelo Governo Civil os prémios não reclamados dos sorteios, base de sustenção financeira das Associações de Cegos, e cujos montantes significam grandes prejuízos para as organizações.

O vice-presidente da Associação Luís Braille, Claudino Pinto, especificou que o Governo Civil elaborou um contrato unilateral em que obriga as associações de cegos a entregar a entidades por si indicadas os prémios não reclamados dos sorteios.

Desde 1975 que o Governo Civil não tem reclamado a entrega de tais prémios, exigindo em 1980 a apresentação retroactiva desses valores, por inteiro.

«A Liga João de Deus entregou já nove milhões de escudos e a Luís Braille está agora a ser pressionada para a entrega de 14 milhões de escudos A exigência de entrega destas verbas é tanto mais exorbitante quanto as Associações pagam impostos ao Estado sobre os seus sorteios e a Misericórdia de Lisboa não devolve aos cofres do Estado um valor tão significativo», disse Mau.

Na prática, acrescentou, isto representa um ataque subtil às nossas associações no sentido de as desmotivar das suas funções vitais. Se a Luís Braille entregar os 14 milhões de escudos ficará sem possibilidades de concretizar os projectos que tem para melhorar a situação dos deficientes seus associados.

Salientando que a reabilitação dos deficientes é uma farsa no nosso País, devido à falta de condições para a sua eficácia, os representantes das duas associações de cegos fizeram na conferência de Imprensa uma exposição exaustiva das suas actividades internas e externas e também dos seus projectos.

No campo da Educação e Cultura, as Associações organizam aulas de alfabetização de todas as fases do ensino básico e secundário, cursos intensivos de línguas, música, conferências, actividades recreativas e desportivas.

Melhoraram-se os subsídios aos sócios, foi criado um refeitório para corresponder às necessidades dos associados e está a ser feita uma pesquisa exaustiva e a aquisição de materiais especiais para a criação de uma loja de e para cegos.

PUB.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

À INCAPACIDADE DO GOVERNO E DA HIERARQUIA OS TRABALHADORES DA J.A.E. DIZEM BASTA!

A J.A.E. (Junta Autónoma das Estradas) é um importante organismo público cujas funções e atribuições se estendem a todo o País. A rede rodoviária, sua conservação e alargamento, depende, em larga medida da eficácia da J.A.E.

Entretanto, o cumprimento dos seus objectivos implica que os trabalhadores ao seu serviço possuam um estatuto laboral justo e digno.

Não é isso que se passa! Existem, por inépcia do Governo, um conjunto de problemas laborais a que urge dar resposta:

— Portaria de aplicação do Decreto-Lei 191-C/79 que visa a revalorização de inúmeras categorias e carreiras do pessoal.

— Revisão do absoleto Estatuto Nacional das Estradas (cujo projecto se encontra nas «gavetas do esquecimento»)

— Estatuto das Portagens e revalorização das carreiras para o Serviço das Portagens (de há 4 anos a esta parte foram apresentados 4 projectos de Estatutos. Neste momento, parecia não haver o mínimo de empenho por parte das entidades responsáveis em resolver esta situação).

Por iniciativa da Federação, realizou-se no passado dia 23 uma reunião entre a Direcção-Geral da Função Pública e a hierarquia da J.A.E. para acertar pontos de vista. Por estranho que pareça o nosso pedido de participação não foi atendido e aguardamos resposta a um pedido de informação que formulámos.

Não obstante os esforços e as diligências desenvolvidas pela Federação para resolver os problemas existentes pela via do diálogo, o bloqueamento continua.

Os trabalhadores da J.A.E. não estão dispostos a suportar mais adiamentos porque a situação é degradante.

Neste sentido decidirão das formas **de luta a desenvolver a nível nacional** se no prazo de 15 dias **não houver respostas inequívocas às suas reivindicações.**

— PELA EFICÁCIA DO FUNCIONAMENTO DA J.A.E.!
— PELA RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DOS TRABALHADORES!
— SINDICALIZADOS E ORGANIZADOS TEREMOS MAIS FORÇA!

Lisboa, 29/6/81 **O SECRETARIADO**

NOTA: Os trabalhadores e os seus delegados sindicais deverão manter ligação permanente com os Sindicatos da Função Pública (Norte, Centro e Sul) e a Federação.

TELEFONES
DE
LISBOA E PORTO
DIRECÇÃO DE LISBOA

SERVIÇO PÚBLICO
DE
TELEFONES

informação

Para modernização das instalações
do locutório do Rossio,
o nosso serviço de telefones públicos
passou a funcionar no átrio da estação do Rossio
desde 29 de Junho
e até à conclusão das obras.

CGTP acusa o Governo de "incapacidade na condução da política económica"

O Secretariado Nacional da CGTP divulgou hoje um comunicado sobre a sua reunião de ontem, durante a qual foi analisada a «evolução da situação política, económica e social e as suas consequências nas condições de vida dos trabalhadores».

«O Governo AD/Balsemão – diz o documento – deixou para trás as suas demagógicas promessas eleitorais, revelando-se claramente, decorridos seis meses, como Governo do capital contra o trabalho, de submissão às multinacionais e ao imperialismo, contra os legítimos interesses do Povo Português.»

Mais adiante, a CGTP sublinha que «a incapacidade revelada pelo Governo na condução da política económica, está claramente demonstrada no facto do próprio Governo vir a apresentar em Junho um projecto de Plano para 1981, que desmente os objectivos das Grandes Opções do Plano publicado em Maio». E acrescenta: «Em substituição das metas demagógicas ali anunciadas e que, na altura, a CGTP-Intersindical Nacional desmascarou, o Governo Balsemão propõe agora, que em 1981 a economia portuguesa fique praticamente estagnada, que os salários reais baixem, que o desemprego aumente 10%, que o défice externo seja superior a 100 milhões de contos (quase dois mil milhões de dólares), que o défice do Orçamento Geral do Estado continue a crescer e que os dinheiros públicos continuem a ser aplicados no financiamento dos grandes capitalistas e para pagamento das indemnizações aos accionistas.»

O extenso documento, depois de referir as dificuldades sentidas nos diversos sectores da vida nacional, aponta como objectivos prioritários a mobilização dos trabalhadores para participarem activamente em todas as iniciativas do movimento sindical e a luta pela actualização imediata dos salários mínimos, pensões de reforma e prestações sociais.

A CGTP propõe-se igualmente «combater o actual Governo, exigindo a sua demissão, por ser um Governo contra a legitimidade constitucional, contra os trabalhadores e contra os interesses nacionais e lutar para se criarem as condições que permitam pôr em prática uma nova política e um Governo democrático ao serviço do Povo e do País».

Sindicatos agrícolas dispostos a lutar pela actualização dos salários do sector

Os sindicatos agrícolas denunciaram em conferência realizada ontem à tarde em frente ao Ministério do Trabalho, o «desinteresse do Governo» face às suas reivindicações relacionadas com a actualização salarial do sector.

Afirmando que continua a ser aplicada a PRT de 1979 (com excepção de Évora, Beja, Santarém e concelho de Azambuja), os dirigentes sindicais informaram os órgãos de Informação ter falhado «mais uma vez uma reunião já marcada pelo ministro do Trabalho».

«Apresentamos já as nossas propostas, muito concretas, mas sistematicamente é-nos recusado o diálogo que levaria à sua discussão» – afirmaram, acrescentando que para a reunião de ontem (à última hora desconvocada) foi o próprio Ministério quem escolheu o dia e a hora da realização.

Os sindicatos agrícolas exigiram o ano passado a revisão da PRT.

Segundo afirmaram durante a conferência de Imprensa, o Ministério do Trabalho recusou essa revisão mas comprometeu-se a fazer aplicar, em todo o território nacional, convenções colectivas que viessem a ser negociadas e publicadas, com as associações patronais já existentes.

Entretanto – salientaram – foram apenas negociadas e publicadas duas convenções, em Évora e Beja, «parecendo o Ministério encarar a sua extensão aos restantes distritos do Sul e Castelo Branco».

«No que se relaciona com os distritos do Norte e do Centro do país, o Ministério não dá qualquer resposta ficando assim por solucionar as condições laborais dos trabalhadores da maior parte do território nacional» – foi também apontado.

Segundo ainda afirmaram, nas zonas onde a PRT de 1979 continua a ser aplicada – Algarve, Centro e Norte do País – o salário mais elevado corresponde ao salário mínimo nacional: 7 mil e quinhentos escudos.

Os sindicatos afirmaram-se dispostos a desenvolver acções de esclarecimento e mobilização

Verticalização no comércio do sul

A Federação Nacional e os Sindicatos do Comércio e Serviço dos distritos do Sul estão a estudar a formação do Sindicato dos Trabalhadores de Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.

Em comunicado agora divulgado, a Federação dos Sindicatos de Comércio e Serviços anuncia que o novo sindicato, resultante da fusão de quatro actualmente existentes, terá como âmbito geográfico os distritos de Beja, Évora, Faro, Portalegre e Setúbal.

O novo sindicato deverá ter uma estrutura descentralizada, com órgãos distritais próprios directamente eleitos pelos trabalhadores, prevendo-se que venha a abranger mais de 12 mil trabalhadores.

Anunciada greve na SNAPA contra "a desastrosa política de pesca do Governo"

Os trabalhadores da SNAPA vão paralisar no próximo dia 8, das 15 às 17 horas, contra «a desastrosa política de pesca do actual Governo» que «se não for modificada, conduzirá à ruína de todo o sector», segundo afirma a Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca.

Um documento hoje divulgado por aquela organização sindical acusa o Governo de «deixar que tudo se passe de acordo com as eventuais iniciativas e interesses individuais», provocando no sector «uma situação de confusão em que cada um tenta **puxar a brasa à sua sardinha**», sublinha que a federação «tudo fará para que os problemas da pesca, no nosso País, sejam resolvidos para bem da população, dos trabalhadores em particular e da economia nacional».

A referida federação diz que «enquanto se procura inconstitucionalmente vender, a prestações, os navios das empresas nacionalizadas», provoca-se «a paralisação forçada dos navios das mesmas empresas», não se fornecem os meios necessários «para que se pesque com regularidade», tenta-se «iludir a opinião pública, dizendo que se importa peixe porque a produção nacional não é suficiente para o abastecimento público e industrial».

O comunicado diz nomeadamente o seguinte:

«É perfeitamente claro que a importação agora anunciada de 45 000 toneladas de pescado, poderia ser evitada se o Governo modificasse a sua política de boicote ao armamento nacional, só que também claramente se deve afirmar, para que seja reposta a verdade, que este Governo, de conluio com os grandes intermediários, apenas procura satisfazer os interesses daqueles que têm apenas por perspectiva o alcance de lucros fáceis e imediatos, mesmo que isso signifique a ruína do País e o agravamento das condições de vida dos trabalhadores e da população.

A Secretaria de Estado das Pescas, em vez de apresentar, claramente, quais as suas intenções para o sector, apresentando, por exemplo, o já várias vezes anunciado Plano de Pesca, procura alimentar a confusão, convocando associações não representativas e, por esta via, ao contrário do que tinha sido acordado, evitar a discussão e a consequente procura de soluções para os graves problemas do sector da pesca.»

Novas paralisações nos têxteis

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário de Portugal e a Comissão Negociadora Sindical do CCTV anunciaram uma greve nacional de 24 horas a cumprir entre os próximos dias 7 e 9.

Estas paralisações visam o início imediato das negociações, salários justos e dignos, a redução progressiva do horário de trabalho, o subsídio de alimentação e a igualdade de direitos e seguem-se a outra greve que no dia 23 de Junho envolveu 65% dos cerca de 250 mil trabalhadores do sector.

As paralisações anunciadas iniciam-se no dia 7, nas zonas sul, centro e da serra da Estrela; no dia 8, paralisam os trabalhadores dos distritos do Porto e Aveiro e no dia 9 os têxteis dos distritos de Braga, Bragança, Vila Real e Viana do Castelo.

A Federação dos Sindicatos e a CNS denunciaram, entretanto, a atitude do patronato, que se recusa a iniciar as negociações, tendo faltado às reuniões que lhe foram propostas para os dias 17 e 30 de Junho, bem como a atitude dos «divisionistas» do Sindetex, filiado na UGT, que se têm comportado como porta-voz do patronato, designadamente em relação à jornada de 23 de Junho.

A greve na CTM

Sindicatos aceitaram constituir comissão técnica para desbloquear o conflito

O ministro dos Transportes, Viana Baptista, sugeriu aos dirigentes dos dois sindicatos que apoiam a greve na Companhia de Transportes Marítimos (CTM) a constituição de uma comissão técnica para desbloquear o conflito no sector.

A sugestão, em princípio aceite pelos sindicalistas, foi apresentada numa reunião entre o membro do Governo e os dirigentes dos Sindicatos dos Oficiais e Engenheiros Maquinistas e dos Fogueiros de Máquinas (SITEMAQ).

As duas organizações sindicais decretaram para esta semana uma greve de quatro dias que, até ao momento, já imobilizou 26 dos 32 navios da CTM.

A comissão técnica será constituída depois de uma reunião marcada para segunda-feira entre os ministros do Trabalho e dos Transportes, os secretários de Estado do Trabalho e dos Transportes Exteriores e representantes dos sindicatos do sector.

Os dois sindicatos que apoiam a greve na CTM e que já anunciaram a intenção de desencadear, na segunda quinzena de Julho, uma paralisação na Companhia Nacional de Navegação, exigem o cumprimento de acordos estabelecidos há um ano.

Comentando a actual situação nas empresas públicas da Marinha Mercante, um dirigente sindical declarou no final da reunião com Viana Baptista, que «a atitude que nos parece mais lógica é a demissão dos conselhos de gerência».

Entretanto, a greve na CTM, cujos prejuízos, de acordo com uma fonte sindical são da ordem dos 600 milhões de escudos, prolonga-se até à próxima sexta-feira.

PUB

FESTA DA REVOLUÇÃO E DO TRABALHO

TERRENOS ANEXOS AO PAVILHÃO DA QUIMIGAL

3, 4 e 5 JULHO 1981

DIA 5 COMÍCIO ENCERRAMENTO COM ÁLVARO CUNHAL às 20.30 h

ORGANIZAÇÃO DAS COMISSÕES CONCELHIAS DO BARREIRO E MOITA DO PCP e JCP

Siderurgia pode endurecer a luta

Os trabalhadores da Siderurgia Nacional, que durante a semana passada paralisaram durante quatro horas diárias (com suspensão total da produção) mandataram em plenário os seus organismos representativos para adoptarem formas de endurecimento da luta.

As reivindicações dos siderúrgicos relacionam-se, designadamente, com a aplicação integral do acordo colectivo de trabalho (ACT), pela não aplicação dos aumentos selectivos e contra a proposta de regulamentação de regalias sociais, que pretende retirar direitos adquiridos. Pretendem igualmente a anulação de processos disciplinares instaurados a três delegados sindicais.

Casinos do Algarve

Conforme já noticiámos, os trabalhadores do sector de hotelaria dos três casinos do Algarve vão paralisar por um período de 48 horas, com início às oito horas de amanhã.

Os trezentos trabalhadores dos casinos do Algarve (Sointal) não aceitam um novo esquema de horários que a administração quer pôr em prática.

Os novos horários de trabalho obrigam a que os trabalhadores entrem quatro horas antes em relação ao esquema actual, em vigor há mais de oito anos.

Pelo mesmo motivo, os trabalhadores dos casinos do Algarve já cumpriram uma greve de 24 horas, no dia 27 de Junho e que contou com uma adesão de cerca de 90 por cento.

Entretanto, o mesmo sindicato tornou público um pré-aviso de greve para os trabalhadores do sector administrativo da empresa turística de Vale de Lobo.

A greve marcada para o dia 7 prende-se com a política de contratos a prazo que está a ser praticada pela administração daquela mesma empresa.

Segundo o sindicato, a administração da empresa Vale de Lobo vem demonstrando «uma profunda ilegalidade e um desrespeito total pelos direitos dos trabalhadores».

Valarte

Os trabalhadores da Valarte, empresa do sector da cerâmica do distito de Leiria, que na passada segunda-feira paralisaram durante quatro horas, reivindicam o pagamento de salários em atraso, o cumprimento do contrato colectivo de trabalho, melhor organização administrativa da empresa e o direito ao trabalho.

A fim de exporem as razões da sua luta, estes trabalhadores solicitaram já duas audiências ao secretário de Estado da População e Emprego e ao ministro do Trabalho.

Sointal

Os trabalhadores da Sointal anunciaram uma paralisação de 48 horas, com início às 8 horas do próximo dia 4, a fim de pressionaram a administração a retirar «os horários injustos», aprovado pelo Ministério do Trabalho.

Segundo um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira e Similares do distrito de Faro, a administração não deu qualquer resposta à proposta que lhe foi entregue em 29 de Junho e anunciou a intenção de premiar os «poucos trabalhadores que não aderiram à greve de 27 de Junho. O documento acrescenta que, se a administração pretende com estas «atitudes divisionistas» demover os trabalhadores da sua justa luta, «engana-se».

Mármores

A greve iniciada ontem pelos trabalhadores do sector de mármores registou uma adesão da ordem dos 92%, segundo afirmou um dirigente da Federação sindical do sector.

O porta-voz da Federação dos Sindicatos da Construção Civil, Mármores e Madeiras referiu que a greve visa pressionar o patronato a aceitar as reivindicações sindicais no âmbito da revisão do clausulado pecuniário do contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV) dos Mármores.

Os trabalhadores reivindicam 34% de aumento salarial enquanto o patronato contrapõe 17% e recusa a revisão das restantes cláusulas, designadamente subsídio de almoço, deslocações e diuturnidades – acrescentou.

A paralisação abrange cerca de seis mil trabalhadores dos quais cerca de 4500 estão concentrados nos distritos de Évora (zona de Estremoz) e de Lisboa (concelho de Sintra, nomeadamente Pêro Pinheiro).

Nova Assembleia Francesa inaugura hoje os seus trabalhos

A nova Assembleia Nacional Francesa, dominada pelos deputados socialistas, reúne-se pela primeira vez hoje à tarde e vai votar, durante todo o mês de Julho, as primeiras leis do Governo socialista e comunista.

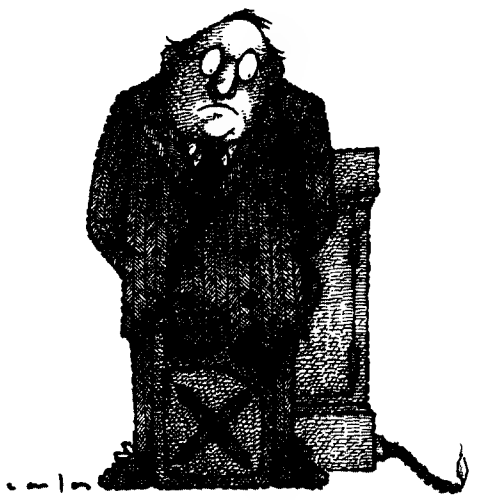
Com 289 deputados, os socialistas e seus aliados do centro esquerda ultrapassam em mais de 40 lugares a barreira da maioria absoluta. Os 44 deputados comunistas, menos de metade do que na última Assembleia, juntarão os seus votos, dando assim à esquerda no seu conjunto os dois terços da Assembleia.

Na oposição, os gaulistas do Reagrupamento para a República (RPR) continuam o principal grupo com 84 deputados à frente dos 60 partidários do antigo presidente, Valery Giscard D'Estaing.

Foi logo depois da sua instalação na Presidência da República, em 21 de Maio, que François Mitterrand dissolveu a anterior Assembleia eleita em 1978, a fim de dispor duma maioria parlamentar capaz de aplicar o seu programa presidencial. Uma aposta ganha superando todas as espectativas, visto que o presidente Mitterrand e o Governo de Pierre Mauroy não dependem sequer dos comunistas para obter votações favoráveis na Assembleia.

A sessão inaugural será presidida pelo décano da Assembleia, o pai dos aviões Mirage, Marcel Dassault, 89 anos, cujas empresas aeronáuticas figuram na lista das nacionalizações. Os deputados elegerão em seguida o presidente da Assembleia, que dirigirá os trabalhos durante cinco anos. O candidato socialista, Louis Mermaz, que beneficia também do apoio comunista, deverá ser eleito sem dificuldade.

Em 8 de Julho, Pierre Mauroy apresentará o seu programa e pedirá um «voto de confiança». Os deputados lançar-se-ão então ao trabalho, um projecto de descentralização



A nova Assembleia, dominada pela maioria de esquerda, que hoje inicia os seus trabalhos, em Paris, irá debater as reformas económico-sociais que foram prometidas aos trabalhadores franceses e nas quais estes votaram. Para os capitalistas, a questão é mais controversa. O cartonista Carlos vê, como a gravura indica, a «expectativa» dos capitalistas franceses frente à nova situação

regional e um aumento do orçamento de Estado para 1981 serão discutidos.

Um projecto de lei de amnistia deverá libertar cerca de 5000 pequenos condenados e cerca de 150 militantes regionalistas ou de extrema-esquerda que tinham sido condenados nestes últimos anos pelo Tribunal de Segurança do Estado. Este Tribunal, instituído durante a guerra da Argélia, deverá ser suprimido pelos deputados. Estes não discutirão em contrapartida a abolição da pena de morte.

A sessão de Verão deverá prolongar-se até 29 de Julho. Os trabalhos parlamentares encerrarão durante o mês de Agosto, devendo recomeçar em Setembro, a fim de discutir em particular os projectos de lei relativos às nacionalizações e à informação rádio-televisiva.

A primeira entrevista

O presidente François Mitterrand afirmou a sua vontade «de controlar directamente e pessoalmente tudo o que concerne à segurança do país», numa entrevista publicada quarta-feira pelo jornal «Le Monde».

O chefe de Estado considera, nesta entrevista, a primeira concedida a um jornal francês, que a reacção americana à entrada de ministros comunistas no Governo constitui uma «pressão».

«Não chamo pressão à opinião que possam ter acerca de nós e das nossas escolhas os países estrangeiros (...) Em contrapartida, a pressão começou com o comunicado de Washington» que afirmava, lembre-se, que as relações franco-americanas seriam prejudicadas com a entrada de ministros comunistas no Governo da França. «Mas estas pressões não acabam aqui», acrescenta Mitterrand. Evocando o facto de um canal da televisão americana ter pretendido que o presidente tinha assumido com Washington compromissos no que respeita à segurança militar. Mitterrand afirmou:

«Nem vale a pena desmentir balelas como essas. O Conselho de Ministros assume uma responsabilidade colectiva. É ele que determina a política do país. No resto, cada ministro assume a sua tarefa particular e nada mais tem a fazer».

Mitterrand lamenta os elevados juros praticados pelos Estados Unidos e o «infernal casal dólar-petróleo», ao qual a França se encontra submetida. «Não se pode desejar uma maior homogeneidade política e militar da Aliança Atlântica e simultaneamente puxar a brasa à sua sardinha em matéria económica», declara o chefe do Estado.

Ainda a propósito das relações com os Estados Unidos. Mitterrand condena em termos bastante violentos a política americana na América Central. «Os povos desta região querem acabar com as oligarquias e as ditaduras sangrentas», considera Mitterrand que acrescenta: «Quando esses povos gritam por socorro, gostaria que não fosse unicamente Fidel Castro a ouvir esses gritos. Todavia, ainda acredito na capacidade de reflexão dos dirigentes americanos».

Calvo Sotelo em Paris

O chefe do Governo espanhol, Leopoldo Calvo Sotelo estará em Paris hoje com a convicção de poder estabelecer com o Governo socialista do presidente François Mitterrand relações mais abertas, mais confiantes e mais francas do que no passado, segundo pensam os observadores em Madrid.

A breve visita de Calvo Sotelo a Paris é significativa devido à importância intrínseca das relações franco-espanholas e à intensidade da mudança que se registou em França, afirma-se nos meios ligados ao presidente do Governo espanhol.

Calvo Sotelo abordará com os seus interlocutores franceses (o presidente Mitterrand e o primeiro-ministro Pierre Mauroy) dois dossiers escaldantes: o terrorismo no País Basco e a adesão de Madrid à CEE.

Gromyko partiu para Varsóvia

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, partiu hoje para Varsóvia para conversações com dirigentes polacos.

A visita de Gromyko à Polónia aconteceu duas semanas antes do Congresso Extraordinário do Partido Operário Unificado (POUP), convocado para discutir as reformas no país ao cabo de um ano de agitação laboral.

Ontem chegou a Varsóvia uma delegação da Comissão do PCUS de Moscovo para uma «visita de trabalho» de vários dias a convite da Comissão do POUP da capital polaca.

Segundo a agência PAP, a delegação, que é chefiada por Olgierd Roganov, secretário da Comissão do Partido de Moscovo, já se avistou com os primeiros secretários do partido de diversas comissões de bairro de Varsóvia. A discussão, qualificada de sincera pela PAP, incidiu em questões relativas ao «trabalho ideológico no seio do partido polaco, pondo em relevo as suas lacunas e os seus lados positivos».

Por outro lado, as autoridades polacas determinaram novos racionamentos perante o agravamento da escassez de numerosos bens de consumo, desde a carne até aos cigarros.

Segundo comunicaram terça-feira as autoridades, as rações de carne de 11 milhões de polacos serão reduzidas provavelmente nos próximos meses.

Devido à falta de mercadorias, em muitas zonas da Polónia não puderam distribuir-se as quantidades previstas para cada pessoa – 1,25 quilogramas de carne e 1,25 quilogramas de salsicha por mês para cada consumidor normal.

A partir de hoje, a lista de produtos racionados inclui, em várias regiões, a carne, açúcar, manteiga, cigarros e fósforos.

Por fim, Lech Walesa sublinhou a necessidade de não mais recorrer à greve em razão da crise económica que atinge actualmente a Polónia.

Falando num comício, em Cracovia, Lech, citado pela agência PAP, disse que a situação polaca era «actualmente mais complicada do que há um ano» e que, consequentemente, «era necessário que o sindicato Solidariedade abandonasse as formas de luta até agora adoptadas».

Independência de Belize aprovada nos Comuns

A Câmara dos Comuns votou a lei que autoriza a concessão da independência à Colónia britânica de Belize.

Belize tornar-se-á independente até ao fim do ano, confirmou no debate parlamentar Nicholas Ridley, ministro adjunto no Foreign Office para a América Latina. Acrescentou que Londres tenciona tomar medidas apropriadas para a segurança do novo Estado.

O ministro congratulou-se com o acordo a que a Grã-Bretanha, Belize e a Guatemala chegaram na conferência constitucional sobre o futuro da última colónia britânica na América Central, reunida em Londres em Abril último.

Nos termos desse acordo, a Guatemala concordou em abandonar qualquer reivindicação territorial sobre Belize em troca designadamente do direito de passagem para o oceano Atlântico e de facilidades portuárias nas cidades de Belize e Punta Gorda.

A Lei aprovada na Câmara dos Comuns prevê a independência de Belize no âmbito da Commonwealth. O texto vai ser agora transmitido à Câmara dos Lordes.

NATO parece rejeitar última proposta soviética

Moscovo esperançado no encontro entre Haig e Gromyko

O próximo encontro entre o secretário norte-americano de Estado, Alexander Haig, e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, é o único passo positivo que o Kremlin vê para desanuviar a tensão internacional.

Dessa reunião espera-se em Moscovo que saia um encontro cimeiro entre o presidente norte-americano, Ronald Reagan, e o líder soviético, Leonid Brejnev.

Esta foi a posição expressa quarta-feira por Boris Ponomariov, membro suplente do Politburo do Partido Comunista e personalidade influente na decisão da política externa da URSS, ao antigo chanceler alemão federal e presidente da Internacional Socialista, Willy Brandt, disseram fontes diplomáticas em Moscovo.

Além disso, acrescentaram, Ponomariov, que manteve conversações com o criador da «Ostpolitik» (abertura a Leste), explicou detalhadamente a posição soviética sobre os temas mais candentes da actualidade, que podem indicar-se resumidamente da seguinte forma:

– Iniciar, o mais rapidamente possível, conversações sobre o desarmamento entre os Estados Unidos e a União Soviética.

– Estas conversações devem ser baseadas em acordos mútuos, e Brejnev indicou já, no discurso pronunciado no banquete de homenagem a Brandt alguns passos destinados a acelerar o processo e (moratória de «eusomísses» somente quando começarem estas negociações e possível retirada de uma parte dos «SS-20» para aquém dos Urais).

– O problema dos armamentos nucleares de alcance médio deve estar controlado, tanto no campo dos países do Leste, como no dos países euro-ocidentais e Estados Unidos.

– As conversações para a limitação de armas estratégicas SALT-2 devem ser ratificadas, e as SALT-3 iniciadas quanto antes.

– No que respeita ao Afeganistão, a URSS exige que termine «a ingerência do Paquistão e Irão», para poder retirar as tropas que mantém nesse país. O Afeganistão deve ser um país livre de «blocos» políticos e militares e construir o seu próprio destino.

– Os limites do território da URSS devem estar livres de ingerências de todo o tipo.

O facto de ter escolhido Willy Brandt como interlocutor privilegiado para lhe expor as linhas mestras da política externa soviética insere-se na progressiva aproximação do Kremlin em relação aos dirigentes e partidos social-democratas, consideram círculos diplomáticos de Moscovo.

Para começar, Brejnev visitará a Alemanha Federal a partir de Novembro, para convencer o chanceler Helmut Schmidt de que, hoje em dia, na Europa «existe um equilíbrio estratégico aproximado», que deve continuar.

(Lucas Hidalgo EFE-ANOP)

Proposta «inaceitável»

A última proposta de Brejnev de «suspensão da instalação dos mísseis soviéticos de médio alcance na parte europeia da URSS» é inaceitável, estimou em Bruxelas um alto funcionário americano.

«Trata-se duma proposta parcial, porque é bem conhecido que os foguetes «SS-20» soviéticos, com um alcance de 4500 km. Podem ser instalados longe, atrás dos montes Urais, isto é, fora da zona europeia da URSS e continuarem a ser capazes de atingir objectivos europeus», declarou este alto funcionário que pediu o anonimato.

Comentando em seguida a proposta soviética expressa por Brejnev por ocasião da visita de Willy Brandt, segundo a qual «esta suspensão só se efectuará se os Estados Unidos nos garantirem que durante as negociações (euro-estratégicas) não instalarão mais mísseis na Europa» este alto funcionário declarou «isto equivaleria ao desequilíbrio actual em foguetes euro-estratégicos. Moscovo já instalou 22, e a NATO, nenhum antes de 1983. Isto é, portanto, uma proposta inaceitável». Por último lembrou o responsável americano, os foguetes «SS-20» montados em camiões são móveis «não se podendo assim fazer distinção entre o território europeu da URSS e as zonas não europeias».

Greve

Uma greve de 4400 trabalhadores de uma fábrica que produz componentes de armas nucleares causou na quarta-feira a preocupação do Governo norte-americano.

Funcionários da secretaria da Energia estão a investigar potenciais atrasos, em todos os Estados Unidos, na produção de tal espécie de armas, no caso de a greve dos trabalhadores da Union Carbide continuar.

Pânico em Ankara

Água da cidade envenenada

Os dois milhões e meio de habitantes de Ancara viveram quarta-feira horas de pânico, ao saberem que insecticida agrícola fora lançado sobre a barragem de Kurtbogazi, o reservatório que fornece água canalizada à cidade.

Pelo menos 25 pessoas deram entrada em hospitais sofrendo de náuseas, vómitos e diarreia, mas as autoridades negaram que os casos se relacionassem com a poluição das águas.

«São efeitos da comida estragada que se vende nas ruas da cidade» – disse o director do Departamento de Saúde da capital Turca.

O governador de Ancara, Mustafa Gonul, transmitiu às 13.00 horas locais um apelo urgente para que a população deixasse de utilizar a água canalizada. Foi esse o factor gerador de pânico.

A decisão foi tomada depois de as autoridades terem sido informadas de que peixes mortos flutuavam na barragem e de se ter comprovado que um avião deitara ali insecticida. «Tratou-se de um acidente» – repetiram os dirigentes municipais ao longo da tarde.

Cinco horas depois, efectuados muitos testes laboratoriais e limpa a superfície do reservatório, a proibição de consumo de água canalizada foi levantada.

A água «está tão limpa quanto pode estar» – comentou um funcionário do Instituto de Higiene a propósito do líquido que, mesmo antes do acidente, já não era recomendado para beber.

24 horas

EXÉRCITO ACUSADO – Dirigentes da oposição e a Ordem dos Advogados acusaram o Exército brasileiro de estar a encobrir a actividade terrorista de alguns dos seus membros. As acusações surgem no seguimento da morte de um oficial no primeiro de Maio em consequência de uma expressão ocorrida no interior do automóvel particular da vítima. Outro oficial que se encontrava no carro ficou ferido no atentado. Há indícios de que os dois oficiais dos Serviços Secretos do Exército estariam a colocar uma bomba frente ao edifício onde decorria um festival de música, mas um inquérito conduzido pelo Exército ilibou ambos os militares, considerando-os vítimas inocentes.

DEPORTAÇÃO – Depois de uma batalha jurídica de 28 anos, o Governo americano ordenou a expulsão dos Estados Unidos de Andrija Artukovic, 81 anos, por crimes de guerra cometidos na Jugoslávia durante a ocupação alemã. A decisão foi tomada pela Comissão de Apelo dos Serviços de Imigração.

ANIVERSÁRIO DA MORTE DE PERÓN – Cerca de dez mil pessoas recolheram-se, quarta-feira, em Buenos Aires, junto ao túmulo de Juan Perón, no sétimo aniversário da morte do antigo presidente argentino, tendo reclamado a libertação da sua viúva «Isabel», detida há cinco anos pelo Governo militar.

ASSASSINADA NA PRISÃO – Uma costa-riquenha de 18 anos, Viviana Gallardo, presumível «terrorista», segundo a linguagem oficial, foi assassinada à metralhadora por um guarda, na célula da prisão de São José onde se encontrava detida. Duas das três mulheres que se encontravam detidas na mesma cela de Viviana foram igualmente feridas. O guarda entrou na cela onde as quatro mulheres dormiam e disparou com uma metralhadora sobre Viviana. Acusada de assassínio, Viviana Gallardo fora presa com outras três mulheres depois de um tiroteio com a Polícia, durante o qual três polícias e um «terrorista» encontraram a morte. O guarda, interrogado pela Polícia local, declarou ter disparado sobre a jovem porque, para ele, ela era a imagem dos seus camaradas mortos.

MOÇAMBIQUE-MALAWI – Moçambique e o Malawi decidiram restabelecer laços diplomáticos a partir de 1 de Julho, a nível de embaixadas. A decisão foi tomada depois de um encontro entre o ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Joaquim Chissano, e o seu homólogo do Malawi, Mordicai Malani Lungo.

INQUÉRITO SOBRE A NAMÍBIA – Cerca de 120 refugiados namíbios capturados pelas forças da África do Sul em Angola encontram-se detidos em «condições desumanas» num campo perto de Marienthal, no Sul da Namíbia, e submetidos a tortura, segundo afirmaram na quarta-feira várias testemunhas a um grupo de peritos das Nações Unidas, que está a investigar em Londres as violações dos Direitos do Homem tanto na África do Sul como na Namíbia.

ELEIÇAO NO ZIMBABWE – A Frente República do antigo primeiro-ministro Ian Smith venceu facilmente a eleição parcial de terça-feira para um deputado branco pelo círculo rural zimbabweano de Mtoko. O candidato da antiga Frente Rodesiana, agora chamada Republicana, o funcionário público reformado Geoff York, obteve 784 votos, indo 476 para Andre Holland, líder do recém-criado Partido Democrático. Por outro lado, a fase final de desarmamento de ex-guerrilheiros do Zimbabwe começou ontem com uma amnistia incondicional para aqueles que entregarem as armas que ainda têm em seu poder ilegalmente.

PRESOS DO ULSTER – A vaga de simpatia, manifestada nos Estados Unidos a favor dos grevistas da fome da Irlanda do Norte, está a preocupar a tal ponto as autoridades britânicas que a princesa Margarida se viu obrigada a anular uma visita a Washington, a conselho da primeira-ministra Margaret Thatcher.

Entretanto, os presos republicanos irlandeses do Norte detidos na Cadeia de Maze (perto de Belfast) qualificaram de «arrogante e sem piedade» a declaração feita na véspera por Humphrey Atkins, secretário para a Irlanda do Norte, que qualificara de «vã» a acção dos grevistas de fome.

TUFÃO KELLY – Pelo menos 122 pessoas perderam a vida nas Filipinas e muitas outras desapareceram em consequência do Tufão Kelly – informou hoje a agência noticiosa filipina PNA.

O tufão arrastou toneladas de lava nas ladeiras do vulcão Mayon, a Sueste de Manila, provocando uma avalanche que sepultou parcialmente cinco pequenas localidades.

PROTESTO POLACO – Os meios de Comunicação da Polónia criticaram a excessiva indulgência do tribunal alemão federal no processo contra os nazis do Campo de Maidanek, concluído terça-feira em Dusseldórfia. A Rádio polaca sublinhou que foi necessário esperar 18 anos desde o começo do processo de instrução até às condenações. O julgamento não pode satisfazer as vítimas do regime de Hitler que sobreviveram ao Campo de Maidanek – disse. A Televisão comentou que pareceu excluído o elemento moral deste julgamento. Ninguém parece recordar-se que por causa da guerra provocada por Hitler morreram 50 milhões de pessoas – disse.

IMUNIDADE LEVANTADA – A Câmara dos Deputados italiana autorizou quarta-feira a magistratura italiana a julgar dez deputados, entre eles o secretário político do Movimento Social Italiano, Giorgio Almirante, que é acusado pelo Ministério Público de Veneza de cumplicidade com um militante de extrema-direita implicado num atentado que, em 1972, causou três vítimas entre os carabineiros. Outros dois deputados do MSI são igualmente acusados de delitos. Dos restantes sete, quatro são membros da Democracia-Cristã, um é radical, outro é socialista e o último é liberal.

HEATH CONTRA THATCHER – O antigo primeiro-ministro conservador britânico, Edward Heath, criticou violentamente na quarta-feira a política monetária do Governo de Margaret Thatcher e a manutenção em nível muito elevado das taxas de juro americanas.

Israel: vitória trabalhista mas o Poder para o "Likud"?

O Estado de Israel pode vir a atravessar neste Verão tempos difíceis, depois de umas eleições gerais que não deram um resultado nítido e que, possivelmente, terão de ser repetidas dentro de alguns meses.

Dois dias depois da ida às urnas, e não estando contados todos os votos, tudo indica que o Partido Trabalhista terá no Parlamento mais um lugar do que o bloco «Likud», de Menahem Begin, mas que este último acabará por ficar no poder, graças às suas alianças com os pequenos partidos de extrema-direita, declaradamente sionistas.

Valendo-se dos eventuais sete lugares do Partido Religioso Nacional dos cinco do ultra-conservador «Agudat Israel», dos dois do TAMI, que as agências internacionais costumam qualificar de «novo partido étnico» e talvrz, do único lugar da lista TELEM, de Moshe Dayan, o «Likud» poderá efectivamente atingir uma precária maioria num parlamento de 120 deputados.

A confirmar esta ideia, está a declaração de Josef Burg, líder do Partido Religioso Nacional, feita já depois da votação, e segundo a qual o «PRN» preferiria um Governo de unidade nacional, mas que, na impossibilidade prática de uma coligação entre os trabalhistas de Shimon Peres e o «Likud» de Begin optaria por uma aliança com o grupo de Begin.

Prevê-se que os trabalhistas fiquem com 49 deputados, mais 17 do que nos últimos quatro anos, e o «Likud» com 48, mais 5, pelo que a vitória inicialmente reivindicada por Peres teria assumido um carácter pírrico.

Um caricaturista da imprensa israelita traduziu o actual estado de coisas com um desenho em que Shimon Peres surge como um futebolista de braços abertos em «V», enquanto Begin se afasta discretamente com a taça.

Os resultados do acto eleitoral de terça-feira, só devem estar completos num dos próximos dias, e, depois de serem oficialmente publicados, é que o chefe do Estado, Yitzahk Navon, indigita um primeiro-ministro, concedendo-lhe um prazo de três a seis semanas para que consiga formar Governo.

Entretanto, observadores sublinham que qualquer que seja o Executivo a constituir a política externa de Israel não se alterará de forma drástica, pois nem os trabalhistas nem o «Likud» aceitam a ideia de um Estado da Palestina ou que a entidade judaica se retire para as fronteiras anteriores à guerra de 1967.

Para a agência soviética TASS «Nenhum dos dois maiores grupos políticos (trabalhista e «Likud») conseguirá assegurar uma solução efectiva da crise do Médio Oriente, porque as suas políticas se baseiam no expansionismo e numa plataforma antiárabe».

«Honra seja feita ao sucesso da Frente Democrática para a Paz e Igualdade cuja lista de candidatos é liderada por Meir Vilner, secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista de Israel» – salientou a TASS. A agência soviética comentou ainda que «em condições de chauvinismo, nacionalismo fanático e terror que foram características da campanha eleitoral, os três lugares parlamentares conseguidos pela Frente são uma conquista importante para as forças de esquerda».

Notório é o silêncio de Washington e a hesitação do Cairo. O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros ficou-se pela afirmação de que a não existência em Israel de um Governo claramente maioritário poderá levantar novas dificuldades ao «processo de paz». O diplomata refere-se às contestadas conversações de Camp David, onde os EUA comandam as operações.

Parlamento iraniano reunido: os lugares dos deputados mortos pelo atentado de Domingo estão assinalados pelas fotos e flores (Telefoto ANOP/UPI/DL)

Para o próximo dia 24

Convocadas no Irão eleições presidenciais e parlamentares

O Governo iraniano convocou eleições presidenciais e parlamentares para preechimento dos lugares que vagaram com a destituição do presidente Bani-Sadr e a morte de 27 deputados no atentado à bomba de domingo.

O Parlamento esteve reunido pela primeira vez depois do atentado, tendo comparecido, com o propósito de «formar o quorum» necessário, seis deputados feridos na deflagração que sacudiu a sede do Partido Republicano Islâmico em Teerão.

Os deputados em questão apresentaram-se no «Majlis» em cadeiras de rodas.

No decurso da sessão um dos parlamentares, «com lágrimas nos olhos», segundo a versão da agência noticiosa PARS, responsabilizou os Serviços Secretos Norte-Americanos e Israelitas pela acção.

O presidente do Parlamento, Hashemi Rafsanjani, acusou o destituído presidente Bani-Sadr de se ter tornado num «fantoche às mãos do grupo Mojahideen Khalq, tomando decisões e conspirando com os seus membros».

O Mojahideen Khalq foi acusado pelo «ayatollah» Khomeiny da autoria do atentado.

Num discurso de 60 minutos radiodifundido, Khomeiny exortou os iranianos a elegerem em 24 de Julho, um presidente «capaz, que não entregue o país à América, nem provoque a cisão entre o Parlamento e o Clero».

O novo presidente, frisou, deve pelo menos acreditar no Islão e ser um muçulmano dedicado.

Teremos de ter cuidado com a nossa escolha, já que, se o presidente escolhido não servir, tudo será destruído, acrescentou.

Khomeiny defendeu o direito de intervenção do clero na vida política, considerando que «o Islão sem clero é como a medicina sem médicos».

Arbitragem EUA-Irão

O Tribunal de Arbitragem irano-norte-americano, criado depois do acordo de Argel sobre a libertação dos reféns norte-americanos, iniciou os trabalhos numa sala do Tribunal Internacional de Haia.

O Tribunal deverá pronunciar-se sobre mais de 2000 reclamações de cidadãos e firmas norte-americanas que exigem indemnizações do Irão, invocando expropriações, inviabilidade de cumprirem contratos e dívidas em atraso.

A soma total das reclamações ascende, segundo informações não oficiais, a 4000 milhões de dólares (mais de 240 mil milhões de escudos).

Observadores julgam que os trabalhos do Tribunal vão arrrastar-se por vários anos. As sessões começam a 19 de Julho e não serão públicas.

A guerra

O Comité Ministerial dos Não-Alinhados, encarregado de uma missão de bons ofícios no conflito irano-iraquiano, vai reunir-se durante dois dias, a partir de 4 de Julho, na Zâmbia, segundo foi anunciado em Lusaca.

Um porta-voz do Ministério zambiano dos Negócios Estrangeiros esclareceu que os ministros dos Negócios Estrangeiros da Zâmbia, Cuba e Índia assistirão aos trabalhos, bem como um representante da OLP.

Enquanto isto, o coronel Muammar Gaddafi, chefe da revolução líbia, e o xeque Zayeb Ben Sultan Al-Nahyane, presidente dos Emiratos Árabes Unidos, lançaram um apelo «aos irmãos do Iraque e do Irão para se pôr termo ao derramento de sangue islâmico e no sentido da realização de uma trégua por ocasião do mês do Ramadão».

Novo presidente do PC chinês apela ao reforço da disciplina

O novo «número um» chinês, Hu Yaobang, inaugurou em Pequim a sua presidência do Partido Comunista Chinês lançando um vigoroso apelo à disciplina nas fileiras do partido.

Prestando homenagem aos «grandes feitos» de Mao Tsé-Tung o novo presidente do PCC proclamou igualmente «a necessidade de liquidar completamente» as sequelas da Revolução Cultural, de que o fundador da China Comunista é oficialmente reconhecido como sendo o principal culpado.

Hu Yaobang que é tido como o colaborador mais próximo do poderoso vice-presidente, Deng Xiaoping, pronunciou na sede da Assembleia Nacional Popular (Palácio do Povo) um discurso marcando o 60.º aniversário do PCC perante um auditório de milhares de pessoas. Na assistência figurava Hua Guofeng que foi «criticado» pelos seus «erros de esquerda».

Hu Yaobang sucedeu na passada segunda-feira a Hua Guofeng que tomara a direcção do partido depois da morte de Mao Tsé-Tung.

Triunvirato?

A República Popular da China estreou quarta-feira, dia do Sexagésimo Aniversário do Partido Comunista, um triunvirato, formado por Deng Xiaoping, Hu Yaobang e Zhao Ziyang – escreve Manuel Dompablo da EFE.

Deng Xiaoping, 77 anos, assegurou uma influência decisiva no país ao colocar na presidência do partido e do Governo Hu Yaobang, 66 anos, e Zhao Ziyang, 62.

Pela primeira vez desde a morte de Mao Tsé-Tung, há quatro anos, Hua apareceu num acto político sem ocupar o lugar da presidência. O seu novo posto de sexto e último vice-presidente do partido assemelha-se mais a um castigo do que ao resultado de um pacto.

E, no entanto, houve aparentemente um acordo. Deng quis despromovê-lo ainda mais, mas acabou por dar-lhe um lugar entre os vice-presidentes, ao verificar que Hua contava com um apoio consistente.

exclusivo

Quatro ministros comunistas no Governo francês

■ Le Monde.

A participação de quatro ministros comunistas, no segundo governo francês de Pierre Mauroy, despertou, de diferentes maneiras, a atenção do mundo. No número anterior, o «DL». iniciou as biografias publicadas no «Le Monde», com uma referência a Fiterman, **ministro dos Transportes. Hoje publicamos as biografias de** Le Pors, **ministro da Função Pública e Reforma Administrativa;** Ralite, **ministro da Saúde, e** Rigout, **ministro da Formação Profissional.**

2
Marcel Rigout: um antigo torneiro

MARCEL Rigout nasceu a 10 de Maio de 1928 em Verneuil-sur-Vienne (Haute Vienne), numa família de condição modesta. O pai membro do P. C. F., era serrador de pranchas. A mãe, dona de casa, era simpatizante comunista. Depois de ter obtido o seu diploma de estudos técnicos, exerceu a profissão de torneiro no arsenal de Limoges. Aos quinze anos entrou na Resistência e em 1944 filiou-se no P. C. F. Membro do comité federal da Haute-Vienne em 1944, é em 1950 secretário da federação comunista de Limoges. Em 1961 é eleito membro do comité central.

Após duas tentativas não coroadas de êxito nas eleições legislativas de 1958 e 1962, é, aos trinta e nove anos, eleito deputado da segunda circunscrição da Haute-Vienne (circunscrição de Rochechouart-Saint-Junien). Não foi reeleito em 1968 mas tornou-se em 1970 conselheiro geral do cantão de Pierre-Buffiere.

Reconquistou o seu lugar na Assembleia Nacional em 1973 e conservou-o até hoje. No dia 21 de Junho bateu, na segunda volta, o candidato do R. P. R., obtendo 62,29% dos sufrágios expressos.

Vice-presidente do grupo comunista da Assembleia Nacional, tinha o seu lugar na comissão da produção e comércio, e falou muitas vezes em nome dos deputados comunistas, nos debates sobre agricultura. Esteve na comissão encarregada do controle periódico funcionamento do FORMA (Fundo de Orientação e Regularização dos Mercados Agrícolas). Também se interessa pelos problemas relativos à informação. Director político do **Echo du Centre,**

Marcel Rigout

Marcel-Rigout participou nos trabalhos da comissão parlamentar de inquérito sobre as condições de informação pública.

Vice-presidente do conselho geral da Haute-Vinne, membro do conselho regional do Limousin, também se ocupa da comissão de desenvolvimento económico regional. É, antes de mais, um homem de acção. ■

3
Anicet Le Pors: um alto funcionário comunista

ANICET Le Pors, senador comunista dos Hauts-de-Seine, membro do Comité Central do PCF desde Maio de 1979, foi um dos principais colaboradores de Georges Marchais na preparação da sua campanha presidencial. Membro da Comissão das Finanças do Senado. Le Pors interveio desde 1977 durante numerosos debates económicos, orçamentais e sociais.

Numa pergunta oral feita em Julho passado ao ministro do trabalho, espantou-se com o facto de Stoleru, secretário de Estado, ter podido evocar **«um estudo confidencial do Secretariado Nacional de Imigração, sugerindo que a expulsão dos imigrantes seria um remédio para o desemprego, sem que um tal estudo tivesse sido tornado público».** Na realidade, esse estudo (que não passava de uma simples sondagem) indicava que os franceses não estavam muito dispostos a substituir os trabalhadores estrangeiros nas tarefas mais ingratas.

Le Pors conhecia muito bem o problema: alto funcionário na direcção da previsão do Ministério da Economia e das Finanças, dirigira em 1976 um grupo de trabalho interministerial. O «relatório Le Pors» demonstrava que uma clara diminuição de 150 000 imigrantes no período de 1976-1980 só se traduziria em 13 000 empregos suplementares para os trabalhadores nacionais. Nos **Cahiers du communisme** de Agosto - Setembro de 1979, Le Pors, entretanto eleito senador, trazia novas precisões que punham em causa a política de **«regresso ao país»** preconizada por Stoleru.

Le Pors é o principal autor de uma proposta de lei do seu partido, tendente a democratizar o debate orçamental, dividindo-o em três etapas repartidas em duas sessões. Reclamou por várias vezes uma extensão da iniciativa parlamentar em matéria financeira.

O novo ministro encarregado das reformas administrativas também é um excelente conhecedor dos problemas industriais que seguia quando estava na direcção da previsão do Ministério da Economia e Finanças. Tinha analisado, para a preparação do VI (1971-1975), mas mais ainda do VII Plano (1976-1980), o impacto das transferências entre o Estado e a indústria. Entregara-se assim a um autêntico trabalho de beneditino que, muito antes da publicação do relatório Hannoun mostrava que o inicial das transferências do Estado à indústria, ia para os grandes grupos e beneficiava insuficientemente alguns sectores muito abertos à concorrência internacional.

Orador eloquente, vigoroso e conciso, a sua competência fazia com que alguns ministros de Barre, a quem se opunha frequentemente, o temessem, no Senado. Em contrapartida, a sua

Anicet Le Pors

cortesia valia-lhe a estima da maior parte dos senadores.

Como economista, Anicet Le Pors, que criticara vivamente as propostas do PS visando a reduzir a parte do comércio externo no produto nacional, surge como um comunista ortodoxo, destruidor de monopólios. Grande trabalhador, capaz de análises muito precisas, mas pouco inclinado para as «nuances» Le Pors nada tem de um radical amável.

Anicet Le Pors nasceu em Paris no dia 28 de Abril de 1931. Doutorado em Economia, perito da Organização Meteorológica Mundial (1960), foi nomeado em 1965 chefe da divisão «indústria» da Direcção da Previsão do Ministério da Economia e Finanças. Em 1975 é nomeado para a testa da missão interministerial sobre a imigração. Ali se manterá até à sua eleição como senador dos Hauts-de-Seine, em 1977. De 1978 a 1980 também é professor na Escola Superior de Ciências Económicas e Comerciais (ESSEC). Membro do Partido Comunista desde 1955 e do Comité Central desde o Congresso de Maio de 1979, Anicet Le Pors, director do departamento «Nacionalização e política industrial» do PC, participou, a este título na elaboração do programa comum do governo.

É autor de várias obras de economia: **Traité marxiste d'economie** (1971). **Les Transferts Etat-industrie en France et dans les pays eccidentaux** (1976), **Les bequilles du capital** (1977) e **Marianne à l'encan** (1980). ■

4
Jack Ralite: especialista dos assuntos culturais

Jack Ralite

JACK Ralite nasceu no dia 14 de Maio de 1928 em Chalons-sur-Marne. Jornalista, colaborou no **l'Humanité** e foi chefe do serviço cultural de **l'Humanité-Dimanche.**

O novo ministro da Saúde obteve o seu primeiro mandato efectivo nas eleições municipais de 1965, data a partir da qual se tornou adjunto do «maire» de Aubervilliers (Seine-Saint-Denis). Eleito deputado comunista de Seine-Saint-Denis (3.ª circunscrição: Aubervilliers, La Courneuve, Stains) em Março de 1973, foi reeleito em 1978 e em 1981.

Especialista dos assuntos culturais, mostrou por várias vezes a paixão que tem por esses assuntos na sua vida de dirigente local e nacional. No palais Bourbon, onde foi relator do projecto do cinema, este homem afável e reservado causou muitas vezes espanto aos colegas, nas sessões públicas, pelos seus talentos de polemista e, muitas vezes, pela sua violência verbal.

Vice-presidente da delegação parlamentar para a Rádio Televisão francesa, Jack Ralite participou em 1979 nos trabalhos da comissão de inquérito as condições da informação pública. ■

Bulgária cumpriu os planos de 1980

Ritmos estáveis e desenvolvimento intenso da economia nacional, assim definiu o Conselho de Ministros da Bulgária o cumprimento do plano de desenvolvimento económico-social do país em 1980. O crescimento do rendimento nacional, que ultrapassou os 20 mil milhões de leva (1 leva equivale aproximadamente a 60$00) constituiu o resultado da constante elevação da produtividade de trabalho.

Os complexos económicos, ministérios e administrações centrais cumpriram os seus planos anuais, tendo o volume da produção industrial alcançado os 28.578 milhões de levas. A produtividade de trabalho aumentou 2,6 por cento, assegurando 70 por cento do crescimento da produção.

A produção de energia eléctrica da indústria de aquecimento, da química, das construções mecânicas e laboração de metais apresentaram ritmos acelerados de crescimento.

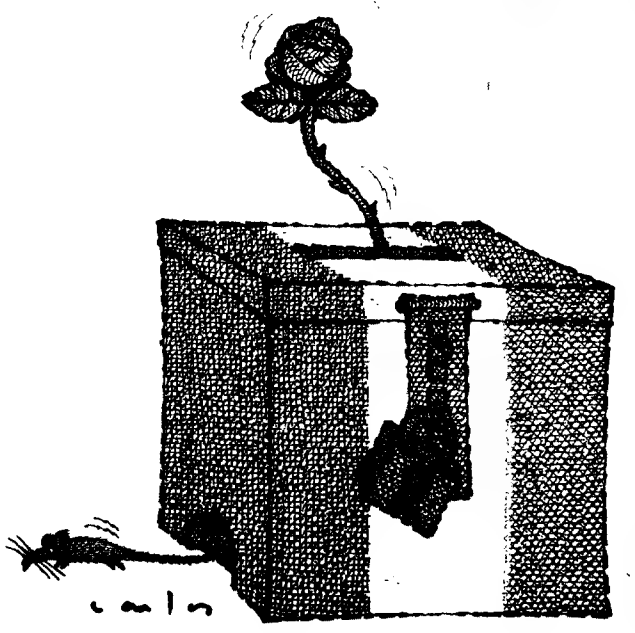
Durante 1980, prosseguiu igualmente a modernização da economia rural, cuja produção alcançou os 5070 milhões de leva. A luta contra a erosão desenrolou-se numa frente de 150 mil hectares. Foram recultivados cerca de 1500 hectares de terrenos abandonados, e tratados mais de 9.800 hectares de solos salgados ou de acidez nociva, repovoando-se mais de 40 mil hectares de terrenos florestais.

As organizações construtoras efectuaram trabalhos de edificação e montagem por um valor total de 3.500 milhoes de levas. Cerca de 5.900 milhões de levas foram afectados ao funcionamento de novos fundos básicos de produçao.

Quanto às relações comerciais, houve um aumento de 14,1 por cento em relação a 1979, registando-se um crescimento sensível relativamente aos países capitalistas e aos Estados em vias de desenvolvimento.

Em relação aos aspectos sociais do plano, aumentou consideravelmente o volume global dos fundos sociais de consumo, que atingiram os 5.400 milhões de levas. Para esses fundos, foram destinados 75 por cento do rendimento nacional. Aperfeiçoaram-se os serviços comerciais e comunais à população. A abertura de novos jardins de infância possibilitou a entrada de mais 9 mil crianças, abarcando actualmente a rede de escolas infantis 76 por cento das crianças entre os 3 e os 6 anos.

Entretanto, mais de 56 mil jovens ingressaram nas escolas médias; mais de 54 mil especialistas, entre os quais 19 mil de formação superior, incorporaram-se na economia. Nos finais do ano, havia um médico para cada 407 pessoas. Os lugares nas casas de descanso ascenderam a 96 mil. ■



DESPORTO

Embora metendo pés pelas mãos

Nazaré: PSP confessa que baleou

Ainda a respeito dos tristes (e muito feios) acontecimentos ocorridos após o jogo Nazarenos-Académico de Viseu, em que a PSP fez uma carga quase diabólica sobre centenas de espectadores indefesos, o Comando Geral daquela corporação não desiste de tentar encontrar atenuantes para o procedimento de alguns agentes. E elabora, para distribuição pública, o seguinte comunicado:

«Alguns órgãos da Comunicação Social têm vindo a referir a existência de pessoas feridas a tiro, durante os incidentes ocorridos no passado dia 28 de Junho, na vila da Nazaré.

Entende este Comando-Geral, em aditamento ao seu comunicado de 29/6/81, ser sua obrigação levar ao conhecimento do público o seguinte:

«1. Após solucionados os incidentes no campo de futebol, o pessoal da PSP de Leiria iniciou o regresso ao Comando Distrital cerca das 19 e 30 horas, saindo da Nazaré pela Estrada Nacional 204 (Nazaré-Marinha Grande).

«2. Quando os dois autocarros em que se transportavam atingiram o entroncamento da Rua Mouzinho de Albuquerque com aquela Estrada Nacional, um grupo de cerca de 50 pessoas procurou impedir a marcha das viaturas, quer apedrejando-as, quer tentando tomá-las de assalto.

«3. Face à situação inesperadamente criada, o pessoal da PSP que se deslocava nas viaturas e que com dificuldade saía das mesmas, viu-se forçado a fazer alguns disparos de pistola para poder adquirir o controlo da situação.

«4. Para além dos elevados danos materiais sofridos nos autocarros da PSP e nalgumas viaturas civis, também apedrejadas, há a lamentar a existência de alguns civis feridos em consequência dos disparos feitos, dois dos quais com gravidade.»

●

Uma vez mais o «Diário de Lisboa» vem a terreiro repor outra verdade dos factos: é que o tiroteio se desenrolou em torno do Estádio Municipal da Nazaré e ainda nenhum credenciado elemento da PSP se tinha refugiado dentro das viaturas que deveriam conduzir os inesperados guerreiros ao local de salvação. Os tiros foram ali mesmo, nas traseiras e no topo das bancadas, consoante milhares de pessoas testemunharam e, certamente por não estarem presentes, os ilustres comandantes da PSP acabaram por ser induzidos em erro por algum relatório feito apressadamente. Aliás a lista dos feridos principais diz bem que não seria uma criança com sete anos e uma senhora grávida que estariam dispostas a ir para a estrada travar viaturas policiais na sua marcha.

Para que o público (uma vez mais, se isso ainda fosse necessário) note de que lado está a razão, repetimos a lista dos sinistrados principais, onde não figura qualquer elemento das várias polícias portuguesas: Sónia Lourenço, de sete anos; Júlia Fernandes Pratas, 23 anos (em estado de gravidez, atingida com uma bala num pulmão); Joaquim Frederico Zabumba, 17 anos (bala na perna esquerda); Joaquim Ferreira Zarro, 26 anos (bala no joelho esquerdo); João Henrique Eustácio, 20 anos (uma tíbia esfacelada); Lúcia Ferreira, 39 anos; Maria Zulmira Estrelinha, 29 anos; António Marques, 27 anos; José Vicente Soares, 21 anos; César Remédios, 55 anos e Rogério Quinzico, 27 anos.

Futebol: árbitros na berra

Enquanto é movido processo disciplinar a Inácio de Almeida, o Conselho de Arbitragem decide qualificar o setubalense Raul Nazaré como «o árbitro do ano» e promover Alder Dante a **juiz internacional**, na lista em que já figuram António Garrido, Mário Luís, Marques Pires, Graça Oliva, Raul Nazaré e César Correia. Devem baixar ao 2.º escalão Silva Pereira (Porto) e Américo Lopes (Setúbal) e estão candidatos ao 1.º grupo Adélio Pinto (Porto), Carlos Valente (Setúbal), Agostinho Santos (Leiria), João Rosa (Évora), Joaquim Grilo (Aveiro) e Isidro de Oliveira (Porto). Para a primeira vaga entre os «internacionais» foi escolhido o portuense Fernando Alberto.

Osvaldo no Restelo

O médio Osvaldo, que integrou a comitiva do Sporting à Venezuela, trocou o Desportivo de Beja por um contrato com o Belenenses, que também já assegurou o concurso de Luís Horta, Arnaldo Silva, Américo, Padrão, Avelar e Vítor Gomes.

José Henriques na Covilhã

O Sporting da Covilhã prepara-se para, na próxima época, alcançar posição de relevo no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão. O clube serrano acaba de contratar o guarda-redes José Henriques, antigo internacional do Benfica, e que na época passada representou o Nacional da Madeira, e o avançado Alfredo Muianga, o moçambicano que chegou a figurar no eixo do ataque do Belenenses.

Rodolfo revalida

Rodolfo: contrato firmado para mais dois anos com o FC Porto.

Hamilton volta à Luz

Cinco anos depois do seu voluntário afastamento, o massagista Hamilton Marques da Pena regressa ao Benfica, para a vaga deixada por Mário Belo, precisamente o colega que o substituíra.

Estoril nos Açores

O Estoril Praia partiu para os Açores, onde prevê três actuações perante grupos locais. Deslocaram-se os jogadores Abrantes, Ruas, Teixeirinha, José António, Franque, Leo, Fernando Santos, Ernesto, Manaca, Salvador, Santinho, Paulo, Jerónimo, José Abrantes, Conde, Xavier e Diamantino.

Taça das Taças por cá?

A Federação de Futebol vai candidatar-se à realização, na próxima temporada, da final da Taça das Taças.

Farense contrata

É já extenso o rol de contratações efectuadas pelo Farense: Mirobaldo (Beja), Ângelo (Silves), Orlando (Campinense), Ferro (Marítimo), Rachão, Guilherme e César (Portimonense), Isidro (Belenenses), Sanha (União da Madeira) e Jairo (Sanjoanense.

Atenção, orientalistas!

O Clube Oriental de Lisboa noticia que se realiza no dia 11 do corrente, pelas 17h, no Campo «Eng. Carlos Salema», um treino de experiência para candidatos a jogadores de futebol seniores, que queiram representar o Clube Oriental de Lisboa, na próxima época (1981-/82).

Relações: FPF-AFF

Romão Martins, presidente da Federação Portuguesa de Futebol, o secretário-geral (César Grácio), e José Novais (dirigente federativo para as Regiões Autónomas) deslocam-se na segunda-feira à Madeira. Aqueles dirigentes da FPF terão reuniões com a Associação de Futebol do Funchal e com as direcções dos três clubes madeirenses que disputam os campeonatos nacionais de futebol. O secretário-geral da AFF (Osvaldo Pestana) declara que o objectivo central destas reuniões será fazer sentir aos dirigentes federativos os problemas do futebol regional e encontrar um consenso para utilização do Estádio dos Barreiros na próxima temporada, uma vez que as tres equipas madeirenses (Marítimo, Nacional e União) estão na 2.ª Divisão, além da intensificação das relações entre a FPF e a AFF.

Ronnie Allen milionário

O antigo técnico de futebol do Sporting, o inglês Ronnie Allen, ingressou no West Bromwich Albion, rejeitando uma oferta de 200 mil dólares (12 mil contos) para permanecer à frente da selecção da Arábia Saudita. Allen regressa ao clube que deixou há três anos e meio e substitui Ron Atkinson, que se mudou para o Manchester United há três semanas.

Foi no West Bromwich que Allen se tornou num dos mais famosos jogadores de Inglaterra, na década de 50. Alinhou em mais de 500 desafios pelo clube e contribuiu com dois golos para o triunfo sobre o Preston, na final da Taça de Inglaterra de 1954. Jogou (ainda) no Crystal e enveredou pela carreira de treinador em 1966, no Wolverhampton. Levou o «Wolves» à 1.ª divisão, mas foi despedido em Novembro de 1968.

Depois de uma temporada negativa no Sporting, regressou a Inglaterra em Junho, para dirigir o Walsall, que abandonou 18 meses depois para aliviar a crise financeira do clube. Passou então para o West Bromwich. Aceitou depois um convite do príncipe Faisal para um contrato de três anos na Arábia Saudita, até que o novo presidente do West Bromwich o convenceu a regressar.

Basquetebol: convívio entre Lisboa e Badajoz

Jovens basquetebolistas portugueses e espanhóis estarão em pleno convívio desportivo no próximo fim-de-semana. A convite da Associação de Basquetebol de Lisboa, deslocam-se à capital portuguesa as equipas de iniciados masculinos e cadetes femininos do Club de Baloncesto D. Benito, de Badajoz, que se reunirão com iguais formações lisboetas, em jogos marcados para domingo, em recinto ainda não designado, mas que tudo leva a crer seja o Pavilhão da Ajuda. Às 9 e 30 jogam as equipas de iniciados masculinos, e às 11 horas as de cadetes femininos. As formações de Lisboa serão compostas pelos seguintes atletas:

Cadetes: Ana Coutinho, Susana Coutinho, Paula Seita, Helena Aires, Filomena Henrique e Maria Teresa Pais, todas do Algés; Carla Sofia Esteves, Carla Marina Esteves e Maria Alexandra Esteves, as três (filhas da treinadora Edite Esteves) do Carnide; Isabel Coelho e Marcelina Chaquiche, ambas do CIF; Carla Cerqueira, do Cruzquebradense. Orientarão esta equipa os técnicos Mário Barrada, Edite Esteves e Manuel Silva.

Iniciados: Abílio Lopes, António e Rui Coito, do Algés; Manuel Campos, Paulo Parreira e Paulo Mourato, do Benfica; João Santos e Paulo Tubal, do Belenenses; Pedro Rodrigues, do Atlético; Carlos Gonçalves, do Odivelas; Filipe Batista e Nuno Barreto, do CDUL, e Mário Ribeiro, do Sacavenense. Treinadores: António Ferreira e Manuel Castel'Branco.

MICROSCÓPIO

Andebol efervescente

O Sporting procura o regresso do andebolista João Manuel (que tem estado no FC Porto) e já revalidou contratos com Bernardo e Vasco Vasconcelos. Por seu lado, o técnico Adelino Moura continua no Benfica, onde devem entrar Ernesto (Estefânia), Marinho (Encarnação) e Sanches (Caramão). Finalmente: talvez Hernâni deixe as Antas, retornando ao Belenenses.

Mas a nota mais explosiva chega da arbitragem: demitiram-se todos os juízes e dirigentes da «distrital» lisboeta, até que a situação arbitral seja do seu agrado.

Casa Pia: aniversário

O Casa Pia inaugura no sábado o seu Pavilhão Polivalente situado nas instalações do Estádio Pina Manique, em cerimónia integrada nas comemorações do 61.º aniversário da colectividade. O pavilhão tem 42x22 metros, é vedado e está dotado com iluminação que permite transmissões directas a cores pela televisão. Na mesma altura será entregue ao Casa Pia a medalha de mérito desportivo com que foi agraciado no ano passado.

Ténis de 1.ª

A norte-americana Chris Evert-Lloyd qualificou-se para defrontar a checoslovaca Hana Mandlikova na final do torneio de ténis de Wimbledon, (singulares senhoras), ao derrotar a sua compatriota Pam Shriver, por 6-3 e 6-1. Mandlikova venceu há duas semanas o campeonato aberto de França, disputado em Roland-Garros. Agora, levou a melhor sobre a apátrida Martina Navratilova.

Vila Real: circuito

Oitenta e quatro pilotos portugueses disputam o 23.º Circuito Automóvel de Vila Real, organizado pelo clube automóvel local. Na competição inscreveram-se 19 carros do «Agrupamento A1» (até 1300 cc), 24 do «Agrupamento A2» (mais de 1300 cc), 18 do «Agrupamento B1» e 23 do «Agrupamento B2» (grupos de dois a cinco). Os treinos oficiais efectuam-se sábado.

Melhorias em Leiria

A Câmara Municipal de Leiria vai construir no estádio da cidade novas instalações destinadas aos órgãos de Comunicação Social. O Executivo decidiu também colocar uma vedação de rede protectora no campo de jogos do estádio.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 46 DE 5 JULHO 1981

Boa Nova. 111 112 x11 2x1x; Cavalgada do Ritmo. 111 111 1x1 2221; Rádio Totobola. 111 1x1 111 2x21; Correio de Coimbra. 112 11x 121 21x1; Correio do Vouga. 111 11x xx1 222x; Defesa de Espinho. 11x 111 xx1 22xx; Diario de Coimbra. 11x 1x1 111 2111; Ecos do Cacia. 11x 111 x21 2x21; Eu Sei Tudo. 111 111 xx1 x111; Folha do Domingo. 211 11x 2x1 x111; Jornal de Santo Tirso. x1x 111 1x1 x11x; Jornal de Sintra. 111 1x1 221 2112; Jornal Linhas de Elvas. 111 111 x11 x221; Litoral. 11x 121 111 2x21; Noticias de Chaves. 211 1x1 12x x221; Notícias de Felgueiras. 11x 1x1 1x2 2x1x; Reconquista de Castelo Branco. 111 1x1 xx1 2x21; RDP/Secção Desportiva. 111 1x1 1x1 2x21; A Voz das Beiras. 111 x11 11x 2111; A Voz do Domingo. 111 111 x21 2x12; Grafanola Ideal. 112 121 x11 1x21; Jornal 1x2. 111 1x2 xxx 2xx1; Diário de Lisboa. 111 111 1x1 2221; Noticias de Evora. 111 11x 111 x11x; Jornal O Dia. 111 1x1 121 xx21; A Comarca de Arganil. 1x1 1x1 1x1 x221; O Jornal de Felgueiras. 111 1x1 1x1 1x21; Jornal a Ordem. 11x 211 2x1 11x2; Jornal da Beira. 111 111 1x1 211x; RDP/Centro-Diário Desportivo. 1x1 1x1 2x1 x121; Notícias de Guimarães. 1x1 11x 111 1xx1; Notícias de Gouveia. 11x 111 121 x221; Maria da Fonte. 111 111 1x1 2x11; Alvo Desportivo. 11x 21x 211 112x; Estudio 64. 111 111 111 x111; Jornal da Graça. 111 1x1 x21 2x21; Jornal de Noticias. x11 1x1 22x 2111; Manchete Desportiva. 1x1 11x 121 2111; Penalty. 11x 112 121 21x1; O Primeiro de Janeiro. x1x 111 x11 211x; Quadrante Norte. 111 1x1 2x1 2x21; Radio Alvo. x1x 1x1 x1x 111x; Panorama. 111 111 111 1111; Rádio Placard. 1x1 111 1x1 2x22; Rádio Sports. 111 1x1 112 2111; Reporter do Dia. 111 111 2x1 xx21; Resenha Desportiva. 111 111 121 x221; A Voz dos Ridiculos. 111 111 1x1 x221; Jornal a Voz do Ave. 11x 11x x11 2121; Jornal de Gaia. 111 111 122 212x.

	RESULTADOS					
	1	X	2	1	X	2 a)
1. OLARIA - MADUREIRA	44	4	2	10	1	1
2. BOTAFOGO - AMÉRICA R.J.	45	5	0	11	1	1
3. FLUMINENSE - V. DA GAMA	35	13	2	8	3	1
4. BANGÚ - SERRANO	47	1	2	10	1	1
5. AMERICANO - C. GRANDE	31	17	2	7	4	1
6. SANTOS - PALMEIRAS	39	8	3	9	2	1
7. PONTE PRETA - GUARANI	28	14	8	7	3	2
8. COMERC. - BOTAFOGO S. P.	16	21	13	4	5	3
9. S. JOSÉ - TAUBATÉ	42	5	3	10	1	1
10. S. BENTO - CORINTHIANS	7	14	29	2	3	7
11. FERROVIÁ. - AMÉRICA S. P.	22	18	10	5	5	2
12. NOROESTE - INTERNACIO.	19	6	25	3	1	6
13. FRANCANA - JUVENTUS	35	11	4	8	4	1

a) - Nos termos do Artº 149. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ :
111 111 1X1 2121

DESPORTO

Hinault já domina o "Tour"

O francês Bernard Hinault venceu ontem, com naturalidade, a 7.ª etapa da Volta à França em bicicleta, disputada no sistema de contra-relógio individual, reconquistando a «camisola amarela». A tirada (de 27,6 quilómetros) adaptou-se totalmente às características do campeão do mundo, que cobriu a distância em 35 minutos e 52 segundos, à média horária de 44,7 quilómetros. Hinault bateu o holandês Gerrie Knetemann, ex-líder da competição por apenas três segundos, mas deixou o jovem australiano Philip Anderson, 3.º classificado, à distância suficiente para lhe arrebatar a «camisola amarela».

Para os dois portugueses (Joaquim Agostinho e Fernando Mendes) a etapa nada trouxe de novo, pois o veterano ciclista de Torres Vedras não conseguiu melhor que um 13.º lugar, perdendo mais 1,33 minutos para Hinault, e Mendes evidenciou novamente a sua forma precária ao classificar-se em último lugar. Agostinho subiu quatro lugares na classificação geral onde ocupa agora a 29.ª posição (a 8,29 minutos de Hinault), enquanto Mendes desceu três, passando a ocupar a 134.ª a 35,39 minutos do «líder».

Hinault parece ter assegurado o 1.º lugar da competição, pois exceptuando Anderson, um jovem inexperiente a disputar o seu primeiro «Tour», o mais directo rival (o francês Michel Laurent, 3.º da geral) está já a quatro minutos e meio, ao fim de apenas uma semana de corrida.

Por outro lado, a etapa de ontem clarificou mais a posição das equipas dentro do pelotão, pois a «Raleigh», dominadora das tiradas iniciais, passou a contar com apenas um corredor nos 20 primeiros, o holandês Joop Zoetemelk, vencedor do «Tour» de 1980 que se encontra em 19.º.

A «Peugeot», segunda no contra-relógio por equipas de 2.ª-feira, viu o seu principal ciclista (o francês Jean René Bernaudeau) cair para a 18.ª posição, o que fez dirigir todas as atenções da equipa para a sua segunda figura (Laurent).

Hinault tem respondido aos críticos que apontam a fraqueza da sua equipa, defendendo que a «Renault» é uma formação de trepadores, o que foi confirmado pela conquista do comando da classificação por equipas, além do domínio do bretão.

Anderson, apesar de ter perdido o comando da prova, impressionou uma vez mais, ao obter a 3.ª posição na etapa e ficando apenas a treze segundos de Hinault, na classificação geral. O experiente ciclista francês Pierre Bazzo comparou hoje os dois primeiros da classificação dizendo que **Hinault adapta-se melhor que Anderson a uma competição que exige muito espírito de sacrifício. Ser bom não é suficiente para uma corrida como a Volta a França** – disse Bazzo. **É preciso ser super e é nesse ponto que Hinault é intocável** – acrescentou.

Classificação geral dos mais cotados: 1 – Hinault, 19h. 42m. 20s.; 2 – Anderson, a 13 segundos; 3 – Laurent, a 4,30; 4 – Claes, 4,52; 5 – Van Impe, 4.58; 6 – Willimann, 5.00; 7 – Criquielion, 5,23; 8 – Fernandez, mt; 9 – Winnen, 5,44; 10 – Verlinden, 5,45. Agostinho é 29.º (a 8,29 minutos) e Mendes o 134.º (a 35,39 minutos do melhor).

Marco Chagas de amarelo no Minho

Com a presença de 45 ciclistas (em representação do FC do Porto, Sangalhos, Coimbrões, Alfena, Coelima, Ovarense e Stand Clemente) principiou ontem, ao fim da tarde, em Guimarães, o V Grande Prémio do Minho, prova organizada pela Associação de Ciclismo de Braga. Até domingo e ao longo de 500 quilómetros efectuar-se-á o último teste para a «festa» maior: a Volta a Portugal.

Como já vem sendo usual, o Grande Prémio do Minho abriu com um prólogo, disputado na cidade-berço da nacionalidade, perante numeroso público. Marco Chagas (FC do Porto-UBP) fez o melhor tempo no traçado de dois quilómetros: 2m e 30s. Conquistou assim, por direito próprio, a «camisola amarela» que já há muito tempo não lhe adornava o dorso.

«A última vez que isso aconteceu foi na Volta a Portugal de 1979», fez questão de salientar Marco Chagas, por entre sorrisos e abraços de companheiros e adversários. O ex-autêntico profissional, não cabia em si de contente e exclamava: «Vou dar tudo por tudo para a defender até ao fim.» Será que desta feita o FC do Porto não vai deixar escapar o «pássaro» da mão?

A hora de encerrarmos esta edição está a decorrer a 1.ª etapa em linha, entre Guimarães e Pevidém, na distância de 127 quilómetros. Embora sem grandes obstáculos, a tirada promete. Aguardemos.

Classificação individual: 1.º Marco Chagas (FC do Porto), 2m 30s; 2.º Benedito Ferreira (Sangalhos-Bosch), a 2s; 3.º Fernando Fernandes (FC do Porto-UBP), mt; 4.º Belmiro Silva (FC do Porto-UBP), mt; 5.º Luís Teixeira (Coelima), a 3s; 6.º Tito Timóteo (Sangalhos-Bosch), a 5s; 7.º Joaquim Andrade (Ovarense-EFS), mt; 8.º Herculano Silva (Sangalhos-Bosch), a 6s; 9.º Eduardo Correia (Sangalhos-Bosch), mt; 10.º António Alves (FC do Porto-UBP), a 7s; 11.º Joaquim Carvalho (FC do Porto-UBP), mt; 12.º José Martins (Coelima), a 8s; 13.º António Fernandes (FC do Porto-UBP), mt; 14.º Manuel Zeferino (FC do Porto-UBP), mt; 15.º António Pinto (Coelima), a 9s; ... 45.º Alfredo Gouveia (Coelima), a 47s (a média do vencedor foi de 47,999 km/h). Por equipas: 1.ª FC do Porto-UBP, 7m 34s; 2.ª Sangalhos-Bosch, a 9s; 3.ª Coelima, a 16s; 4.ª Ovarense-EFS, a 22s; 5.ª Coimbrões-Fagor, a 33s.

Manuel Neto

Benfica: campeão em hóquei patinado

O Benfica assegurou a conquista do título português de hóquei em patins pela 3.ª vez consecutiva ao golear o Sporting por 9-3, no pavilhão de Alvalade. A três jornadas do fim, o Benfica soma 30 pontos, contra 25 do Sporting e do Valongo, restando-lhe apenas mais um jogo fora do seu pavilhão, no Restelho.

O FC Porto derrotou (nas Antas) a Juventude de Viana por 7-3, enquanto o Valongo bateu a Sanjoanense por 6-5. O jogo Sesimbra-Belenenses sofreu diversas interrupções e terminou após as 24 horas de hoje, devido a uma tempestade que provocou diversos cortes de energia na região de Sesimbra. O desfecho final foi de 7-6 favorável aos sesimbrenses.

Classificação: 1. Benfica, 30 pontos; 2. Sporting e Valongo, 25; 4. Sesimbra, 23; 5. Porto, 22; 6. Belenenses, 19; 7. Sanjoanense e Juventude de Viana, 15.

Virgílio: 6 golos

José Virgílio foi a grande figura do encontro em que o Benfica venceu o Sporting por 9-3, ao marcar seis dos tentos da sua equipa. José Virgílio entrou na equipa «encarnada» a substituir Picas quando o Benfica perdia por 2-0 e teve grande influência no aspecto que a partida conheceu a partir dessa altura.

O Sporting iniciou o encontro em bom estilo, remetendo o Benfica para a sua defensiva e criando várias situações de golo que Ramalhete e os postes (duas vezes) foram negando. No entanto, no espaço de um minuto, entre os oito e os nove, os «leões» chegaram aos 2-0 por Chana (após espectacular jogada individual) e por Sobrinho (troca de bola com Salema). O Sporting parecia lançado para o triunfo: a equipa estava a jogar bem, pressionava o último reduto adversário e o Benfica denotava uma desorientação evidente, só não sofrendo mais golos por mero acaso.

Os «leões», porém, cedo mudaram de sistema, passando a trocar a bola entre os seus elementos na mira de segurar a vantagem e abdicando quase completamente do remate, quando o mais lógico seria continuar a pressionar a desorientada defesa adversária e tentar ampliar a diferença.

O Benfica aproveitou essa quebra dos locais e foi-se recompondo do «choque» inicial, entrando o encontro numa toada de mais equilíbrio, de que resultaria, próximo do intervalo, o primeiro golo dos «encarnados» por Virgílio.

Os primeiros minutos da 2.ª parte deram continuidade ao equilíbrio que se verificava após o 2-0, mas no espaço de dois minutos, entre os sete e os nove, o Benfica marcou quatro golos consecutivos por Virgílio (3) e José Carlos e passou o resultado para 5-2.

A partir do 4-2, o Sporting como que desapareceu do rinque. O Benfica, entusiasmado, fez o que os «leões» deviam ter feito no início e não abdicaram da ofensiva, até porque o Sporting estava reduzido a «destroços» depois daqueles dois minutos fatais.

Até final o encontro não teve história. Os «encarnados» limitaram-se a aproveitar o desnorte adversário para em contra-ataques onde os seus jogadores apareciam isolados irem ampliando a vantagem até aos 9-2 (dois golos de Virgílio e um de José Carlos e Fernando Pereira).

O Sporting, próximo do termo do espectáculo, ainda reduziria para 3-9 (por Chana) mas há muito que perdera o jogo, da mesma forma que perdera o campeonato em encontros semelhantes a este, não sabendo aproveitar a embalagem inicial.

Destaque, no Benfica, para as exibições de Ramalhete, José Carlos e Virgílio, em especial os dois últimos. No Sporting, toda a equipa actuou em grande plano nos primeiros 10 minutos. Depois foi um «desastre» imperdoável numa equipa que, no Chile, foi a base da selecção nacional.

Sob a arbitragem (irregular mas sem influência) de António Soares de Andrade, que mostrou o amarelo a José Carlos e Fernando Pereira e suspendeu por dois minutos Virgílio e Vítor Rosado, as equipas alinharam e marcaram:

SPORTING: Fernandes (João Oliveira), Vítor Rosado, Sobrinho (1), Chana (2), Salema, José Rosado e Carvalho.

BENFICA: Ramalhete, Fernando Pereira (1), José Carlos (2), Picas, Piruças e Virgílio (6).

Trovões em Sesimbra

O Sesimbra derrotou o Belenenses por 7-6 em jogo que sofreu diversas interrupções devido à tempestade que assolou a região sesimbrense. A trovoada causou diversos cortes de energia durante a 1.ª parte do jogo, obrigando os hoquistas a paragens que fizeram prolongar a partida cerca de meia hora mais do que o habitual. O Sesimbra obteve um triunfo justo numa partida disputada em toada de parada e resposta e em que o Belenenses justificou igualmente a desvantagem mínima. Ao intervalo o Sesimbra vencia por 4-2, mas no começo do segundo tempo os lisboetas igualaram por duas vezes (4-4 e 5-5), apenas cedendo a cerca de cinco minutos do final, quando os locais chegaram a 7-5.

O árbitro Vítor Belguinha (de Lisboa), mostrou o cartão amarelo ao belenenses Fanã.

Perante cerca de 1.200 pessoas, alinharam e marcaram:

Sesimbra: Fernando António, Garrancho, José Pedro, Vítor Afonso (4), Carlos Cunha (3) e Guedes.

Belenenses-Coelho, Garrido, Fanã (2), Quim (2), Ribeiro (2), Marinho e Gomes.

Espectáculo em Valongo

O Valongo venceu a Sanjoanense por 6-5 no melhor jogo da época disputado no pavilhão Valonguense. As duas equipas, sem grandes ambições na classificação do torneio, aplicaram-se totalmente à partida, em que nunca se registaram períodos de antijogo ou violência.

Ao intervalo, o Valongo vencia por 3-1 e no 2.º tempo chegou a 6-3 margem suficiente para garantir o triunfo, apesar da reacção final dos visitantes, que obtiveram dois golos nos últimos minutos, através de Miguel.

Cerca de 800 pessoas presenciaram o encontro, em que a Vitória dos locais traduziu a verdade do jogo, apesar da réplica da sanjoanense. O árbitro Manuel de Sousa (de Braga) mostrou o cartão amarelo a Aguiar e Pedro, ambos do Valongo.

Valongo: Silva, Aguiar, Pedro, Chalupa (1), Lino (3) e Camões (2).

Sanjoanense: Sérgio (Nelito), Óscar, Azevedo, Miguel (3), Artur, Lima (2) e Pedro.

Portistas assim-assim

O FC Porto derrotou a Juventude de Viana por 7-3. A equipa portista apenas sentiu algumas dificuldades no 1.º tempo, em que os visitantes deram boa réplica, apesar da excessiva dureza utilizada. Ao intervalo, o Porto vencia somente por 2-1, mas no 2.º tempo a jovem equipa das Antas chegou facilmente à «goleada».

O árbitro Sousa Ferreira mostrou o cartão amarelo a Alves e Vale (do FC Porto) e aos irmãos Fernando e António Gomes da Costa (da Juventude de Viana).

Cerca de 500 pessoas assistiram a esta partida «sem história», em que as equipas alinharam e marcaram do seguinte modo:

FC Porto: Domingos, Alves (1), Vale, Vítor Hugo (2), Vítor Bruno (3), Cunha, José Fernandes (1) e Castro.

Juventude de Viana: Costa, Pires (1), Mendonça, António Gomes da Costa (1), Fernando Gomes da Costa, Natário (1), Eduardo e Araújo.

Sporting: parabéns a você

Setenta e cinco anos de vida está o Sporting a comemorar marcando uma etapa maravilhosa de total doação ao desporto português e levando lá por fora, bem erguido, o estandarte prestigioso de um dos mais cotados símbolos do nosso país.

Festa atrás de festa, comemoração alargada, dilatada como se impunha, os «leões» ainda na noite (assustadora) de ontem estiveram em Alavalade, para culminar uma jornada que principiara com a romagem de saudade ao túmulo de Francisco Stromp (o mais alto expoente da virtude clubista verde-branca) e se prolongou em palavras impregnadas de grande fé nos destinos da colectividade a que o Visconde de Alvalade deu o primeiro impulso.

Muitos discursos, o estandarte do clube garbosamente empunhado pelo «olímpico» Jorge Vieira (83 anos de vida e 71 de associado) desfilando num «jeep» em que também seguiam Luís Borges de Castro, Eduardo de Oliveira Martins, João Amado de Freitas e José Manuel Martins, com uma escolta verdadeiramente de honra: os «olímpicos» Fernando Mamede, Carlos Lopes, Armando Aldegalega «Paquito», Avelina Alvarez, Luís Grilo, Joaquim Vieira e Leonel Duarte.

Milhares e milhares de atletas desfilaram no rectângulo. Fernando Mamede e o futebolista Artur receberam medalhas de «mérito desportivo» conferidas pelo Governo. Choveram os telegramas. Vieram mais discursos. No ar, ficou a certeza indissolúvel de que o Sporting prossegue o seu rumo sem um só milímetro se afastar do norte mais desejado: engrandecer a Raça, incumbindo-se de dar à Juventude a Educação Física que em larga quota deveria ser encargo e função dos governantes do país.

Neves de Sousa

Novas obras de Vítor de Sá

Na sequência de uma actividade justamente apreciada de investigação e de docência o doutor Victor de Sá, professor da Faculdade de Letras do Porto, acaba de publicar mais duas obras. Na série «Obras de Victor de Sá», da editorial LIVROS HORIZONTE, onde já publicou «A Revolução de 1836» (3.ª edição), «A Crise do Liberalismo e as Primeiras Manifestações das Ideias Socialistas em Portugal» (3.ª edição), «No Mar do Futuro», «Ribeiro Sanches, Dificuldades que Tem um Reino Velho para Emendar-se e Outros Textos» (2.ª edição), saiu o volume «Época Contemporânea Portuguesa».

Esta nova obra de Victor de Sá — «Época Contemporânea Portuguesa-I, onde o Portugal Velho Acaba...», é um livro didáctico que o estudante de História dos liceus e da Universidade deve consultar para um melhor enquadramento cronológico de factos e temas da época contemporânea. Por exemplo, torna-se de grande utilidade prática a cronologia elaborada pelo autor desde 1789 a 1976 (pensamos que a primeira abarcando estas balizas temporais). Mas, para uma melhor dilucidação dos assuntos abordados, façamos uma breve resenha dos capítulos: Inovações e Dificuldades da Época Contemporânea. Conceito Histórico e Âmbito Cronológico. (esquema cronológico comparativo com a França); Distinções Fundamentais entre as Épocas Moderna e Contemporânea; Passagem do Antigo Regime para as Novas Condições de Produção e da Vida Social; O Tratado de 1810; 1.º Período Liberal: 1820-1823; Glossário dos Termos Técnicos e Histórico-Jurídicos Usuais Ainda na Instauração do Liberalismo; Os Grandes Colapsos Nacionais e a Sujeição das Aspirações Nacionalistas aos Mecanismos da Dependência; A Legislação de Mousinho da Silveira (1832); Colonialismo e Descolonização no Pensamento Reformador de Mousinho; Mousinho, António Sérgio e a Teoria das «Duas Políticas Nacionais»; A Questão da Propriedade na Instauração do Liberalismo; Complemento Revolucionário da Obra Legislativa de Mousinho; As Lutas pelo Poder Entre Facções da Burguesia Liberal; As Constituições do Liberalismo; Reestruturação Capitalista da Sociedade Portuguesa.

Nos «Cadernos da Revista Técnica do Trabalho», Victor de Sá publicou um interessante estudo intitulado «Movimento Operário e Sindicalismo em Portugal». Para uma introdução às questões sobre movimento operário e sindicalismo esta breve síntese elaborada por Victor de Sá constitui leitura esclarecedora e útil. O trabalho abrange os seguintes principais capítulos: Primórdios do Movimento Operário; O Despertar da Consciência de Classe (Inglaterra e França); A Contribuição da Prática Social; O Associativismo Liberal em Portugal; Liberalismo e Socialismo; «Regeneração» e Consciência de Classe da Burguesia; Alterações na Sociedade Portuguesa; O Internacionalismo Proletário e a Comuna de Paris; A Formação do Movimento Operário Português; De «O Pensamento Social» (1872) ao Primitivo Partido Socialista (1875); Conteúdo Programático do Socialismo em Portugal; Socialismo e Sindicalismo; A Luta de Classes na 1.ª República (1910-1926); Fascização dos Sindicatos e Posterior Reactivação Democrática.

Ideologia Política e Teoria do Estado na Restauração

— por Luís Reis Torgal

Esta obra, do Doutor Luís Reis Torgal, reproduz a dissertação de Doutoramento que apresentou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e é o produto de anos de trabalho e de investigação como bolseiro do I.N.I.C. (Instituto Nacional de Investigação Científica) e como membro de Centro de História da Sociedade e da Cultura do Instituto de História e Teoria das Ideias que o Professor J. S. Silva Dias fundou e dirigiu. De resto, na lista longa de agradecimento a quantos apoiaram ou ajudaram o seu meritório trabalho de investigação, o autor refere, logo em primeiro lugar, o Professor Silva Dias

Quis o Doutor Luís Reis Torgal libertar a sua obra do aparato erudito e publicá-la numa edição acessível ao grande público, mas a proposta editorial que recebeu representou um condicionamento que, aliás, não prejudicou a maior divulgação. Não esquecendo que o Autor pretendeu uma versão da sua obra que atingisse mais largo público, teremos que reconhecer que «Ideologia Política e Teoria do Estado na Restauração», de que temos presente o primeiro volume, é uma obra do mais alto interesse para os estudiosos portugueses de História, do Direito e da Ciência Política.

Luís Reis Torgal não pretendeu embrenhar-se na querela ideológica e muito justamente observa no prefácio deste 1.º volume da sua obra! «No caso concreto português, nomeadamente no período restauracionista, é também oportuno falar em ideologia. Com efeito, frente às dificuldades nacionais e internacionais, as forças interessadas na independência e o Estado desenvolveram uma argumentação tendente a persuadir os portugueses mais indecisos, os Estados inimigos da Espanha e a Santa Sé. Deparamos, assim, no período da Restauração mais do que com uma teoria, com uma ideologia, de cunho político, político – eclesiástico, político – religioso, tendente a provar a legitimidade da nossa independência, dos nossos direitos eclesiásticos e dos nossos direitos territoriais no âmbito de uma concepção, real e **utópica,** de imperialismo cristão. Foi esta temática que abordámos especificamente nos três primeiros capítulos da segunda parte da nossa obra. Mas, verificaremos também que se começa a formar então uma ideologia económica-social que nos revela a dinâmica de uma burguesia que aspirava a representar um papel importante na cena económica e política do País, dinâmica essa que encontrava eco no ideário de certos sectores **estrangeirados** das classes dominantes e acabou por influenciar, embora fugaz e inconsequentemente, a própria política estatal».

Este 1.º volume, além de uma Introdução que versa as questões relativas à interpretação da Restauração à luz das ideologias políticas, da historiografia da Restauração e da história das ideias políticas da Restauração, trata, em sucessivos capítulos, dos seguintes temas: «A Restauração e o seu contexto nacional»; «A Literatura política da Restauração e o seu contexto nacional»; «A Literatura política da Restauração e o seu significado cultural e ideológico»; «A Legitimação do Movimento Restaurador»; «Os problemas da legitimação papal e de provisão dos bispados»; «A ocupação territorial e as relações internacionais. A Ideologia sebastianista e imperialista»; «A Ideologia económica-social e a sua relação com a problemática político-religiosa». (Edição da Biblioteca Geral da Universidade, Coimbra, 1981).

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

Engenheiros Técnicos

A Câmara Municipal da Moita tem abertas inscrições para admissão, em regime de prestação de serviços, de dois engenheiros técnicos — ramos saneamento básico e construção civil — com possibilidade de, em futuro breve, ingressarem nos quadros.

Os pedidos de inscrição, acompanhados de «curriculum», deverão ser dirigidos ao Presidente da Câmara até 31 de Julho de 1981.

Paços de Concelho, 23 de Junho de 1981

O Presidente da Câmara
(José António Mestre de Brito Apolónia)

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

C O M U N I C A D O

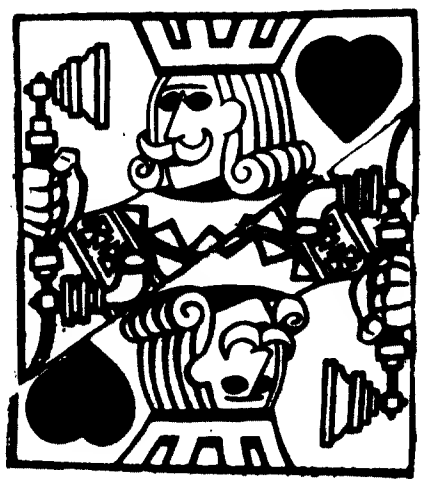
A Câmara Municipal de Almada informa que, por sua deliberação de 19/6/81 tomou posse administrativa da propriedade denominada Quinta da Carcereira, freguesia da Caparica, deste concelho, pertencente a Gabriela de Carvalho Faria Lemonde de Macedo e José Emanuel Pais Fernandes.

Assim, todas as pessoas que porventura estejam interessadas na compra de lotes de terreno da referida propriedade, ficam sujeitas às penas previstas na Lei, pelo que devem abster-se de quaisquer compromissos relativos a esses terrenos.

Almada, 22 de Junho de 1981

O Presidente da Câmara
José Martins Vieira

TEATRO DA TRINDADE – INATEL
APRESENTA
PELA PRIMEIRA VEZ EM LISBOA
OT.A.S. TEATRO ANIMAÇÃO DE SETÚBAL
CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DE ANDRE BRUN Sub. SEC/CMS



R I R R I R R I R R I R

ESTÁ LÁ? E m. 13 anos
O CAVALHEIRO RESPEITÁVEL
de 3.ª a 6.ª às 21.30
Sáb. e Domingo às 16 e 21.30
Domingo, dia 5, às 21,30, última representação.
Os sócios do **INATEL, CCDs., CPTs. e SINDICATOS** beneficiam de 50% de desconto

Em BUARCOS o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA SATÉLITE

RN RODOVIARIA NACIONAL

TRÓIA

SÁBADOS E DOMINGOS
DE 4 de JULHO A 13 de SETEMBRO

Praça de Espanha
•
Setúbal (TRÓIA)

(NA PRAÇA DA REPÚBLICA JUNTO AO CAIS DE EMBARQUE PARA TRÓIA)

PARTIDAS	Praça de Espanha	8,45 h
	Setúbal	19.30 h

DURAÇÃO DO PERCURSO — 45 MINUTOS
CARREIRA DIRECTA VIA AUTO—ESTRADA

OBS: Poderão ser efectuadas outras viagens após o horário referido desde que a afluência de passageiros o justifique.

Balanço da Feira do Livro

Eça de Queiroz Fernando Pessoa e José Rodrigues Miguéis foram os autores portugueses mais vendidos durante a Feira do Livro, realizada de 22 de Maio a 10 de Junho, em Lisboa.

José Vieira, da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), disse que o autor da «Tragédia da Rua das Flores» foi o mais procurado durante a feira, certame que movimentou um total de 53 milhões de escudos em vendas de livros durante os 20 dias em que esteve aberta.

A Eça de Queiroz seguiu-se a obra de Fernando Pessoa e, depois, o escritor José Rodrigues Miguéis.

José Vieira referiu que um dos grandes êxitos de caixa do certame foi o último livro de Beatriz Costa, «Mulher Sem Fronteiras».

Quanto aos autores estrangeiros, aquele elemento da APEL, organização promotora do certame patrocinado pela Câmara Municipal de Lisboa desde há 20 anos, afirmou que Wilhelm Reich e Richard Bach foram os mais procurados.

Quanto ao volume de vendas, que excedeu pouco o verificado no ano passado, quando a feira contou com 93 pavilhões, contra 103 deste ano, José Vieira disse que a queda relativa ficou a dever-se essencialmente à greve da CP que então decorria.

No entanto, o representante da APEL afirmou que essa, apesar de importante, não foi a única causa, referindo como outro motivo o menor poder de compra da população.

Para José Vieira, a próxima feira poderia ser melhor em termos de existência e de resultados se se realizasse uma efectiva política do livro, com a manutenção dos actuais preços e com a concessão de subsídios de papel e de transporte.

O representante da APEL disse, a este propósito, que os portes dos livros são demasiado dispendiosos, desencorajando a sua aquisição através dos correios.

José Vieira sugeriu, ainda, como contributo para maior êxito da feira, a realização de um calendário exaustivo de actividades culturais paralelas à sua realização, nomeadamente colóquios e debates com os autores e, também, a exibição de «um bom conjunto de música clássica».

Com "Baile dos vampiros" e tudo...

Fantasporto-82 vai arrancar em Janeiro

O Fantasporto-82, Segundo Festival Internacional de Cinema Fantástico, será precedido de um «Forum Cultural» incluindo três concursos dirigidos a escritores, cineastas e artistas plásticos portugueses – anunciou ontem a comissão organizadora.

O festival, que decorrerá em Janeiro e Fevereiro, terá carácter competitivo pretendendo-se que seja «dos mais importantes do género, dentro de estritos critérios de qualidade, rejeitando os subprodutos que têm sido responsáveis pela difícil aceitação do fantástico», afirmaram os promotores do Fantasporto-82.

Dois concursos nacionais de conto fantástico e do cartaz Fantasporto e o Primeiro Festival de Cinema Fantástico Não Profissional são alguams das iniciativas já anunciadas.

Um quarto concurso dedicado à banda desenhada de temática fantástica, será lançado em Setembro, contando com o apoio da Direcção-Geral do Ensino.

Outras entidades colaboram no Fantasporto-82, nomeadamente a Secretaria de Estado da Cultura, Direcção-Geral de Acção Cultural, Instituto Português de Cinema, FAOJ, Fundação Gulbenkian, Governo Civil e Câmara Municipal do Porto.

Os principais objectivos da iniciativa são «dotar a cidade do Porto de uma estrutura cultural activa e actuante, dignificar o género fantástico e promover a cultura através de um género facilmente assimilável», afirmaram os organizadores.

Serão apresentados filmes fantásticos «de qualidade, quer no aspecto estético, quer no temático, enquadrando-se neste género filmes de monstros e mutações, ficção científica, imaginação, fantasia, maravilhoso, terror, fenómenos paranormais e sobrenatuarais» acrescentaram.

O festival compreende quatro sectores: competitivo, informativo, retrospectivo e de presença do cinema português.

Haverá um júri de selecção que apreciará as películas inscritas e as proporá, ou não, a concurso, sendo posteriormente os filmes classificados por um júri internacional e um júri de crítica.

Estes júris atribuirão prémios ao melhor filme, melhor realizador, melhor actor, melhor actriz, melhor argumento e melhores efeitos especiais.

Além dos quatro concursos nacionais, decorrerão no mesmo período uma mostra do recente cinema português, seis exposições de arte, dois colóquios sobre cinema e um «baile dos vampiros», no sábado de carnaval, com a participação de grupos de música «rock».

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Triunfar ou morrer

Não sei se leram, pelas paredes de Lisboa, os cartazes da corrida que na quinta-feira passada se terá celebrado (celebrado é uma maneira de dizer) no Campo Pequeno. Eram de dois tipos. Havia, em primeiro lugar, os cartazes digamos oficiais, com que a Empresa divulgava essa nocturna – a primeira que montou este ano por sua conta e risco. Não digam que é mau jeito, ou que tenho alguma coisa contra a gente do Campo Pequeno, excepto aquilo que tem qualquer aficionado contra uma empresa que, das duas uma: ou está a chuchar com a tropa, ou pretende afirmar, duma vez por todas, que desistiu de ser uma empresa taurina, resolveu borrifar-se completamente no que resta de aficion lisboeta, passar a ser uma empresa turística, e de terceira ordem. Porque doutra forma não se explica que, em plena capital do País, com milhões de cidadãos não importados num raio de 50 quilómetros, tudo o que ela arranjou para abrir as portas, passados dois meses sobre a corrida obrigatória de Domingo de Páscoa, fosse esse cartaz que daria vontade de rir, se não desse vontade de chorar. A não ser que o objectivo seja, como dizia o saudoso Don Bernardo da Costa naquela sua carta ao empresário Segurado, permanecer fiel à tradição dos espectáculos burlescos, fazer do Campo Pequeno, da chamada primeira praça do País, uma barraca de feira, com um palhaço à porta, a tocar o badalo.

Depois, além dos cartazes habituais, apareceram pela cidade uns outros, a reclamar que o dito novilheiro Guarany, no seu mano-a-mano dessa noite com o também dito novilheiro Parreirita, ia triunfar ou morrer. Este Guarany já fizera em tempos o seu reclame, à porta do Campo Pequeno, mesmo sem badalo, vestido não de palhaço mas de toureiro, quando chovia abria o guarda-chuva, porque fato de toureiro só tinha aquele, juntava-se gente a vê-lo ali, dias a fio, coitadito. Já então estava disposto a morrer, tinha até tirado as medidas, exibia a foto no caixão onde lhe deviam deitar os restos. Quando a coisa estava madura para se encher a praça, deram-lhe um contrato, e uns novilhotes abezerrados que evidentemente dispensaram o caixão. Foi, enfim, uma tarde frustrada, nem o pai morre nem a gente almoça. Pensei que o rapaz, mesmo sem caixão, estava definitivamente enterrado como toureiro; julguei (e escrevi) que tínhamos assistido ao último episódio dum folhetim barato e ridículo. Enganei-me. Porque afinal, quatro anos depois, voltam à carga com o Guarany, desta vez nem foram precisas umas noites ao relento, que os turistas comem tudo, ninguém lhes ensina a diferença entre um toiro e um bezerro, entre um Guarany e um novilheiro, como o Pepin Jimenez, o El Soro, o Blau Espadas, o Vítor Mendes. E ainda houve gente, embora muito pouca gente, que sem ser turista foi ao Campo Pequeno, deixou-se levar no engodo, cair na esparrela do triunfar ou morrer; ou então percebeu-a e divertiu-se a disputá-la. Mas, bolas, é preciso que se diga que nenhum toureiro pode triunfar diante duns animais com os cornos em meio, e que falar de morrer, numas hastes assim mutiladas, não passa duma fanfarronada ridícula.

Triunfar ou morrer. Da festa de touros, em Portugal, não contentes com aldabrá-la, querem fazer dela uma anedota. E para isso não contem comigo.

* * *

Episódio final. Tão longe de ser anedota, como a farsa da tragédia: para exemplo e meditação de quem saiu vivo, já que não podia sair triunfante, do Campo Pequeno. Foi a 20 de Abril de 1862, quando na praça de Madrid se encontraram José Rodriguez (Pepete) e o «Jocinero», de Miura: um touro com cinco anos mais do que compridos, que de dezoito varas iria sair a crescer, desafiante; e um matador cordovês, para cuja valentia os golpes e cornadas eram honras e medalhas, dum pequeno lenço fazia engano não só para os passes, também para a rectidão do «volapié».

Nessa tarde, não chegaria Pepete a empunhar a espada vencedora. A uma caída a descoberto de António Calderon, estampa de picador imortalizada no desenho incomparável de Gustavo Doré, acorreu Pepete, o capote no braço esquerdo, com ele quis quebrar a viagem de «Jocinero», que com a sua se cruzava. Do encontro saiu o cordovês enganchado por uma cadeira; e ao soltar-ser da cornada, de novo o prendeu «Jocinero», com a outra haste lhe despedaçou o peito, ao coração deu ordem de paragem. Cai Pepete na arena, e entre o horror da praça se levanta, sem ajuda de ninguém; com a mão direita limpa o pó da «Taleguillha»; concentra as últimas forças, o seu ânimo inquebrantável, no equilíbrio com que caminha para a porta dos «alquaciles», até contra ela cair finalmente. E na cura inútil daqueles derradeiros instantes, pergunta ao médico, últimas palavras da voz que se apaga: «É alguma coisa?»

"O MELHOR CINEMA DO MUNDO!" FRANCE-SOIR

MARTIN SCORSESE
O realizador de "TAXI DRIVER" e "O TOURO ENRAIVECIDO"

ELLEN BURSTYN
KRIS KRISTOFFERSON
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI

ELLEN BURSTYN OSCAR MELHOR ACTRIZ

o apresentando ALFRED LUTTER com HARVEY KEITEL em Ben e DIANE LADD em Flo
escrito por ROBERT GETCHELL prod. por DAVID SUSSKIND e AUDREY MAAS TECHNICOLOR

HOJE ÀS 21.30 City CINE

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

Sopa de Pedra

FERNANDO TORDO
HENRIQUE VIANA

REPETIU-SE O ÊXITO NO REGRESSO A LISBOA!
«SOPA DE PEDRA»
NO
TEATRO ABERTO
(À Praça de Espanha)

Todas as noites às 21.30
Sábados às 16 e 21.30
Domingos às 17
Folga às 2.as-feiras

«SOPA DE PEDRA» NÃO É BOM. É O MELHOR!

FILMES CASTELLO LOPES 60 apresenta

GÉRARD PHILIPPE
MARIA FÉLIX
na obra-prima de
LUIS BUÑUEL

Pela primeira vez em Portugal uma das mais polémicas obras do célebre cineasta espanhol!

A FEBRE SOBE EM EL PAO
(LA FIEVRE MONTE A EL PAO)

JEAN SERVAIS MUSICA DE PAUL MISRAKI DIALOGOS DE LOUS SAPIN

NAO ACONS A MENORES DE 13 ANOS

FILME DE QUALIDADE
Comis. Classif Espectáculos

HOJE ESTREIA quarteto

crítica de teatro

CARLOS PORTO

História de Lenços e Vento

«História de Lenços e Vento», de Ilo Krugli. Música: Beto Coimbra e Caique Botkay. Encenação, cenários e figurinos: Ilo Krugli. Direcção Musical: David Tygel. Interpretação: Thaia Perez, Paulo César Brito, Paulo Freire, Márcia Correa, Marilda Alface, Ilo Krugli, Cynthia de Guamão, Tião de Carvalho, Grupo «Ventoforte». Teatro do Bairro Alto. 19-6-1981.

Passou-se com este grupo um facto curioso e bastante típico. No Brasil, e preparando uma deslocação à Europa onde participaria em dois Festivais, o grupo obteve o apoio do Serviço Nacional de Teatro, do Rio de Janeiro, para no regresso apresentar em Lisboa o seu espectáculo. Foi-lhe garantido que estava tudo combinado com a direcção do Teatro Nacional D. Maria II. Na Suiça, um dos responsaveis do «Ventoforte» telefonou por duas vezes para aquele organismo estatal tendo obtido a confirmacao do compromisso. No entanto, quando o grupo chegou a Lisboa foi informado pelo Teatro Nacional que a sua visita tinha sido desmarcada. As diligências efectuadas de nada valeram, o que explica que o espectáculo tendo sido apresentado tão inopidamente, quase em segredo e por isso sem público, no espaço da Cornucópia.

Como o primeiro espectaculo apresentado por este grupo no São Luís, em 1979, intitulado «Sonhos de um Coração Naufragado em Ilusão», este constitui uma esperiência de obra aberta em que o jogo começa por ser inteiramente descomprometido até se cingir ao itinerário de uma história, embora essa disponibilidade permaneça sempre.

Com a aparente facilidade dos brasileiros para a música, para o canto e para a dança, com a espantosa capacidade de comunicação que os define, com esse pendor para a invenção, para transformar material pobre em riqueza cénica, com essa tão larga gama de expressividade que marca estes actores, não admira que, como o anterior, também este espectáculo surja como uma festa, uma alegria para os olhos e para os ouvidos, reencontro com o teatro que é ao mesmo tempo prazer e lição de como encarar o Mundo.

Espectáculo para crianças e para adultos, «História de Lenços e Vento» é uma estória de nuvens e de ar que se desloca, de homens bons e de ditadores, de bonecos e de actores, de tirania e liberdade de teatro e de como não deixar que o teatro seja chato.

Trata-se do conto de bonecos que se recusam a representar fechados na mala e de como essa recusa vai levar ao conto dos lenços e do vento, lenços de muitas cores e feitios que os actores trazem na cintura e vão tirando um a um (é um dos belos motivos do espectáculo). Há um lenço que se chama Azulzinha e que tem uma única ambição: voar. Essa ambição vai levá-lo à Cidade Medieval onde só o metal pode entrar. A história termina com a salvação de Azulzinha pelo Papel que enfrenta, em feroz duelo, o Rei do Metal.

Para contar o conto, os actores servem-se das coisas mais simples e mais bonitas como, por exemplo, quando querem «fazer chuva» utilizam um utensílios de alumínio com orifícios por onde sai a água que cai numa bacia molhando a cabeça da personagem. Outro exemplo: para fingir as lágrimas de uma personagem de papel basta amarfanhar um pouco o jornal de que é feita.

Os actores e os músicos transformam o espectáculo numa brincadeira constante usando elementos de que as crianças se servem como um pneu, jornais, etc. Autoparodiando-se o espectáculo parodia outro tipo de espectáculos, como o que tem por base a expressão corporal, sem deixar de ironizar sobre certas realidades políticas: «Não acredito na abertura» – diz um boneco fechado na mala.

O centro do espectáculo é Ilo Krugli, autor do texto, dos cenários e dos figurinos, encenador e intérprete. Ele é o mais jovem de todos os actores e a ele se deve, em grande parte, a energia que o espectáculo faz explodir. Isto sem esquecer a qualidade da música e beleza do conjunto. Tudo com o sabor brasileiro que se sabe.

VII Festival de Música da Costa do Estoril

Realiza-se de 4 de Julho a 29 de Agosto próximos o VII Festival de Música da Costa do Estoril num total de 40 espectáculos de música, dança e teatro musicado, em simultâneo com os XIX Cursos Internacionais de Música da Costa do Estoril, constituindo desta forma um dos acontecimentos culturais de maior relevo no país.

Da programação do VII Festival de Música da Costa do Estoril destaca-se a apresentação, pela primeira vez em Portugal, da extraordinária Lindsay Kemp Company de Londres; da Orquestra Filarmónica de Kosice (Checoslováquia), da Orquestra de Câmara de Sófia e do Grupo de Danças Eslovacas «Lúcnica», mundialmente famoso há mais de 30 anos.

A dança estará representada pela Companhia Nacional de Bailado que inaugurará o VII FMCE com o bailado «Romeu e Julieta», sua última criação, recentemente estreado no Porto; o Ballet Gulbenkian e Lúcnica (grupo de danças eslovacas composto por 60 bailarinos, coro e orquestra).

A apresentação da Lindsay Kemp Company de Londres, ao longo de 8 espectáculos na próxima semana, constituirá, de certo modo, uma das realizações de maior importância do ano. A estreia em Portugal desta famosa companhia, com a peça «Flowers», em reportório há mais de 10 anos em sucessivas tournées por diversos países do Mundo, assim como a versátil personalidade de Lindsay Kemp, seu autor (e descendente de William Kemp, o famoso «clown» da companhia de Shakespeare), mimo de envergadura só comparável a Marcel Marceau (de quem foi discípulo), bailarino, coreógrafo, actor, músico, junto à temática de «Flowers», pantomima dedicada a Jean Genet, baseada em particular na «Notre Dame des Fleurs» deste autor, constitui para o público português um acontecimento de grande relevo.

Várias estreias mundiais estão previstas na presente edição do Festival de Música da Costa do Estoril, como vem sendo tradicional e constitui um dos objectivos deste Festival. Neste capítulo, o FMCE vai proporcionar a estreia mundial do «Requiem» de Fernando Lopes-Graça, obra encomendada pela Secretaria de Estado da Cultura e que há já vários anos aguardava a sua execução pública. Esta primeira audição será dirigida pelo maestro Bystrik Rezucha e estará a cargo da Orquestra Filarmónica de Kosice, Coro Gulbenkian e dos solistas Zuleica Saque, Dulce Cabrita, Dénes Gulyás, Istvan Berczelly e Álvaro Malta. Além desta obra, várias outras estão previstas: «Quadrivium» de Álvaro Salazar; «Elan» de Gonzalo de Olavide (dedicada ao Festival), «Amairuk» de Felix Ibarrondo; assim como numerosas primeiras audições em Portugal de Janacek, Bridge, Piazzolla, Olavide, Mayuzumi, Alonso, Bartok, etc.

De salientar também a estreia em Portugal da Orquestra de Câmara de Sófia assim como do grande violinista Tibor Varga, considerado um dos maiores pedagogos da actualidade e grande intérprete de Bela Bartok, cujo 1.º centenário do seu nascimento o Festival celebrará com a audição de diversas obras. O Grupo de Câmara do Festival atingirá nesta edição do FMCE uma nova etapa, tendo ao seu cargo 5 importantes concertos dos quais se destacam diversas estreias mundiais e primeiras audições em Portugal, conforme já referido, assim como a execução de obras transcendentais do reportório universal. Estão neste caso «Pierrot Lunaire», de Schonberg; Dois Concertos para violino de Bach; «As 4 Estações», de Vivaldi, etc. O Grupo de Câmara do Festival será dirigido pelos maestros Tibor Varga e Bruno Pizzamiglio, além do seu titular Álvaro Salazar.

Apresenta-se também pela primeira vez em Portugal, o «Quarteto Travnicek», um dos agrupamentos de maior qualidade da nova geração de músicos checoslovacos,

Conhecidos já do público português participam no VII FMCE os solistas Karene Georgian (violoncelo) Vladimir Stoyanov (clarinete), Margarida Schack (canto), Alberto Ponce (guitarra), Maria Rosa Calvo-Manzano (harpa), Hopkinson Smith (alaúde), além dos portugueses Helena Sá e Costa, Sequeira Costa, Maria José Falcão, Ana Bela Chaves, Maria José Morais, Olga Prats, Aníbal Lima, Oliveira Lopes e os grupos Camerata de Lisboa (dirigida por Fernando Eldoro) e Opus Ensemble (que fará a estreia mundial de «Quadrivium», de Álvaro Salazar, obra dedicada ao grupo).

CONSTRUÇÕES
RUIVO DO MONTE
UMA CASA À MEDIDA DA SUA BOLSA
CONSULTE-NOS JÁ PELO TEL. 24128 – SETÚBAL. VENDAS TODOS OS DIAS: RUA CIDADE DA BEIRA, LOTE 58-A EM SETÚBAL. RUA DO EITO, N.º 28, 2900 SETÚBAL

ALGARVE
TERRENOS RÚSTICOS
Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz. Desde 80 000$00. Telefone 364651 (das 17 às 21 horas)

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

EDITAL

HORÁRIO DO COMÉRCIO

Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida, presidente da Câmara Municipal da Amadora, faz público que foi aprovado na reunião camarária de 16 de Junho de 1981, para entrada imediata em vigor, a título experimental, o seguinte horário do comércio:

1 – **Estabelecimentos da Venda ao Público e de Prestação de Serviços** (art.º 1.º — n.º 1 do Decreto-Lei 75T/77 de 28 de Fevereiro) – horário de abertura todos os dias úteis das 8 às 22 horas, excepto domingos e feriados nacionais e municipal.

2 – **Cafés, Cervejarias, Pastelarias, Casas de Chá, Restaurantes, Confeitarias, Leitarias, Snack-bares, Self-Services, Drugstores, Estabelecimentos Similares** (art.º 1.º n.º 2 do D-L 75T/77) os horarios actualmente praticados até às 2 horas de qualquer dos dias da semana.

3 – **Clubes, Cabarets, Boîtes, Casas de Fado e estabalecimentos análogos** (art.º 1.º n.º 3 do D-L 75T/77) – os horarios actualmente praticados ate às 2 horas de qualquer dos dias da semana.

Qualquer**alteração** aos horarios normais de funcionamento de qualquer dos estabelecimentos supracitados só sera possível mediante requerimento do interessado sujeito a deliberação camarária. (Art.º 3.º, n.º 2, do D-L 75T/77)

Durante o período experimental, a CMA procederá a consultas as Juntas de Freguesia, bem como as organizações sociais, economicas e profissionais do sector, nos termos da lei.

Amadora, 24 de Junho de 1981

O Presidente da Câmara
Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Carlos de Oliveira, raiz

Meu trabalho é este e não posso pedir escusa. A lágrima prossegue, e a tristeza sem limite, sob as mil e uma tropelias dos anões de alma, faz seu trajecto de toupeira de olhos lúcidos. Ah, este esforço de manter as pálpebras a guardar a atenção!

Eu, que me rio sozinho, resignado, como quem pactuou, para sempre, com a sua própria loucura, fiquei gelado de indiferença quando o Hélder de Sousa, a caminho da meia-noite (assim é o horário de Verão...), se sai com esta nas «Últimas Notícias»: «Também em Setúbal tem trovejado intensamente, foi trovejado, fazem-me sinal, foi efectuado, fazem-me sinal...»

TV chanfrada! Encolho os ombros. Não te rales, pá. Deixa-os. Daqui a algum tempo ninguém mais se lembra destas palhaçadas. Ser Proença, ou Figueiredo, ou Sousa, ou Cerqueira, bah!, há-de vir um vento que lhes varra a cinza da memória para tão longe donde não se regressa mais.

Chegam até mim, penosamente, as imagens de uma informação carregada de veneno, de sobrevivência em subserviência, de mentira. Aquela, por exemplo, de o embaixador dos Estados Unidos a dar uns tostões para construir meia dúzia de centros de assistência. Isto numa altura em que o Reagan corta bravamente nas dotações «para a pobreza mais desfavorecida», e dou a minha palavra de honra que esta expressão não me pertence. E por aqui, meus amigos, já podem ver quanto, ai quanto, o governo americano protege os velhinhos portugueses...

Poucas imagens transmitidas pela RTP têm sido tão repugnantes como aquela da captura (dizem eles) de um aviador soviético ao serviço do Governo do Afeganistão, por um bando de contra-revolucionários ou, como se diz na RTP, de «rebeldes». Estes violentam-no, torcem-lhe o braço para o obrigar a ajoelhar e o rosto do prisioneiro reflecte um grande sofrimento. Rebeldes, perdidos na montanha, de cores garridas, munidos de câmaras de filmar, estão a ver? Torcionários a quem a televisão portuguesa abençoa – e apregoa...

O **Telejornal** vai por aí fora – o Begin, o Shimon, o Bloomfield, o Carlos Macedo, o Viana Baptista, o ténis, o ciclismo, a cultura japonesa em Portugal e só depois, só depois, quando já não havia mais nada para dizer é que veio a notícia da morte de Carlos de Oliveira...

Quero perdoar a esta gente e não posso. E também nem sei como lhes hei-de querer mal. A ignorância tem qualquer coisa de inocência. O Moniz, coitado, que culpa tem? Que culpa têm o Proença, o Figueiredo e os outros responsáveis deste videoccídio da cultura, da inteligência, do patriotismo? Que culpa têm eles, se nem ao menos sabem o que isso é?

Singularmente, de cultura nos vieram falar pela arreata cómica da Guida Amarante, os senhores Palma Ferreira, Helena Vaz da Silva, Helena Balsa e um Vicente Jorge Silva, cuja qualificação cultural é ser jornalista do «Expresso»...

Não se exige motivação especial para se falar de cultura. Todas as ocasiões são boas. Mas, na área da Informação, tem mais impacte duma «faena» bem ligada. A informação, se for bem em cima da hora, perde o seu carácter imediatista para ganhar categoria de documento. Percebe-se isto, por exemplo, quando lemos a **Ilustração** do princípio do século, para não ir mais longe.

A base de licitação, desculpem! a base da emissão era qualquer coisa de terrivelmente nevoenta e complicada como «a herança cultural portuguesa», as «nossas raízes culturais».

Claro que fervilharam as congeminações e as sengeminações. Foi uma brilhante exibição de paleio no trapézio voador. O aventureirismo do gratuito, a sementeira das generalizações assumiam o traço da caricatura. Pareciam todos muito contentes. Apenas Helena Vaz da Silva se aproximou da verdadeira questão quando falou da consciência da dignidade que o 25 de Abril trouxe a tantos portugueses. Ela tem razão, e pena foi que não explorasse o caminho: a cultura passa por essa consciência social.

Antes do 25 de Abril, no entanto, houve quem assumisse essa «consciência histórica», ou seja, essa cultura. Compreendeu isso na máxima plenitude quem assistiu à exposição do PCP, no Pavilhão dos Desportos, sobre a resistência antifascista. Intelectuais uniam-se a operários, a burgueses, a camponeses na plataforma cultural de combater a ignorância, a repressão, a injustiça, enfim, para ajudar o parto do futuro.

Antes deles, outros houve. Na primeira República, na monarquia, por aí fora, 1820, 1385, Alfarrobeira, Patuleia, Reforma Agrária, Afonso Henriques, 25 de Abril, Fernão Lopes, Garrett, José Moreira, Germano Vidigal, Bento de Jesus Caraça, Francisco Miguel, Vasco Gonçalves, por aí fora...

Ao longo da História, o povo contracena com outos mundos sociais (o clero, a nobreza, os magistrados, os ricos, o próprio rei) e então a sua agudeza crítica irrompe, atinge por vezes as proporções de um verdadeiro panfleto contra as classes que estão por cima...

Quem assim tala das verdadeiras raízes culturais de um povo é Carlos Oliveira. Antes da emissão, os intervenientes nela deviam ler «O Aprendiz de Feiticeiro».

Carlos de Oliveira, raiz.

J. MARQUES
Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuais e colectivas
Tel. 573559 - 577706

Hoje

Esta noite, directamente do Casino da Figueira da Foz será transmitido um programa de variedades, com a participação da artista espanhola Salomé (na foto)

19.02 **Tempo dos Mais Novos**
19.30 **País, País** – o País e as notícias.
20.00 **Res Publica** – Penafiel.
20.25 **O Tempo**
20.30 **Telejornal** – informação nacional e internacional.
21.05 **«Água Viva»** – episódio n.º 92.
21.50 **Variedades** – transmissão directa do Casino da Figueira da Foz, com a participação da artista espanhola Salomé. Realização: Alfredo Tropa.
22.55 **Volta à França em Bicicleta** – comentários de Carlos Quinas.
23.05 **Últimas Notícias**

Alice Ogando é hoje evocada na RTP-2

20.30 **Informação/2**
21.00 **Evocação de Alice Ogando** – ao longo deste programa são evocadas as múltiplas facetas de uma mulher que dedicou mais de meio século às letras e ao teatro.
21.55 **«Histórias Insólitas»** – 5.º episódio. Intérprete: Claude Chabrol. Adaptação: Jean Buny. Música: Mathieu Chabrol.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
RTP-1
Variedades (21.50)
RTP-2
Evocação de Alice Ogando (21.00)
ASSISTENCIA TECNICA telef. 2112871

Amanhã

19.00. Tempo dos Mais Novos; **19.30** País País, **20.00** Repensar a Escola, **20.25**. O Tempo; **20.30** Telejornal; 21.05 Comunicação ao País do Primeiro-Ministro, **21.25** «Os Anjos de Charlie» ; **22.20** «Água Viva» – episódio n.º 93; **22.55** Volta a França em bicicleta, **23.05** Ultimas Noticias

20.30 Informação/2; **21.00** Magazine das Artes Plásticas; **21.30**. Programa Musical – «Solid Gold»; **22.30**: Documentário

Os mais arrebatadores e vibrantes duelos entre chinos e japoneses!
um elenco de categoria
CHIN HSIANG LIN · CHAN HOWE
INGRID HU
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS
HOJE ESTREIA POLITEAMA

2
AV. PRAIA DA VITORIA N.37 (AO SALDANHA) TELF. 579460
15.15-18.00 e 21.30
O ÊXITO CONTINUA
N. ac. m. 13 anos
LINO VENTURA · JACQUES BREL
CHARLES DENNER · CHARLES GERARD
ALDO MACCIONNE · NICOLE COURCEL
Musica de FRANCIS LAI
EASTMANCOLOR
A AVENTURA É AVENTURA
UM FILME DE CLAUDE LELOUCH

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. José XXI, 5-D 1100 (metro Areeiro) - R. Infantaria, 16-55-C 1300 LISBOA

GUERRA?! NÃO OBRIGADO
textos de BERTOLT BRECHT
encenação de FERNANDO GUSMÃO
GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE
Teatro do Jovem Espectador 2752175
S.SEC/CMA

PUB.
ADÓQUE
TELEF. 87 44 78
LARGO MARTIM MONIZ
CORRA! VÁ VER!
Paga as favas!
UMA REVISTA DE MUITO ALIMENTO
HORÁRIO DE VERÃO
3.as, 4.as e 5.as – 21.30
6.as, e Sábados – 20.30 e 22.45
Domingos – 16 e 21.30
2.as feiras – Folga

TRIBUNAL JUDICIAL DÁ COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

C.P. N.º 618
1.º Juízo
1.ª Secção

FAZ SABER que no dia 13 de Julho, próximo, pelas 10 horas, no 1.º Juízo desta Comarca — 1.ª Secção — e nos autos de carta precatória para venda, vinda do 3.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e extraída dos autos de execução de sentença que a COMPANHIA DE SEGUROS IMPERIO, EP, move contra ANTONIO MANUEL CARDADOR, residente em Pero Pinheiro, desta comarca, há-de ser posto em praça, para ser arrematado ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, o direito que o mencionado executado possui no veículo pesado «BERLIET — matrícula LD-54-69» e do qual é comproprietário António dos Anjos Silva Cardado, residente na Rua Dr. Oliveira Salazar, Pero Pinheiro.

Sintra, 23 de Junho de 1981

O JUIZ DE DIREITO,
Adérito Pereira Brazão de Carvalho

O Escrivão de Direito,
Nunes Pereira

roteiro cultural

Exposições

É hoje inaugurada, na Cooperativa Árvore, do Porto, uma exposição de pintura e desenhos do artista chileno F. Ariztia. Ariztia nasceu em Santiago do Chile em 1943 tendo realizado estudos na Escola de Belas Artes de Santiago do Chile, na Escola de Belas Artes de Belgrado, na Jugoslávia e na Escola de Belas Artes de Paris, França.

Tem realizado exposições colectivas e individuais no Chile, Itália, Alemanha, Holanda, França e Inglaterra.

Esta exposição estará patente ao público até ao dia 15 de Julho, podendo ser visitada todos os dias das 9 às 12 e das 14 às 23,30. Aos sábados e domingos a galeria está aberta das 15 às 19 e das 21,30 às 23.30 horas.

Uma exposição de Serge II Oldenburg, artista francês da Escola de Nice, é hoje inaugurada, às 22 horas, na Galeria Tempo/Grupo Alvarez, à Rua Nova de S. Mamede, 17. A exposição estará aberta diariamente (excepto aos domingos) até ao dia 15, das 15 às 20 horas.

Inaugura-se hoje, pelas 19 horas, no Palácio Foz, uma exposição sobre Bela Bartok, que permanecerá patente ao público até ao dia 14 de Julho.

Ao acto inaugural da exposição documental, que é patrocinada pela embaixada da Hungria, estará presente o director-geral da Divulgação, além de embaixadores e outras entidades oficiais.

Encerramento de exposições na Gulbenkian. Encerram ao público, no dia 5 do corrente, as exposições de Pablo Gargallo e do artista Costa Pinheiro, que se encontram patentes nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. Por sua vez, as exposições dos fotógrafos Rogério, Eduardo Nery e Eugène Atget, encerrar-se-ão no dia 12.

«Guerra? Não, obrigado» prossegue a sua carreira em Almada

Pintura abstracta. Está patente ao público na Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição internacional de pintura abstracta organizada pelo crítico americano Kenworth Moffet. São apresentadas 24 obras de artistas americanos, canadianos, ingleses, alemães, austríacos e japoneses.

«Sahara Ocidental, um povo, uma história, uma luta...» é o tema de uma exposição fotográfica de Carlos Gil e Pedro Sousa Dias, ontem inaugurada na SNBA e organizada pelo CIDAC e pelo Comité Português de Apoio à Frente Polisário. Esta exposição inicia uma campanha de solidariedade cuja actividade principal será a estada em Portugal de um grupo de 40 crianças saharauis. A exposição prolonga-se até ao dia 10 de Julho.

Teatro

«Guerra?! Não, obrigado», o novo espectáculo do Grupo de Campolide, prossegue a sua carreira em Almada, no Teatro da Academia Almadense. O espectáculo tem encenação de Fernando Gusmão e é interpretado pelos actores Canto e Castro, António Assunção, Ema Paul, Fernanda Montemor, Teresa Gafeira, Alfredo Sobreira, Carlos Alberto, Silva Heitor e Luísa Ortigoso. A direcção plástica é de Jorge Rocha.

Ao levar à cena este espectáculo, constituído por uma colagem de textos de Bertolt Brecht, o Grupo de Campolide assume a intenção expressa de dar o seu contributo na luta contra a guerra, que envolve hoje todo o campo democrático da humanidade.

O Grupo de Teatro Rodaviva, do Porto, apresentará hoje, amanhã e nos dias 4 e 5, pelas 21,30 horas, os seus «Três Contos Tradicionais Portugueses» no recinto da Casa de Ramalde. Os bilhetes encontrar-se-ão à venda no próprio local, uma hora antes do início de cada espectáculo.

André Brun no Trindade até domingo. O TAS-Teatro Animação de Setúbal – apresenta até domingo, no Teatro da Trindade, duas peças de André Brun, em espectáculo incluído nas comemorações do centenário do nascimento do escritor. Sessões às 21,30 e aos sábados e domingos igualmente às 16 horas.

Cinema

Com a exibição de «O Túmulo Índio» prossegue hoje no Cinema Quarteto o Ciclo Fritz Lang que a Cinemateca Nacional tem vindo a promover.

Amanhã, passa «O Tigre de Eschnapur», e no sábado «O diabólico dr. Mabuse». O ciclo termina no domingo com o «O Desprezo», de Godard, em que Fritz Lang aparece como actor, no seu último contacto com o cinema.

Caminhos de Ferro Portugueses

FESTA DOS TABULEIROS EM TOMAR

Nos próximos dias 4 e 5 de Julho, vai a CP realizar comboios especiais Lisboa-Tomar e volta, ao preço único de 230$00. Os referidos comboios partem da estação de Lisboa (Santa Apolónia), com paragem em Vila Franca de Xira e de acordo com a lei horaria:

8.30	—	Lisboa (Santa Apolónia)	—	20.43
8.51	—	Vila Franca de Xira	—	20.20
9.55	—	Tomar	—	19.15

A venda de bilhetes é feita nas bilheteiras do rés-do-chao da estação de Lisboa (Rossio) até à véspera da sua realização. Nos próprios dias, poderão os Senhores Passageiros adquirir os seus bilhetes na estação de Lisboa (Santa Apolónia).

Demais informações poderão ser prestadas pelo telefone 86 77 85 — Serviço Comercial da Região Centro.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	52$30	57$30
ALEMANHA FED (marco)	26$15	27$25
AUSTRIA (xelim)	3$65	3$85
BELGICA (franco)	1$533	1$633
BRASIL (cruzeiro)	$405	$655
CANADA (dolar – notas de 1 e 2)	52$20	54$20
(notas de 5 a 1000)	52$70	54$70
DINAMARCA (coroa)	8$35	8$75
ESPANHA (peseta)	$622	$722
EUA (dolar – notas de 1 e 2)	62$85	64$85
(notas de 5 a 1000)	63$35	65$35
FINLÂNDIA (marka)	14$05	14$65
FRANÇA (franco)	10$85	11$55
HOLANDA (florim)	23$55	24$55
INGLATERRA (libra)	121$00	125$00
IRLANDA (libra)	95$85	99$85
ITALIA (lira)	$048	$058
JAPÃO (iene)	$251	$286
NORUEGA (coroa)	10$40	10$90
SUÉCIA (coroa)	12$35	12$95
SUIÇA (franco)	30$55	31$65
VENEZUELA (bolivar)	11$95	12$95

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimaraes Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem – cinema, **17.00** Ciclo musical; **18.00** Formas de energia, **18.45**: RDP/regioes; **19.00**: Repensar a escola – programa do MEC; **20.00**: Enquanto os outros vêem TV – jazz; **21.00** «O Bobo» de Alexandre Herculano – livre e directo; **00.00**: Disco tempo, **02.00**. Madrugada na RDP-/Centro; **05.30**: Programa rural

Programa 2

16.00: Que quer ouvir?; **17.00**: Arquivo do disco; **17.30**: Efeméride musical, **18.00**: Dossiers sonoros; **18.30**: Sonata em sol menor para violoncelo e piano, op. 65, de Chopin; **19.00**: O canto e os seus intérpretes, **20.05**: Magazine internacional; **20.35**: Música, **21.00**: Aspectos da música do Brasil; **22.00** Música de Mozart, **22.30** Intercâmbio musical, **23.30** Quarteto Polifónico de Barcelona **23.55**: Música sinfónica de Beethoven, **01.00**: Fecho

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

16.03 Rock em stock, **18.03** Circulo em FM **19:03** Em órbita, **20.03** Abandajazz, **22.03**: Café concerto; **00.03**: O vapor da meia-noite

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Aqui e agora; **17.00** Jornal da mulher **18.15**: Igreja em notícia; **18.25**. Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; **19.00**: Programa da LAR; **19.30** Revista de Imprensa, **20.00**: Paju, **21.00**: O som da noite, **21.30** Diálogo e vida; **22.00**. Quando o telefone toca, **22.30** Meta final, **23.10**: Programa cultural; **23.30**. Nota de abertura, **23.55** Meditando **24.00**. Meta final (continuaçao) Noticiário de hora a hora

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.15: Espelho meu; **15.45** Teatro trágico, **16.15**: A panela ao lume, **17.03**: Todos no top, **18.08**: Hora de ponta, **20.30**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30**. Diversos; **21.03**: Quando o telefone toca (2.ª e 3.ª edições); **22.03**: Portugal e a CEE; **22.20**: Mensagens bíblicas, **22.35**: Diálogo; **22.40**: Tempo de desporto, **23.08**: 24.ª hora Noticiários de hora a hora

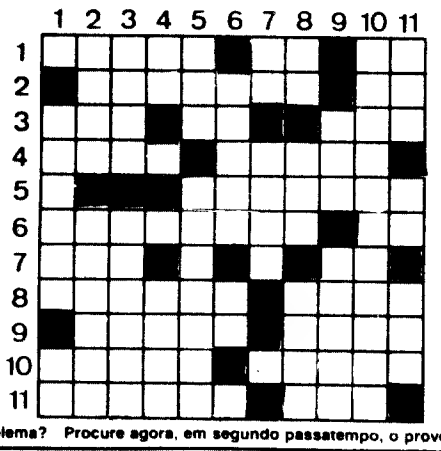
Tiragem média diária do mês anterior: 49.619 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13165

HORIZONTAIS:

1 Removem. Artigo definido Deus dos pastores.
2 Versejamos Pertences.
3 Irmã da mãe. Estrépito de desmoronamento. Nome de mulher.
4 Vento forte. Nome de jogo.
5 Que têm calos.
6 Fechamos um pouco (os olhos). Moderato.
7 Sufixo que designa abundância. Cério (s. q).
8 Esmurrado. Cidade da Úmbria
9 Sacerdotes budistas. Direcção.
10 Comer Receio
11 Indignaras. Conjunção.



VERTICAIS:

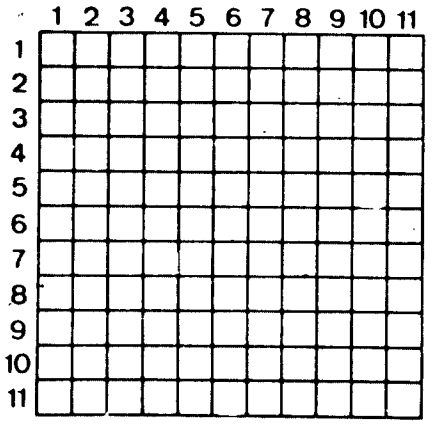
1 Prazo (pl). Letra grega.
2 Rio da Bética. Separar.
3 Quotidiano. Furtivamente.
4 Antes do meio dia. Estimar.
5 Oceano. Roubara (pop).
6 Modificam. Osmio (s.q.).
7 O sono das crianças. Impulso.
8 Abreviatura de Santissimo. Pedras de moinho Lavrem.
9 Duna na Suécia. Reveste de uma camada de crómio.
10 Intenções.
11 Pega. Solitário. Rio da Suiça.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9025

HORIZONTAIS:

1 Republica da America Central
2 Divido em toros Brilhante
3 Do latim ou a ele referente. Viscera dupla
4 Abreviatura que se usa em Música Cmei â ceia
5 Molestem Utensilios domésticos (inv)
6 Tempo do verbo ser. Personagem do «Otelo» de Shakespeare Era cristã.
7 Aquele que foi vitima da sua propria ambição Pingue.
8 Gorgulhos tropicais Sabor picante
9 Pêlos de certos animais Definhado
10 Personagem fantastica da literatura inglesa
11 Fazer crepitaçao Batraquio.



VERTICAIS:

1 Antiga província da Palestina. principal teatro das prédicas de Jesus Cristo Mil e cem em romano
2 Joeira Estudante
3 Macacos americanos Natural da Arábia.
4 Alcunha dos naturais do Porto
5 Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel Extremidades de braços Letra grega.
6 Alternativa. Mitologia
7 Duna na Suécia Regulo Aqui.
8 Lutécio (s q) Aqui Lançar o arpéu a.
9 Ter arrependimento
10 Ena! Incubar
11 Defraudava Freguesia do concelho de Guimaraes

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13164

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Abrir Magra.	1 Aquém. Gabro.
2 QUEM Fira.	2 Burla Oriá
3 Ura. NAO Sam.	3 Rea Masca
4 El. Por Atra	4 Im Pastaram.
5 Mama Saram	5 No. Sãs Ma.
6 Assadas	6 Farsa Suar
7 GOSTA AR	7 Mio Adiem.
8 Arcasses	8 Ar Ara Cá.
9 Biar Um NÃO	9 Gastas Nos.
10 Rã Ama COME.	10 Arm Amam.
11 Amarras	11 Arma Fr Geo

PROVERBIO. Quem não gosta, nao come

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9024

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Seita. Apara.	1 Sabres. Arme
2 Alear. Rirás.	2 Elai. Alva.
3 Banir Pausa	3 Ien Piais.
4 Ri. Salão	4 Tais. Ris Pr.
5 Só. Cia.	5 Arras. Açai.
6 Sair. Amora	6 Loas.
7 Lai. Seca.	7 Arpa. Mesa
8 Avisa Voe	8 Pião. Oc Ra.
9 Ras Clara	9 Aru. Cravara
10 Pá. Arrá	10 Ras. Ia Rm
11 Elarias. Amo	11 Asara. Serão.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A
Às 14.30-16.30-18.30-21.30 e 23.45h.
Não ac. men. 18 anos
ROLLERBALL
c/J. Caan

todos os domingos
manhãs infantis

SALA B
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 18 a.
LENNY

c/ Dustin Hoffman
Realização de Bob Foss

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 14. 16.30 19 e 21.30
– Para Todos
AS AVENTURAS DE RABI JACOB
c/ Louis de Funés
Um filme de Gerard Leuri
Colorido
2.ª semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h.
Um filme de David Lynch
Technicolor
O HOMEM ELEFANTE
Int. men. 13 anos
6.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
não acons. men. 18 anos
Estreia
numa alta sociedade despida de preconceitos e de ... roupas
PRAZER DE MULHER
uma comédia escaldante!

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
GENTE VULGAR
Com Donald Sutherland, Mary Tyler
Não acons. men. 13 anos
14.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Não ac. men. 13 anos
THE JAZZ SINGER
c/ Neil Diamond, Laurence Olivier e Luci Arnaz
Um filme de Richard Fleischer
Technicolor

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
JESUS CRISTO SUPERSTAR
O filme de Norman Jewison

3.ª semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
às 15.15, 18, 21.30
não acons. 13 anos
AVENTURA E AVENTURA
filme de Claude e Lino Ventura
Às 24.00 não acons. men. 18 anos
OS VIOLENTOS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
12.30-14.30-16.45-19.00-21.30
OS SONHOS PROIBIDOS DE MONA Q
Int. men. 18 anos
Pornográfico Hardcore
Às 24 horas
Interd. men. 13 anos
MULHER SEM MEDO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 15 e 21.30 h
– N. ac. men. 13 a.
MOLIÈRE
c/ Philippe Cautère
Um filme de Ariane Mnouchkine
Às 19.30 h. Int. men. 18 anos
TORSO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Sessões às 14, 15, 16.30, 21.30
não acons. men. 13 anos
O JACARÉ
um filme de Sérgio Martino
com Barbara Bach, Richard Johnson e Mel Ferrer

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
Óscar 1975
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
não acons. men. 18 anos
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
às 23.45, G. D.
A FACA NA ÁGUA
de Roman Polanski

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
AS AVENTURAS DE RABI JACOB
c/ Louis de Funés
Um filme de Gérard Ouri
2.ª semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Bud Spencer Giuliano Gemma Robert Midleton em
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
ATÉ MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES
Um filme de E.B. GLUCHER
Não acons. a men. de 13 anos

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
Pela primeira vez a espantosa versão integral de
BLOW-UP
HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO
A obra-prima de Antonioni

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
Les Charlots numa das suas melhores comédias!
OS 4 MALUCOS MOSQUETEIROS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS COMANDOS DE NAVARONE
c/ Robert Shaw, Franco Nero e Edward Fox
Um filme de Guy Hamilton

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
não acons. men. 18 anos
um filme de Federico Fellini
A CIDADE DAS MULHERES
7.ª semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21 30
Não acons. men. 18 anos
Artes Marciais no seu mais alto expoente
Um filme de Pao Usueh-Li
A PANTERA ATACA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15 15, 18.15 e 21.30
Não acons men. de 13 anos
ALFREDO, O GRANDE
David Hemminga e Michael York

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
George Segal, Natalie Wood, Richard Benjamin
OS BEM CASADOS
Um filme de Gilbert Cates Technicolor
Int. a men. 13 anos

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14, 16 30, 19 e 21 30n
Int men 13 anos
OXALÁ
Um filme de António Pedro Vasconcelos
às 24.00
O FANTASMA DO PARAISO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
Artes marciais no seu alto expoente!
A GRANDE FAMÍLIA
colorido

O filme «**DAS 9 ÀS 5**» **(Nine to Five)** não é uma comédia... é um delírio! Estreia dia 2/7 no Cinema LONDRES. Não aconselhável a menores de 13 anos

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14, 16.30, 19, e 21.30
Pata todos
O GRANDE RESTAURANTE
Colorido – com Luis de Funes e Bernard Blier

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
Às 14, 16 30 e 19
não acons. men. 13 anos
A TERRA DAS MIL AVENTURAS
às 21.30, Estreia
não acons. men. 18 anos
FALCÕES EM DUELO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15-17-19-21 e 23h.
Não ac. men. 18 anos
Filme de qualidade
CERROMAIOR
Realiz. Luis Filipe Rocha

SALA 2
Às 14.30, 16 45 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 13 a.
OS AVENTUREIROS BUTCH CASSIDY E KID
Real. Richard Lester

SALA 3
Às 14-16.15-18.30-21 e 23.15h.
Maiores de 18 anos
KILAS O MAU DA FITA
Realiz. José Fonseca e Costa
Filme de qualidade

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 21.15 e 23.30
Maiores de 18 anos
TAXI DRIVER
Realiz. Martin Scorsese
Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30
Interd. men. 13 anos
Com: Gene Hackman
OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 15 30, 18.30 e 21.30
não acons men. 18 anos
MANDINGO
chocante depravado, magnificente!
com. James Mason, Susan George e Perry King

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14-16.30-19 e 21.30
int men. 13 anos
OS CÃES DO ÓDIO
col. com Gregg Henry e George Kennedy

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
4 sessões. 14. 16.30, 19, 21.30
não acons. men. 13 anos
A FILHA DO MINEIRO
Óscar da Academia 1981 fpara a melhor interpretação feminina, Sissy Spacek
9.ª semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República – (junto ao Apeadeiro da CP de Entrecampos)
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
Festival James Bond 007
SÓ SE VIVE DUAS VEZES

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ESPIAO MAIS PERIGOSO DO MUNDO
7.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 13 15, 17 19 21.30 e 23.30
Nao acons men. 13 anos
NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS
Uma comédia notável de humor e amor
Com: Richard Dreyfuss e Marsha Mason

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16 30, 19 e 21.30 h.
N. ac. m. 18 anos
VESTIDA PARA MATAR
c/ Michael Caine, Angie Dickinson e Nancy Allen
Um filme de Brian de Palma
Technicolor

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 21.30, int. men. 13 anos
uma gigantesca aventura
OS CANHÕES DE SAN SEBASTIAN
com Anthony Quinu, Charles Bronson, Anj. Comer

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 – P. Restauradores
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
OS AVENTUREIROS BUTCH CASSIDY E O KID

outros cinemas

Lisboa

LONDRES – «A Cidade das Mulheres», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Gemidos de Prazer», às e 23.00 (18 anos,
OLIMPIA – – «A Ama do Sexo». sessões permanentes (18 anos)
2000 «O Invencível Monstro Canibal», às 21.30 (18 anos)
EUROPA – «A Sobrinha é de Gritos», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Laços de Sangue», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE – «Homens Desenfreados», às 21.30 (18 anos)
LUMIAR – «Aventura em Atenas», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Morte no Nilo», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Cantinflas, Polícia 777», às 21.15 (6 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Amor Ameaçado», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «As Motos Diabólicas», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS: Chaplin – «Furacão», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Adeus Emmanuelle», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Sábado, Domingo e Sexta», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «O Vingador da Estrada», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Encontros Imediatos do Terceiro Grau», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «O Monstro», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «Apache», às 21 30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «Aventura do Poseidon», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «Gelado de Limão II», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «Gaylon, o Indestrutível», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Para Nós é Canja», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Minha Bela Madrinha», às 21.30 (18 anos)

Porto

FOCO – «Heróis por conta própria», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA «As Enfermeiras do Sexo», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «O Regresso do Inspector Martelada», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO – «Funeral para um Assassino», às 21.30 (18 anos)
TERÇO – «Shining», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT – «Loulou», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Júlia» às 21.30 (13 anos)

ÁGUIA – «Esquadrão Antidroga», às 21.30 (13 anos)
S. JOAO – «O Califórnia», às 21.30 (13 anos)

LUMIÉRE-A – «Oxalá», às 21.30 (13 anos)
LUMIÉRE-L – «O Mundo Perfeito de Simon», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Gulosas de Amor», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL – «O Homem de Mármore», às 21 30 (13 anos)

BATALHA – «Os Boinas Verdes», as 21.30 (13 anos)

BEBÉ – «O Touro Enraivecido», às 21.45 (13 anos)

PEDRO CEM – «As Rotas do Inferno», às 21.45 (13 anos)

COLISEU – «O Desafio das Aguias», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE – «Lawrence da Arábia», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA «Ben e Charlie» às 21 30 (13 anos)

CHAPLIN – «A Mulher, o Amor e o Ódio», às 21 30 (18 anos)

Coimbra

SOUSA BASTOS – «Com Jeitinho Vai... Enfermeira», às 21 30 (13 anos)
S. TEOTÓNIO – «A Aventura Começa em Cabo Blanco», às 21.30 (13 anos)
TIVOLI – «O Beco do Paraíso», às 21 30 (18 anos)

SANOGYL BLANC

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

TELES, R. João de Barros, 2, frente (638176); **ZIL**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **ONILDA**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **AZEVEDO IRMÃO & VEIGA**, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **SIMÕES**, C. Tojal, 102-A (T. 749649); **OURIQUE**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CENTRAL DE CAMPOLIDE**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ESTEFÂNIA**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 790480); **CORREIA DE ALMEIDA**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T 880703); **ZEMA**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BRANCO** Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T 2112081); **CORREIA**, E Principal, lote 172 (T. 993148); **JOLENI**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B.

REFORÇO

MENDES GOMES, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ESTADOS UNIDOS**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **FIGUEIRAS**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 44995); **ZIRA**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **RENASCENÇA**, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **CAPUCHOS**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T 572076); **SAE Silva Filhos**, R Sáo João da Mata, 72-74 (T. 661010); **ALCALIS**, R Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **DIMAR**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); **SOARES**, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 780548); **VITEX**, E. de Benfica, 373-B (T. 684282); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T 910305); **PIMENTEL**, Az. dos Bezouros, lote R-8; **MATOS**, T Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498); **COVA DA PIEDADE: Garcia Reis**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2490911); **COSTA DA CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T 240002); **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207); **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av da Bela Rosa, 8 (T 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 224137)

SETÚBAL: Normal do Sul, P. do Bocage, 137; **Morena Martins** P D Olga Sarmento, 14.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho** B Joáo P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 21 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737). Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Até às 22 horas; **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes** Até às 21 horas; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T 262313/267314) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 21 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Até às 21 horas; **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Amadora, L. 25 de Abril, 3-A (T. 935518). Permanente; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeler**, R. da República, 83 (T 950045); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669), **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781); **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio 14-A (T. 2914820). Permanente; **MERCÉS: Claro Russo**, R. Abade Faria 2-A (T 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Gomes da Silva**, Portela. Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

MOSCAVIDE: Pedro Gomes. Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luisa Braamcamp, 2-A (T 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027) Permanente.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVES DA SILVA, Av. da Boavista, 1016; **AZEVEDO**, R. de Azevedo, 136; **GOMES FERREIRA**, R. de Faria Guimarães, 449; **NÁU VITÓRIA**, R. Náu Vitória, 723; **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola; **CONFIANÇA**, R de Santa Catarina, 960; **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61; **FERREIRA**, P. D. Afonso, V. 55-B.

DE DIA E TODA A NOITE

ANTAS, Av. Fernão de Magalhães, 1076; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo Mártires da Pátria, 122; **LOUSADA**, R. do Campo Lindo, 52; **CARNEIRO BARBOSA**, R Firmeza, 99-A.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

MONTES CLAROS R. Dr. António J. Almeida, 69 (T 25904), **CRUZ VIEGAS**, R. do Brasil 154 (T 74621)

teatros

ABC – «O Escabecho», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA MATOS – «A Tragédia da Rua das Flores», às 21.30 (10 anos)
TRINDADE – TAS – «Está Lá? e O Cavaleiro Respeitável», às 21.30 (13 anos)
SÃO LUÍS – «Romeu e Julieta», às 21.45 (6 anos)
VARIEDADES – «Há Petróleo no Beato», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Sopa de Pedra», às 21 30 (13 anos)
ÁDOQUE – «Paga as Favas», às 21.30 (18 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – Grupo de Campolide – «Guerra? Não Obrigado», às 21 30 (13 anos).

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade. 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.° – 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto.
Rua do Almada, 30-2.° – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

	PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
Dia 2				
4 16	4,0 m		9.49	0,8 m
16 37	4,2 m		22 21	0,7 m
Dia 3				
5.04	4,0 m		10.33	0,8 m
17.23	4,2 m		23.07	0,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	15°
BRAGANÇA	19.°
VILA REAL	–
PORTO	15°
P. DOURADAS	–
COIMBRA	14°
C. CARVOEIRO	–
PORTALEGRE	12°
LISBOA	18°
ÉVORA	–
SINES	–
BEJA	20°
SAGRES	18°
FARO	22°
P. DELGADA	–
FUNCHAL	19°

últimas

MEIA HORA EM LIBERDADE foi o tempo que o soldado José Mendes Farinha conseguiu depois da sua fuga ontem à tarde do presídio militar em Caxias onde se encontra em cumprimento de pena. Depois da evasão, logo detectada, seria movida intensa perseguição por elementos da cadeia e da GNR que viria a culminar com a recaptura já próximo da praia.

DOIS MIL CONTOS DE ELECTRODOMÉSTICOS foram furtados de um vagão estacionado no Poço do Bispo em Lisboa e comerciados a baixo preço. A Secção de Justiça da PSP prenderia dois indivíduos: Francisco Pinto, de 34 anos, radiotécnico, que terá funcionado apenas como receptador e revendedor, e Arão Saraiva, de 31, motorista, que correu o risco ao furtar e vendeu por tuta e meia. Os artigos pertenciam à firma Olavo Cruz.

SUICIDOU-SE POR CAUSA DOS CÃES que haviam sido abatidos por ordem do veterinário um engenheiro de 69 anos, reformado, que vivia em Munique numa quinta com 90 cachorros.

FURTO NOS TLP noticiado ontem pelo «DL», por falta de elementos, permitia interpretação prejudicial para os funcionários. Sabe-se hoje que o furto na estação de S. Domingos de Benfica foi praticado às 15 horas por dois indivíduos que terão actuado no rés-do-chão do edifício enquanto os três funcionários trabalhavam no segundo andar. Um colaborador dos assaltantes apresentando-se como amigo de um outro funcionário, com quem pretendia falar, a pretexto de esperar, ficou vigiando os funcionários durante a «operação» em que artigos no valor de 300 contos mudaram de dono.

PCP comenta decisões da AR

O "negócio da doença" e "onda de benesses"

«Com a revogação da lei do Serviço Nacional de Saúde, a AD comprova o seu empenho em assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento do negócio da doença» – comenta a SIP do PCP, a propósito da revogação daquela lei e dos aumentos para os deputados.

Assim, foi assestado «um sério golpe nas possibilidades de se percorrer, com a urgência requerida, o caminho para a solução de um grave problema nacional que constitui indiscutivelmente um dos mais poderosos factores de preocupação, segurança e angústia dos cidadãos».

E os aumentos aos deputados? «A AD estende ao seu pessoal político a onda de benesses, negociatas e privilégios que está restaurando no plano económico, ao serviço do grande capital e dos interesses parasitários mas à custa dos recursos públicos» – acrescenta o PCP.

O documento partidário a que nos referimos assinala ainda um denominador comum: «um insolente e ilimitado desprezo e insensibilidade face aos problemas reais, aos sofrimentos e sacrifícios que marcam a vida da maioria dos portugueses».

Quanto ao comportamento assumido pela oposição no Parlamento, o PCP assinala que foi o único dos grandes partidos nacionais «a condenar sem hesitações uma política de gritante imoralidade e a tomar uma posição compatível com a defesa do prestígio das instituições democráticas».

«Um número sempre crescente de cidadãos toma aguda consciência de que o Governo AD se comporta rigorosamente como um comité executivo do grande capital para quem a capacidade legislativa da AR, o aparelho de Estado e os recursos públicos, longe de serem instrumentos de resolução dos problemas nacionais, são acima de tudo meios para uma vasta obra de destruição de tudo o que o povo português conquistou e para a violenta restauração do poder e dos privilégios dos derrotados do 25 de Abril» – acrescenta a nota.

E a terminar: «A luta pela demissão do actual Governo e por uma alternativa democrática assume cada vez mais o carácter de uma profunda exigência da defesa dos interesses vitais do povo português e de uma condição indispensável de resposta às suas aspirações e às necessidades do progresso do País».

Misericórdia de Lisboa comemora hoje o seu "Dia"

O «Dia da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa» está a ser comemorado em diversos centros e locais da capital, tendo atingido o seu ponto alto por volta do meio-dia, na Igreja de S. Roque, onde foi celebrada missa eucarística pelo Núncio Apostólico de Lisboa.

A esposa do Presidente da República, D. Manuela Eanes, membros do Governo, representantes do corpo diplomático e numerosas outras entidades assistiram ao fim da manhã ao acto litúrgico, no qual participaram o coro da Igreja de Santo António do Estoril e o Coro Sol Nascente, este integrado por timorenses do Campo dos Balteiros.

Aquelas personalidades e os elementos de ambos os coros almoçaram, depois, no Instituto de S. Pedro de Alcântara, visitando, em seguida, a exposição fotográfica sobre «a acção da Santa Casa da Misericórdia», inaugurada há dois dias. Recorda-se, aliás, que a Santa Casa comemora presentemente os seus 483 anos de vida.

Eanes inaugura amanhã 1.ª FILCOOP portuguesa

O Presidente da República inaugurará amanhã a I FILCOOP-DMC/81, que marca e corresponde às preocupações das cooperativas. Como a própria designação o sugere, a I FILCOOP, que se prolongará entre amanhã e o dia 12, na FIL, à Junqueira, coincide na abertura com o Dia Mundial da Cooperação (DMC/81).

Esta primeira FILCOOP portuguesa, possível em três meses mercê do esforço da organização e de todos os que estão com a cooperação entre os povos, consubstancia a necessidade de dar conta à opinião pública em geral e aos cooperadores em particular, dos benefícios económicos, morais e culturais do cooperativismo, através da venda de produtos de origem cooperativa. Daí que o certame contenha espectáculos a cargo das cooperativas da especialidade e que do programa também façam parte vários debates sobre a matéria.

Ramalho Eanes presidirá amanhã (à tarde), Dia Mundial da Cooperação, na FIL, à inauguração da I FILCOOP, cerimónia em que também participarão o subsecretário de Estado do Fomento Cooperativo e o prof. Henrique de Barros, velho militante cooperativista, homem que é símbolo desta actividade e forma de estar no mundo. Os preços de entrada na FIL entre amanhã e o dia 12 amoldam-se ao espírito cooperativo, tendo mesmo sido uma das preocupações da Comissão Executiva da FILCOOP.

A CEE, comercialização, o movimento cooperativo, a habitação, a promoção e o emprego, a qualidade de vida, o consumo e a cooperação escolar são alguns dos temas de colóquios que decorrerão paralelamente ao certame.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.° Prémio – 75 811 – 42 000 contos
2.° Prémio – 22 296 – 9 000 contos
3.° Prémio – 36 407 – 3 600 contos

O 2.° prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcoes da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO.

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO
75.810 – 532.500$00
75.812 – 532.500$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

2.487; 4.470; 5.588; 6.166; 13.593; 13.682; 15.189; 19.093; 19.681; 20.592; 21.297; 21.873; 23.459; 23.776; 26.427; 26.561; 27.317; 28.276; 30.378; 31.408; 33.494; 33.666; 39.783; 42.659; 43.436; 45.240; 46.178; 47.019; 47.244; 48.907; 52.132; 53.459; 54.625; 54.944; 55.504; 56.610; 56.784; 57.019; 57.731; 57.816; 58.045; 61.273; 61.850; 67.515; 69.700 e 69.940.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

18.000$00 – 218; 307; 360; 447; 550; 727; 897 e 947.
12.000$00 – 296; 407 e 811.
6.000$00 – 10 e 99.
3.000$00 – 1 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000$00 (CENTENAS)

22.201 a 22.300; 36.401 a 36.500 e 75.801 a 75.900.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 04/01/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

HUNGRIA-81
3 circuitos diferentes
BUDAPESTE/LAGO BALATON
HUNGRIA/ÁUSTRIA
HUNGRIA/CHECOSLOVÁQUIA
diversas datas de partida
ECONOMIZE RESERVANDO COM ANTECEDÊNCIA
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS
MUNDIRAMA VIAGENS E TURISMO, LDA
R do Crucifixo 33
1100 LISBOA - PORTUGAL
Telefs 360302 - 328856
Telex 13389
Estab 1948

MARQUISES
CAIXILUX
COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE ALUMÍNIOS LDA
ORÇAMENTOS GRÁTIS
Escritórios e Salão de Exposição:
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Tel. 776510-776359-776323
1100 LISBOA

PODER LOCAL
Director Luis Sá
REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DEMOCRÁTICA
O ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM PERÍODO DE SECA
à venda o n.º 25
CDL a distribuição
Avenida Santos Dumont, 57
1100 LISBOA

AUTO FÉRIAS
ALGARVE
POR PESSOA - 200 esc.
COSTA DEL SOL
POR PESSOA - 290 esc.
SERRA DO GERÊS
POR PESSOA - 738 esc.
MUNDIRAMA
R. DO CRUCIFIXO N.º 33
1100 LISBOA/ TELEF.
32 8856 • 360302
MUNDIRAMA
Estab 1948
CONSULTE-NOS

GRÉCIA
SENSACIONAIS VIAGENS
• UMA SEMANA EM ATENAS
• ILHA DE MYKONOS
• CIRCUITO DO PELOPONESO
Primeiras partidas: 5, 19 e 26 Julho
PREÇOS DESDE: 34.500$
Inscreva-se JÁ!
Informações e reservas:
Europeia
UM NOME ANTIGO COM UMA DINÂMICA NOVA
LISBOA • Avenida da Liberdade, 233. Tel. 536121
LISBOA • Avenida de Roma, 35-A. Tel. 778052
PORTIMÃO • Av. Tomaz Cabreira — Vlv. Sant'Ana
Praia da Rocha. Tel. 23377
membro WATA em Portugal

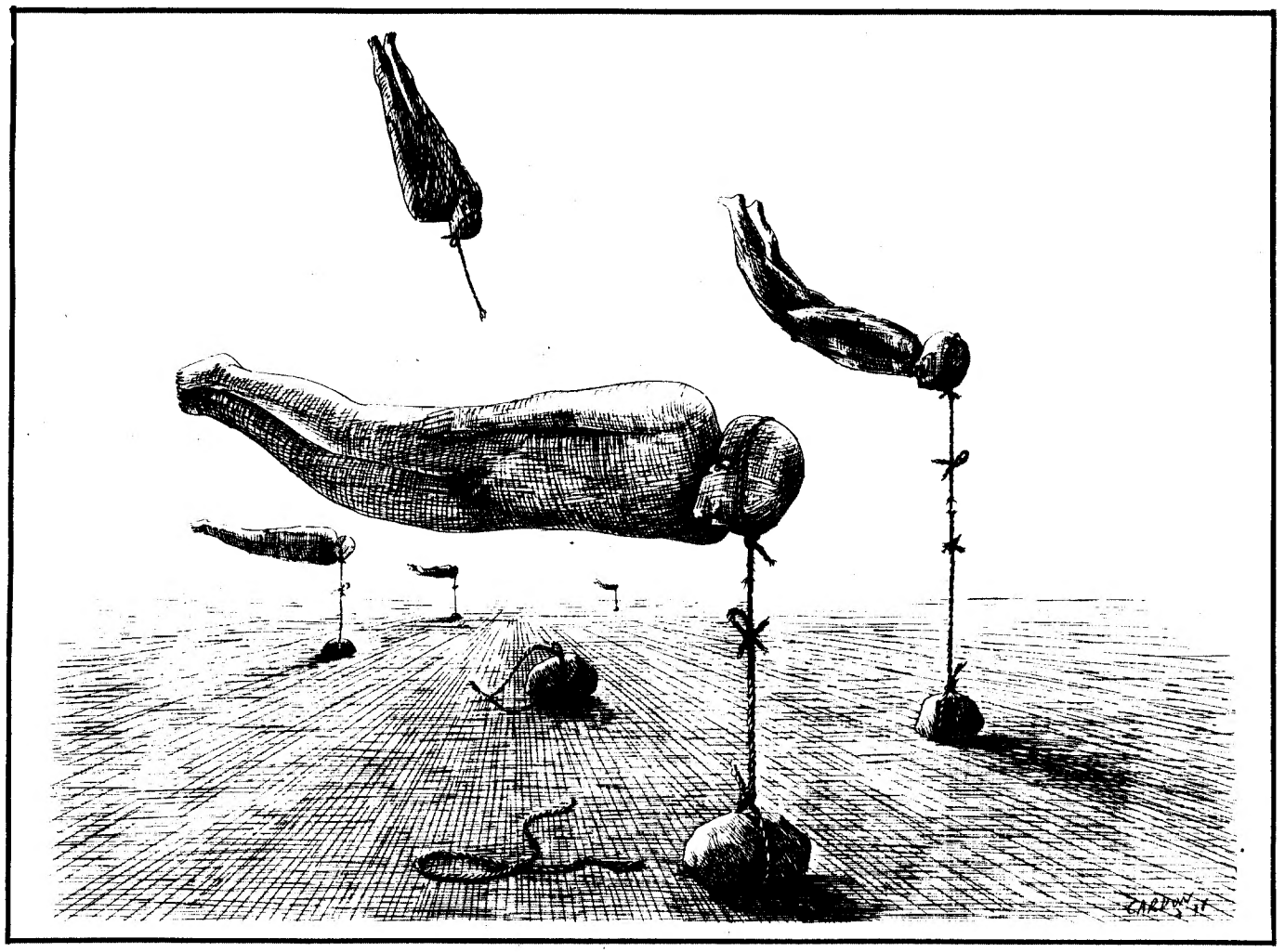
EGIPTO
2 FABULOSAS VIAGENS
Primeiras partidas*
CRUZEIRO NO NILO
* 19 Junho e 31 Julho
PREÇOS DESDE: 65.980$
NA SENDA DOS FARAÓS
* 17 Julho
PREÇOS DESDE: 64.750$
TUDO INCLUIDO
Inscreva-se JÁ!
Informações e reservas:
Europeia
UM NOME ANTIGO COM UMA DINÂMICA NOVA
LISBOA • Avenida da Liberdade, 233. Tel. 536121
LISBOA • Avenida de Roma, 35-A. Tel. 778052
PORTIMÃO • Av. Tomaz Cabreira — Vlv. Sant'Ana
Praia da Rocha. Tel. 23377
membro WATA em Portugal

DL

ler/escrever

N.º 17 • 2 de Julho de 1981

Suplemento Literário



TUDO O.K.

Alguma diferença há entre a velha e a nova barbárie. A velha distinguia-se pela sua truculência: as viagens eram perigosas (embora menos do que actualmente), as pestes ceifavam as populações, querelas, intrigas, dissídios inimizavam e dividiam não só os Estados, mas também as famílias e até os casais. Abundavam os mortos de fome (hoje parece que só há mil milhões de esfomeados), os ricos já nessa altura tinham sempre razão, a vida humana era mais breve. Contudo, havia uma vantagem: a da lenta circulação das ideias. Poucas. E relativamente estáveis. Algumas falsas mas isso não importa.

Hoje, as ideias desapareceram: tudo é hipotético, tudo é verdadeiro enquanto vendável, e falso o que não fizer crescer água na boca ao homem económico. Muitos estão convencidos de que o pior vem aí, mas aceitam o facto como inevitável. As coisas são como são e ao diabo o pior, se como tudo leva a crer o pior só chegar daqui a um século. Os nossos bisnetos que se arranjem. Nós estamo-nos nas tintas.

A multiplicação das técnicas está directamente relacionada com o desaparecimento das ideias. Se examinarmos o campo das artes e das letras, que encontramos? Diz-se, por exemplo, que a literatura foi ultrapassada e que só a música e as artes visuais se mantêm na vanguarda. É claro que a poesia ou a prosa narrativa não poderão actualizar-se se não realizando obras absolutamente privadas de ideias. Dir-se-á que também a renúncia às ideias é uma ideia: a ideia de que não existem ideias válidas. Porém, semelhante subtileza constitui débil álibi para uma produção que após quase cem anos de novíssimos **ismos** nem sequer beneficia já da vantagem da novidade.

O horror pelos conteúdos abstractos, a justa convicção de que a poesia se faz com as palavras, a música com as notas, a pintura com as cores, relegou para segundo plano aquilo que os nossos pais sabiam há séculos, isto é, que a poesia não se faz **só** com as palavras, nem a música **só** com os sons, e tão-pouco a pintura unicamente com o desenho e a cor. Um tal equívoco facilitou o advento de um tipo de música em que a nota (a palavra musical) deixou de contar, de uma pintura concebida tão-só como gesto ou como exibição de matéria bruta. Uma arte feita assim – superadas as iniciais desconfianças – não congestiona o espírito, não faz pensar. É agradável.

Quando o mundo (permitindo-o a bomba atómica) for habitado por oito ou nove biliões de homens com mais de dois metros de altura, esta arte estará provavelmente bem viva, mas ninguém se empenhará na tarefa de lhe fazer a história, de lhe seguir o contorno ou o traço de uma ideia que possa dar um sentido à existência da termiteira humana. E isto poderá dizer-se também dos milhares ou milhões de obras literárias alinhadas e conformes aos padrões do seu tempo. Os autores dessas obras terão editores, cátedras, prebendas; pouca gente os lerá, mas à sua existência não há-de faltar a consagração oficial. Mais numerosos – uma infinidade – serão os escritores de material comestível, também eles destinados ao olvido, mas bem pagos e respeitados.

Tudo estará absolutamente OK e os filósofos explicarão que a sua matéria, depois de ter atingido o auge em tempos bárbaricos, deverá ser relegada para as trevas de uma pré-história que para o novo animal humano é destituída de qualquer interesse.

Existem, obviamente, outras hipóteses, alternativas diferentes e possíveis, mas não sei se a bimbada tentacular e obíqua as achará mais consoladoras. É que não são pluralistas.

Ernesto Sampaio.

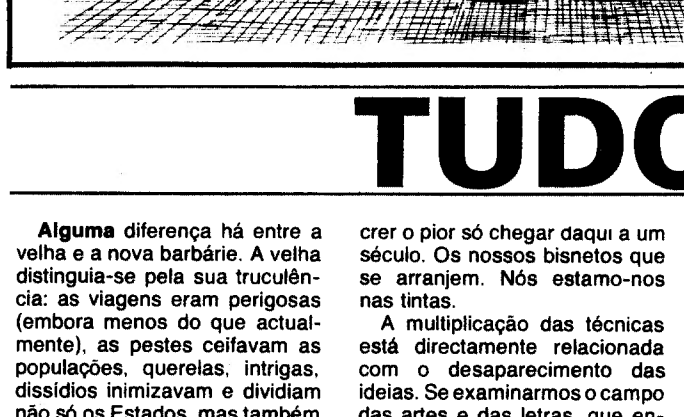
OS MONUMENTOS PELA NOITE

ATÉ mais profundo conhecimento do Universo, o único planeta que transporta monumentos pelo Espaço é aquele em que vivemos: a Terra. E é isso que precisamente reflecte a nossa grande solidão. Para se ter consciência deste grande vazio, do frio estelar em que estamos inseridos, basta irmo-nos pela noite ao longo de uma estrada, e, caindo sobre nós os faróis de um automóvel, sermos assaltados pela seguinte ideia: «Que pensarão astrónomos de outros planetas caso detectem estes jactos de luz varrendo o asfalto das estradas...?» Mas como esses astrónomos não chegaram ainda até nós, não preenchem ainda o nosso conhecimento, os nossos livros, não é sem um certo calafrio que chegamos à conclusão que esses jactos de luz, que todos esses faróis que cruzamos pela estrada, unicamente só têm um destino, que é o de se perderem pelo asfalto da noite, do espaço, sem que, exteriormente a nós, alguém neles repare e os anote. Não existe, em suma, uma sensibilidade extraterrestre que se entrecruze com a nossa. Não há quem nos pense – e, assim pensando nós, é então que nos surgem os monumentos solitários à superfície da terra, vagueando por coordenadas inacessíveis, por constelações longínquas, por estrelas sumidas cuja luz leva enormidades para nos atingir.

Vamo-nos, pois, por um longo itinerário sem observadores, sem que nos vejam, nos sintam e nos contem. É um labirinto gelado, suspenso pelo Espaço, um tanto sem ecos, como uma coisa **verdadeiramente** perdida. E com os monumentos na imaginação, perfilados, hirtos, estruturados pelas matemáticas fundas de todas as arquitecturas, **vemos** (num momento a que outros momentos depois darão cura) que esses monumentos são **só** a nós dirigidos, numa tentativa desesperada de romper com a solidão implícita na inexistência (até mais fundo conhecimento) de uma alteralidade que, tal como nós, também circule pelo Universo.

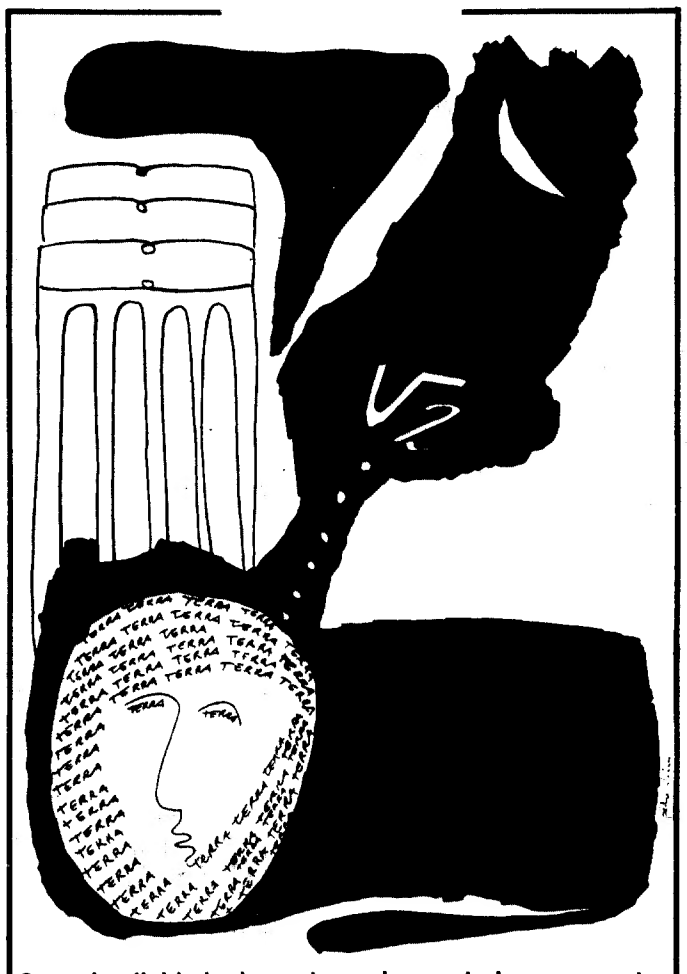
Aí está, e (por enquanto) nada mais: individualmente, ora com optimismo, ora com cepticismo, temos o Outro nos outros; mas na globalidade, ultrapassando esses outros, não nos reflectimos em quaisquer presenças conscientes cósmicas. Esse é que é o verdadeiro silêncio do grito que nos habita, seja esse grito o sangue, o estômago, o coração, os rins, o espermatozóide em seu fundo receptáculo... Há um instante, no movimento da noite, em que os monumentos à superfície da terra (desde as Pirâmides pelo deserto aos pelourinhos das nossas praças) imploram um espelho cós-

Continua na pág. 4



Congresso dos Escritores Soviéticos

O VII Congresso da União dos Escritores Soviéticos está a decorrer em Moscovo desde 30 de Junho passado. As «Izvestia» insistiram, recentemente, que o herói principal da literatura soviética deveria continuar a ser o trabalhador. No entanto, pensam observadores ocidentais em Moscovo que este Congresso deverá trazer (citando a France Presse) «uma mudança notável na política literária das autoridades». Assiste aos trabalhos do Congresso o escritor Urbano Tavares Rodrigues, convidado pelos organizadores do encontro. Em princípio, UTR apresentará uma comunicação ao Congresso ●



Ou a simplicidade dos gatos sob as estrelas ou a explosão da raiz quadrada de dois...

AS LETRAS EM DIA

Poesia, poesia, poesia

● POLÍBIO GOMES DOS SANTOS – «POEMAS» – **Já aqui se falou deste livro quando do seu lançamento. Mas valerá a pena voltar a falar, porque se trata de uma das edições de poesia mais importantes destes tempos mais recentes. Razões para dizer isto, podem resumir-se assim: Políbio é um dos melhores poetas da primeira geração neo-realista, morreu na juventude antes dos trinta anos, deixou legado literário pouco numeroso: apenas um livro já publicado, «As Três Pessoas» (38) e uns poucos de poemas que amigos, depois, recolheriam em livro: «A Voz que Escuta», em 44. A obra toda que agora se põe ao alcance do leitor é muito pouca: apenas dezoito poemas. Mas esta edição aparece assinalavelmente enriquecida sobretudo por uma nota introdutória de Carlos de Oliveira e um prefácio de José Marmelo e Silva, companheiros de geração de Políbio, como outros, como Fernando Namora, por exemplo, que assina também uma breve nota na primeira «orelha» do livro. Pena somente que esta edição não tenha incluido a nota introdutória de Paulo Quintela e o prefácio de Joaquim Namorado que vinham na edição do livro póstumo de 44. Quando da sessão de lançamento, e num texto depois reproduzido no «Jornal de Letras, Artes e Ideias», David Mourão Ferreira fez um alvitre no sentido de que uma eventual reedição desta pequena mas representativa e significativa obra poética incluísse os escritos em causa. Seria igualmente interessante incluir uma bibliografia activa e outra passiva do autor. É evidente, o volume do livro aumentaria e isso teria implicação nos preços de custo e de venda ao público. A título de curiosidade – mas pormenor certamente convidativo – assinale-se que este preço é de 80$00, graças a um subsídio da SEC. (Limiar).**

ANTÓNIO RAMOS ROSA – «FIGURA: FRAGMENTOS» – Supõe-se que as primeiras peças doutro (novo) livro do autor, depois de «As Marcas no Deserto», «O Incêndio dos Aspectos», «Declives». E vê-se já nesta sequência de doze fragmentos (para adoptarmos a designação titular proposta) o retomar dum trabalho algo sisífico – com uma energia que incessantemente se renova, a partir dos efeitos produzidos pela sua aplicação. A obra do poeta chegou recentemente a planos antes imprevistos com «O Incêndio...», e «Declives» representará talvez uma fase de transição, com acentos numa menor intensidade metafórica mas também, e igualmente ou mais, no experimentar duma maior agilidade inflexiva. Não há por aqui nenhuma contradição a resolver, porque a contradição permanente é também um dos motivos animadores desta obra e do desvendamento que ela faz dos abismos do ser, mexendo na totalidade do seu corpo, a linguagem. Não é mais questão de saber até onde isto vai, em extensão, em altura, em profundidade. Esta obra vastíssima é de peso como somente mais umas duas ou três na poesia portuguesa nossa contemporânea, está é a reclamar uma perspectiva global que a compreenda no fundamental das suas implicações, além de no principal das linhas de forças que a relacionam com o mundo em que vivemos e, aqui, os signos e os sinais e os signos que nos fascinam e perdem num enredamento tanto obscuro quanto de luzes deslumbrado. (O Oiro do Dia).

RUY CINATTI: «56 POEMAS» – Poemas que andavam dispersos por folhas volantes, segundo nota aqui incluída. Reunidos em livro, a imagem global que deste se tem depende disso, alguma coisa. Não muito porém: sobrepõe-se-lhe a de uma maior coerência e uma unidade não propriamente construída ou propositada e empenhadamente perseguida mas processando-se com o sugestivo duma fluência e da espontaneidade da fala, compatíveis todavia com uma relativa complexidade estrutural criada e sustentada pela variedade incessante das suas inflexões. Daí a força com que esta poesia se nos propõe, para além da aparente ou superficial ligeireza da fala. Estão aqui as constantes duma poética, embora, parece, não com tanta convicção como nos primeiros e ainda hoje os melhores livros do autor – «Nós não somos deste mundo», de 41, e «O livro do nómada meu amigo», de 58.

Uma dispersão excessiva por atractivos referenciais, alguns secundários, não se processa de todo impunemente para as qualidades essenciais duma escrita. (Na Regra do Jogo).

FERNANDO GUERREIRO: «POEMAS INTERIORES» – Em dois ou três anos, escapa-nos mesmo, de momento, quantos livros o autor publicou. Perdura no entanto a impressão causada pelos dois primeiros conjuntos de poemas saídos num só livro (que nem era verdadeiramente um livro, dado o seu propositado inacabamento como tal – as folhas soltas, sem capas). Perdura, talvez, mas não prevalece tanto assim. Era talvez a impressão de que o autor, seguidamente, procederia a uma exigente selecção dos poemas produzidos através da poupança verbal, desde logo, e ainda da economização de meios e recursos, no sentido de fazer realçar as melhores qualidades da sua escrita (a imaginação metafórica e o grande fôlego discursivo, por exemplo). Essa impressão, porém, esvaneceu-se um pouco na leitura dos sucessivos livros que Guerreiro publicou depois – para dar lugar a outra: a de que se estaria em presença de uma poética apontando para uma obra de vastíssimas proporções e de que cada livro não representava alguma muito forte novidade em relação ao anterior, senão – o que era pouco – no âmbito das referências culturais e das experiências particulares de escrita que lhe apareciam associadas. Foi assim que ganhou evidência a ideia de que a cada livro do autor seria sempre alguma coisa menos interessante do que o caso do autor como personagem do drama (digamos) cujas situações e desenvolvimentos na escrita dos livros se ia enunciando. «Poemas Interiores» não nos faz inflectir noutro sentido. Mais do que isto o que é talvez necessário acrescentar é que se tem estas noções por muito precárias. Importaria esclarecê-las. Aqui, no entanto, talvez tenha de ser o autor, não diremos a dar uma ajuda, mas, pelo menos (ou, antes, muito mais) a produzir por escrito uma situação em que um trabalho de releitura e reexame crítico obrigatoriamente se nos imponha. (Ed. do Autor).

GASTÃO CRUZ: «DOZE CANÇÕES DE BLAKE» – Quanto a traduzir poesia de uma língua para outra, há dois entendimentos disso que fundamentalmente se propõem: um preconiza a tradução «à letra», o mais fiel possível ao original; outro autoriza (mais do que isso, sugere, como melhor solução, ou mesmo única) o que pode designar-se por recriação. Em regra, os resultados da aplicação prática do primeiro entendimento são desastrosos e pode-se dizer até ilegíveis (pelo que produzem de contrafacções ou aberrações não só dos processos poéticos específicos mas até da própria língua para que se passa o original). Os resultados da segunda aplicação são excelentes, até porque, geralmente, tal entendimento (potencialmente criativo, criador) é o adoptado por poetas altamente dotados e superiormente exigentes. Exemplos, alguns: Fernando Guimarães, Egito Gonçalves, Eugénio de Andrade, Vasco Graça Moura, Gastão Cruz – este último de quem agora aqui se trata a propósito destas doze peças do grande visionário inglês do século XVIII entre nós (em português) até agora supomos que praticamente desconhecido (a não ser em estudos, e um deles em «A Literatura e o Mal», de George Bataille, aqui há cerca de quinze anos publicado). Não se conhecendo o original, dir-se-ia, como fazer uma ideia, ter uma opinião sobre o trabalho que aqui se nos apresenta? Não será assim tão difícil como isso: a questão do original não chega a pôr-se, e bastará reparar no trabalho que se nos propõe. E é isso que nos permite supor que não seria possível fazer melhor. Ou sequer diferente. (O Oiro do Dia). L. M. R.

Entre Bardo e Bárbaro

SEGUNDO um fulano italiano, e falando bem caro, a seriedade do operador burocrático e populista é apenas um signo, um modelo de identificação; uma imagem publicitária que substitui provisoriamente as imagens edonísticas da sociedade de consumo. E, tal como estas, está destinada a tornar-se rapidamente obsoleta.

A austeridade cultural e a austeridade económica não representam, num horizonte mais ou menos visível, qualquer regresso aos valores culturais e aos valores de uso, estes no seu sentido mais dignificante. Esse regresso é impossível. Tais austeridades não passam de imagens hiper-reais desses mesmos valores.

Trata-se aqui de explicitar o que o implícito permite a nível de qualquer tipo de comunicação ainda designada por artística. Certa produção literária, teatral, fílmica ou mesmo aquela que já obviamente se integra nos canais de massa que vem surgindo a lume, permanece um reflexo de «mea culpa», um trabalho enfatizado por matizes que se viciam nos tão renitentes mitos do naturalismo de província, no miserabilismo urbano ou infra-urbano. Repetem letra por letra heranças literatas e outras que afugentam quem sabe e distraem quem desconhece. Anda-se nisto e noutras coisas mais de rebuscamento e minúcia de discurso e afinal para quê? Para empatar, para adiar a explosão bem simples do sofrimento vivido.

Porque o sofrimento não é como alguns querem, apenas um lugar para a não inteligência.

O sofrimento, e não digam que não, é sempre onde tudo pode começar e regressar. Mascarado ou não, ele anda há muito e sempre à procura de nomes que lhe permitam o peso que lhe é devido. Um deles pode ser mesmo a alegria fictícia do utópico, lá onde vive esse imaginário mais maniqueísta que propriamente instável ou de consequências viáveis. O papel enche-se de palavras, abrem-se os panos dos palcos perante um desconforto que toca as raias do snobismo em grupos cada vez mais medrosos com a própria incapacidade de adequar o lugar ao desejo, e o sofrimento circula rotineiramente como as noites cegas de Borges de quem afinal até se gosta e muito.

Não há mapa televisivo que não ultrapasse por razões técnicas e óbvias, a penúria do texto ou o movimento do actor alarmado para o experimentalismo e já carregado de uma neurose que a todos nos atravessa sem se alcançar a catarse. Isto em termos de transposição do «real» transfigurado, ou, como agora se diz, do simulacro.

Quando vemos, tão comportadamente, a locutora a comentar em «off» o rigor da tragédia e o terror do mundo, que espaço fica para a palavra impressa num livro de fábulas febris ou de lirismos siderais, livro esse que repousa nas bancas como inofensiva coisa, já gasta pelo olhar vago ou apressado entre as novidades em biquinis italianos ou o modelo mais espartilhado de umas calças de ganga com o nome de Jesus à ilharga?

Enquanto escrevo isto, um fotógrafo italiano, um maquetista londrino, uma redactora portuguesa discutem, perto, uma proposta para vender rissóis congelados, da forma mais esteticamente estereotipada e em função do lucro antecipado. Passeamos, pois, num parque económico onde despontam, ora cogumelos ora girassóis de plástico, o que não é propriamente novidade para ninguém. Mas às vezes apetece berrar coisas incongruentes no próprio âmago do metodológico incongruente. Por razões de entropia, ou de desgraça.

Vem isto tudo a propósito de um livro de mágoas individuais e adolescentes, desses que às vezes nos caem nas mãos, como acontece quando não sabemos, ao fechar do dia, onde metê-las, de tal maneira crescem em excesso para os bolsos sem fundo de um tráfego apalermado à hora da telenovela. Existe, é certo um visível desencanto pelos amores de Lígia, essa cadelinha viva, de dentes enormes e raivosos, que não encontra assento ou poiso, para comodidade da circulação exasperada deste nosso mundo interior, curioso até ao absoluto da indiferença.

O que não acontece com o livro em questão. Aqui toca-

NOTÍCIAS ● NOTÍCIAS ● NOTÍCIA

Fernando Guimarães

Manuel Alberto Valente

A EDITORA «O OIRO DO DIA» **publicou o número dois da sua colecção de poesia «Obscuro Domínio» (iniciada há alguns meses com «Instrumentos para a Melancolia», de Vasco Graça Moura). É um volume contendo toda a obra poética de Fernando Guimarães feita desde 1952 e até 1980, e titula-se simplesmente «Poesia», com a indicação destas datas, subtitularmente. O ano de 52 refere-se a um texto publicado então na revista «Eros», e oportuna e pertinentemente recuperado para aqui: é que trata-se podemos dizer, duma «auto-poética» do autor. Título: «Narciso e o Encontro da Morte». O ano de 80 é a data do poema «De onde vimos? Quem somos? Para Onde Vamos», inédito até agora. Os restantes livros aqui incluídos são «A Face Junto ao Vento», estreia do poeta em 56; «Os Habitantes do Amor», de 59, e «As Maõs Inteiras», de 71. A outra sequência, «Como lavrar a terra», já tinha sido incluída no volume «Três Poemas», juntamente com os primeiros livros do autor, reunidos com ela em volume publicado em 75. Quanto a «Mito», saira em plaquete, aqui há dois anos. Sendo embora uma presença algo discreta na cena poética portuguesa dos últimos vinte, trinta anos, Fernando Guimarães nem por isso deixa de**

&etc

-se mais fundo nas águas (ou no álcool) da impura sobrevivência. Aqui, não se trata já de preencher os residuais espaços de uma mala cheia de factos verosímeis, mas de assumir a ausência de mala, de factos, de verosimilhança. Nem dele se ergue, imitativo, o rumor filósofo de um velho que imagina ver, na sua cegueira, a areia do tempo acumulando a mitologia de políticos e homens de batalha ou a suspeitosa radiografia das milongas abstractas numa biblioteca a abarrotar e que só espera por mão incendiária.

Ainda não e ainda bem.

Porque, segundo no livro se afirma, «destruir tudo é a única alegria. Os melhores de entre os mortos virão depois para começar.» E se este apocaliptico aforismo surge na boca do narrador como resposta à hipotética pergunta da mulher sobre a razão do seu choro, ele é ainda o gesto do homem «que inverte o sentido do corpo para recolher com a boca» o copo de álcool que alguém deixou no chão. Malabarismo doloroso feito de dádiva ou de esforço vital sob os impulsos sujos que provêm, ainda, do perdido bardo.

E o homem «volta a erguer-se e serve o líquido à medida que como um bardo se levanta». Ou como um bárbaro.

«Bardo» de José Amaro Dionísio.
Colecção & ETC

Armando Silva Carvalho

AS • NOTÍCIAS • NO

aparecer, a um reexame que se faça de correntes, tendências e obras mais representativos e significativas, uma referência de evidente primeiro plano. A relativa ou aparente discreção que aqui julgaríamos ver deve-se talvez ao facto de Fernando Guimarães ser um crítico e ensaista de fundos conhecimentos e largos recursos interpretativos, interessado mais sistematicamente em determinado período da poesia portuguesa (o simbolismo, o modernismo, por exemplo), mas também nas correntes e nas tendências mais recentes (anos 60 e 70). À obra crítica do autor – a que será mais correcto chamar ensaismo crítico –, ainda aqui há algumas semanas este suplemento se referiu, a propósito da reedição dum livro, «O Poesia da presença e a aparecimento do neo-realismo. Outro título de obrigatória referência, tratando-se do que há neste domínio e nos últimos tempos em Portugal, é «Linguagem e Ideologia», publicado em 72. Supõe-se que esta edição (da extinta Inova) ainda se encontra em restantes exemplares nas livrarias. Entretanto, e no domínio da ensaística, na bibliografia do autor há outro título anunciado: «Simbolismo, Modernismo e Vanguarda».

MANUEL ALBERTO VALENTE **publicou o seu quarto título de poesia: «Sete (Desen) cantos». É uma plaquete, chancela «O Oiro do Dia», com um desenho de Joaquim Vieira. Valente apareceu em 66 com «Cartas para Elina», voltou quatro anos depois com «Viola Interdita», e o terceiro livro é «Os Olhos de Passagem», com data de 76. O autor,**

Continua na pág. 4

Monólogo no País de Odin

por Kostas Valetas

A linha de montagem aqueceu e instalou-se no seu ritmo regular. Foram precisos três minutos para os operários desentorpecerem os músculos e libertarem-se do torpor matinal.

Às sete horas e trinta e quatro minutos exactamente, a oficina atingiu o seu ritmo habitual.

Roqueta – roqueta guolpe.

E assim até ao sinal de paragem do meio-dia. Até à primeira vibração da campainha eléctrica, precisamente às onze horas e quarenta e cinco minutos.

Roqueta – roqueta guolpe.

A fábrica de peças mecânicas erguia-se à beira de uma floresta, no interior da Suécia.

O pequeno povoado fica a três cigarrilhas a pé e a dez minutos de automóvel. Sete mil almas. Quase todos tinham alguma relação com a fábrica. Os antigos habitantes, baixos e taciturnos, mostraram-se inacessíveis quando as máquinas e os seus operários lhes vieram perturbar a quietude, poluir a floresta, incomodar as divindades que ali se haviam refugiado há muitos séculos.

A linha de montagem recomeçou a funcionar. Ainda se ouvia retinir a campainha eléctrica do meio dia e meia hora, termo da interrupção para o almoço. E de novo:

Roqueta – roqueta guolpe.

E assim, sem parança, até às dezasseis horas e quinze minutos.

Mas às quinze horas e vinte e oito minutos feriu-se Paraskévas Pantaléakis, originário de uma aldeia do Parnon, e começou a berrar.

Ergueu os braços, como para invocar Odin. Gritava e gemia e dava punhadas na linha de montagem que parara por causa dele.

Tinha a idade de Cristo – quando subiu ao Gólgota – Pantaléakis, quando começou o seu monólogo no país de Odin. Mas sentia-se muito fatigado.

Aos sete anos, principiara a sua odisseia. O pai carregava-o com madeira do Parnon. Depois desceu até Esparta, e depois foi para outras terras. E daí para outras.

Que dizia Paraskévas Pantaléakis?

E, para já, com quem falava?

Com os operários suecos da secção de montagem ou com as máquinas? Ou rezaria a Odin?

Em volta a floresta aprumava os corpos da sua verdejante população de árvores, em silêncio na atmosfera gelada.

Algures, nas cercanias, onde o tempo sopra, Odin pediu a uma Sibila que lhe dissesse o destino da terra e dos deuses. E a Sibila respondeu que o céu extinguir-se-á e o mar transbordará e cobrirá a terra firme. Os céus abrir-se-ão cuspindo estrelas e fogo. Quem sabe que palavras terá pronunciado Paraskévas Pantaléakis durante o seu monólogo no país de Odin! Talvez para dar a mesma resposta da Sibila...

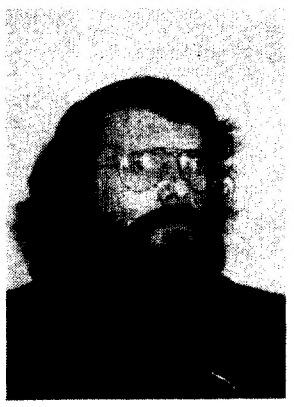
Ninguém o entendeu. O que disse, disse-o na sua língua. Às quinze horas e trinta minutos, a fábrica voltara a laborar. Dois ou três camaradas de trabalho levaram-no para fora da oficina e deram-lhe um chá.

E o roqueta-roqueta das máquinas continuava, dominador, interminável.

(Traduzido do grego, através do texto francês de Roger Salomon, por Urbano Tavares Rodrigues)

«Direitos do Homem»

A série de desenhos «Direitos do homem», de Herbert Sandberg, que denuncia a violação dos direitos onde quer que ela se exerça com mais violência, seja a dos mercenários americanos, do regime de Pinochet no Chile, dos racistas da África Austral ou das armas de destruição massiva dos Estados Unidos, como a bomba de neutrões.



Um poema inédito

Calamidades (IV)

de

J. H.

Santos Barros

A violência económica exerce-se, com o poder
do Grande Olho, a televisão, recomendando
calma ás classes
economicamente desprotegidas
«socialmente desfavorecidas»
politicamente dominadas.
Eis que a secretaria da Família promete arrejanhar os mendigos,
não quer que eles entrem para a CEE. Um hospital
algures os espera, o isolamento, o campo,
a concentração necessária para a morte estatizada.
Diziam dos seus grandes medos, outrora há poucos meses,
os governantes que vomitam ódios nas assembleias que erguem por toda a parte
nas famílias, agora que regressam ao poder.
«O custo de vida aumenta e o povo não aguenta» sai o povo
à rua para não dizer isto, reformando os sentimentos revolucionários
nos jardins e praças por que passa a manif. disciplinada.
Eis que dirão que traíste, excluído que te fizeste,
à medida da massa desempregada,
das muitas peças teatrais sem talento encenadas nas ruas
que se fecham à espontaneidade. Sobem os preços
e o teu coração inflaciona-se com a escassez da ternura
que vai haver este Inverno.
Nem te lembres de que à margem, num país ocultado ao
poder sindical, o povo verga um pouco mais
ao peso da crise e dos que a usam. Mas não serás cínico,
e dirás que usas a crise para teu sustento,
sem nenhuma obrigação.

JOHANNES R. BECHER

Homem político e escritor (1891-1958)

O nonagésimo aniversário do nascimento de Johannes R. Becher, a 22 de Maio passado, foi comemorado na RDA com várias homenagens. A primeira foi a conferência sobre o tema: «Opções literárias de Johannes R. Becher – A sociedade socialista e a sua literatura», no âmbito da qual várias obras foram publicadas e diversas exposições se realizaram. Por exemplo, os Arquivos Becher da Academia de Belas-Artes da RDA lançaram o 18° volume da edição das obras de Becher, enquanto as edições «Insel-Verlag» publicaram um volume de correspondência e as edições «Volk und Wissen» uma biografia de Johannes R. Becher.

O museu Johannes R. Becher, em Berlim, reabriu as suas portas e foi inaugurado um museu na sua antiga casa de Bad Saarow. As exposições traçam a vida e a obra do escritor e do homem político, tal como é visto na RDA: um dos representantes mais prestigiados da literatura socialista nacional alemã e um responsável político da classe operária revolucionária em matéria cultural. Vários poemas seus figuram no programa das escolas da RDA. Pode-se dizer que o seu exemplo é duradoiro.

Um dos princípios adoptados pelo jovem escritor era o de que só pode haver uma maneira de escrever, fazer política. Impelido pelas suas convicções políticas, rompeu com as suas origens burguesas. Compreendera que a literatura estava indissociavelmente ligada aos interesses sociais. Com paixão e dureza, Becher insurgiu-se contra a evolução do capitalismo e a Primeira Guerra Mundial. Tornou-se um porta-voz do expressionismo, revoltou-se contra o mundo burguês, procurou novos modelos de expressão e novas formas . Os «Ensaios de peosia e de prosa» (Versuche in Lyrik und Prosa) reunidos nos dois volumes «Decadência e triunfo» (Verfall und Triumpfh), (1914), são os melhores testemunhos desta vontade do jovem Becher.

Johannes R. Becher saudou a Revolução de Outubro na Rússia e começou a interessar-se intensamente pelo marxismo-leninismo. Pouco tempo depois, aderiu ao Partido Comunista da Alemanha, decisão que iria influenciar de modo decisivo a sua vida e a sua obra e que se traduziu no engajamento político e literário ao serviço da classe operária. As obras de Becher, que alertavam contra a militarização e a radicalização da República de Weimar, valeram-lhe ser citado perante os tribunais por alta traição, acusação que só foi retirada com os protestos nacionais e internacionais de 1928. No mesmo ano, constituiu-se a Liga dos Escritores Revolucionários Proletários, da qual foi um dos membros fundadores e principais teóricos, Johannes R. Becher.

Becher foi um dos escritores cujas obras foram queimadas pelos nazis de 1933. Como muitos outros intelectuais, foi obrigado pelo fascismo a deixar a pátria. «Foi o maior sacrifício que alguma vez tive de fazer», viria ele a reconhecer. Estabeleceu-se na URSS depois de ter estado na Áustria, Suíça, Checoslováquia e França. Durante o exílio, a sua arte consolidou-se e tornou-se o poeta do povo, inscrevendo-se na linha da literatura clássica alemã (por exemplo, «Despedida» (Abschied), «Batalha de Inverno» (Winterschlacht). Os seus poemas sobre a natureza e as paisagens estão entre o que há de mais belo em língua alemã no género.

Becher desenvolveu inúmeras actividades para mobilizar os escritores antifascistas na acção contra o fascismo. Foi em particular um dos fundadores da organização do congresso internacional dos escritores para a defesa da cultura, em 1935, em Paris e foi durante muito tempo chefe de redacção da revista «Literatura Internacional» editada em Moscovo, que continuou a aparecer durante a guerra. Em Junho de 1945, Becher regressou à Alemanha liberta do fascismo.

Membro do comité central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, fundador e presidente da «Liga cultural para a primavera democrática da Alemanha», na Academia das Belas-Artes e na União dos Escritores, a partir de 1954, primeiro-ministro da Cultura da RDA, Becher multiplicou as actividades com vista à formação de uma cultura socialista da RDA. Foi também em dos porta-vozes da frente mundial dos homens da cultura para a paz nos anos quarenta e cinquenta.

Nessa época, escreveu várias obras maiores da cultura, da arte e do modo de vida socialistas, por exemplo, «Agenda 1950» (Tagebuch 1950) e os quatro tomos dos seus «esforços» (Bemuhüngen), que surgiram entre 1952 e 1958. Becher desenvolveu o seu modo poético para chegar a verdades sobre a arte e sobre as suas modalidades durante a transição para o socialismo. As suas reflexões sobre a «sociedade aberta à literatura» ilustrando números relações entre as artes e a sociedade, tiveram longa influência sobre a evolução cultural na RDA.

Becher nunca negou que os encargos e as particularidades do seu trabalho social eram prejudiciais à sua obra literária. Mas também disse quanto a sua profissão fora necessária e útil a uma abordagem literária do mundo. A sua obra é a ilustração disso, concretiza a unidade da sua acção literária infatigável na luta pela paz, pela classe operária e pelo belo na literatura. •

Uma sessão de autógrafos numa livraria da República Democrática Alemã

O país da leitura

Há já vários anos que a República Democrática Alemã desfruta da reputação internacional de «País da Leitura». Segundo o ministro da Cultura daquele país, Klaus Kopke, essa reputação «não sofrerá qualquer quebra no ano corrente». As editoras estão prontas a lançar nos escaparates livros sobre um sem número de temas, que vão desde problemas da indústria, da agricultura, da ciência, do ensino, da economia, etc., atè às obras de ficção, história e poesia. Alguns nomes e algumas obras: Gerhard Holtz-Baumert «Presença obrigatória», Max Walter Schulz «A aviadora ou o fim de uma lenda», Bernhard Seeger «O tocador de harmónica», Helmut Sakowski «Maldito e amado», Erik Neutsch «Forster em Paris», Helmut H. Schulz «A herança», Jurgen Kuczynski «Cartas ao meu neto», etc. Os romances (50% das edições planificadas) reflectem um certo ponto de vista épico, embora muitos se não prescindam da reflexão sobre a realidade socialista. Estão neste grupo, por exemplo, «Os carris partidos», de Jurgen Hopfner, «O individualista», de Harry Kampling, e «Barackencarlos», de Jurgen Ritschel. Quanto a números, na década de 70, foram publicados um pouco mais de 5 mil títulos, com uma tiragem de cerca de 120 milhões de exemplares. Para a presente década, prevê-se a publicaç˜ o de mais de 6 mil títulos, atingindo a tiragem os 140 milhões de exemplares. Um título em cada seis é de origem estrangeira. (Especificando: um em cada três livros de ficção e poesia é também de outro país). No lustro imediatamente a seguir à Conferência de Helsínquia (1975), publicaram-se no país 3261 obras procedentes dos países capitalistas. Entre esses livros, 2280 são de poesia e de ficção.

Os monumentos pela noite

Continuação da pág. 1

mico em que se possam reflectir. Mas nada: número após número, átomo após átomo, tudo decorre na mais profunda indiferença, magoando a nossa sensibilidade e eco nenhum acordando na diminuta inteligibilidade que é a nossa.

Ora como resolver esta dor por algo de consciente que porventura exista ou não para além da superfície da Terra...? Quer-nos parecer que dois caminhos nos são propostos: ou o da nossa indiferença pela indiferença universal (comer e evacuar para que se possa aceitar e viver o Limite); ou, então, o de admitirmos a dimènsão da nossa ignorância como ponto de partida para uma mais vasta compreensão do nosso posicionamento no Universo (aceitar e viver, enfim, o Sem Limite, exemplificável na busca aluciante e sem repouso da raiz quadrada de dois, inatingível por mais multiplicações que se façam de uma quantidade por outra quantidade). Esses dois caminhos, paradoxalmente, são materialistas. O primeiro assenta, embora pela negativa, na realidade quotidiana – e o segundo assenta, embora tocado da impossibilidade de atingir as últimas comsequências, no **voo** que ao longo dos tempos sempre habitou o cérebro humano. Se aceitarmos estes dois caminhos, e se o primeiro for complementar do segundo e o segundo complementar do primeiro, talvez possamos calar o grito dos monumentos à superfície da terra – e teremos então as Pirâmides na pura geometria do seu equilíbrio e os Pelourinhos das nossas praças na quietude da sua verticalidade...

Duas linhas se podem extrair de ambos os caminhos que porventura nos propunhamos seguir: do primeiro, quotidiano, uma linha que designaríamos por **linha de subsistência** para manutenção de segundo caminho; e deste, de organização superior, espácio-temporal, uma linha que titularíamos de **linha de ignorância,** não subjectivamente, mas na acepção física do termo. Isto é: se a Física Clássica admitia três dimensões, e a Física Moderna assenta em quatro, essa **linha de ignorância** seria uma quinta dimensão para que os fenómenos ainda não inteligíveis (e até nem sensíveis a nós a nível da consciência) se não percam no grito desolador dos monumentos à superfície da Terra.

Porque numa coisa temos de acordar, ó Pirâmides, ó Pelourinhos, ó noite em movimento, ó chávena de café quente: **a realidade não é realista.** Há mais equações para além do imediato – e só através dessa quinta dimensão, dessa infinita dimensão aqui designada como sendo a da ignorância de uma poética que nos liberte de hábitos adquiridos, é que se nos torna possível uma constante, e sempre adiantada, explicação para as coisas. Se não for assim, se não aceitarmos essa quinta dimensao (tal como a Matemática aceitou a noçao de zero, símbolo do nada que, segundo Bento de Jesus Caraça, «é uma das maiores aventuras da razão»), se não aceitarmos a dimensão da ignorância como um dado físico (irmã dos números incomensuráveis proporcionados pela busca da raiz quadrada de dois), então sentir-nos-emos entre muros, simples gato sob as estrelas, emparedados, com o crânio fechado em si e o sangue a bater nas têmporas o grito isolado dos monumentos à superfície da Terra. Nesse caso, sem outra alternativa, cumpriremos a trajectória implacável da justiça da solidão: sairemos solenes das Pirâmides para ficarmos inertes nos pelourinhos.

Pedro Alvim

NOTÍCIAS • NOTÍCIA

Continuação da pág. 3

na orelha deste «Sete (Desen) cantos» diz que tem em preparação dois novos livros: «Cabo do Mundo» e «Andamento Primeiro». O primeiro será uma colectânea de poemas inéditos. No segundo estará uma selecção de poemas, reelaborados, dos livros até então dados à estampa.

A IMPRENSA NACIONAL – CASA DA MOEDA **foi recentemente distinguida em Itália, em Milão, com um prémio, o «Il Libro d'Oro». Prémio repartido, é certo (com outras editoras, da RFA, da Suiça, da Bélgica, da URSS, da Itália), mas, de qualquer modo, uma distinção. Valeram-na fundamentalmente dois livros: «Imagens para Luís de Camões», uma colecção de poemas de poetas portugueses de hoje e de peças picturais de artistas portugueses de hoje, uma concepção gráfica de Sebastião Rodrigues; e «Ode à Música» de David Mourão Ferreira, concepção gráfica de Armando Alves. A notícia lê-mo-la no semanário «Expresso»**

AINDA VIDA, **de André Ala dos Reis, é um livro póstumo. Editaram-no amigos do autor, no âmbito das actividades da Associação dos Antigos Alunos da Escola Primária da Freguesia de Glória, de Aveiro. Ala dos Reis, segundo uma circular que acompanha o livro, «morreu com pouco mais de trinta anos com abundante trabalho produzido, mas pouco dele editado. Estudante da Universidade de Coimbra, onde viria a licenciar-se em Germânicas, foi sempre brilhante. Mas morreu, quando tudo, quase, dele se poderia esperar». Não chega para garantir a qualidade dos poemas apresentados, mas regista-se. A edição vem ilustrada por artistas de Aveiro.**

MORREU **há cerca de um mês o escritor norte-americano William Soroyan. Dir-se-á que este nome é suficiente conhecido para não valer a pena dizer de quem se trata, o autor, num breve registo. No entanto, pode dar-se o caso de alguém menos familiarizado não saber, por exemplo, que Soroyan é um dos mais interessantes contadores de histórias da literatura dos Estados Unidos neste século – suprindo grandemente em imaginação inventiva o que porventura lhe faltaria em talento criador. Duas ou três gerações tiveram nele e na sua obra uma referência fundamental, e alguns dos seus livros foram traduzidos e publicados em Portugal. Lembremos, por exempo, «Um Dia no Crepúsculo do Mundo», «O Assírio», «Longa Viagem, Boa Carripana», «O Indio do Packard», «O Meu nome é Aram» e «OK Baby, o Mundo é assim». Provavelmente, os mais destes títulos já há muito que desapareceram das livrarias, excepto, cremos, o «Um Dia...» (edição Ulisseia). A título de curiosidade, lembre-se que a acção de «O Assírio» passa-se em Lisboa e reporta-se à passagem do escritor pela capital portuguesa em 1949.**

A IDEIA, **revista de cultura e pensamento anarquista publicou recentemente o seu duplo número 20/21. Escapando aparentemente aos interesses mais imediatos deste suplemento, faz-se aqui o registo da revista pela razão óbvia de qu não se concebe o binómio o dualidade «ler/escrever» fo daquele âmbito nacional onc as chamadas ideias se situam. Este número duplo (que se vende ao preço de 80 escudos) tem 120 páginas e traz uma boa dezena de textos sobre assuntos e temas vários – revolução, movimento antinuclear, Kròpotkine, Brasil Hoje, aborto e tolerância, e outros. A redacção e a administração de «A Ideia» são contactáveis através do Apartado 3122, 1303 Lisboa Codex.** •